

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO

**MUSEU DE UMA PESSOA SÓ:
A (RE)EXISTÊNCIA PELA MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL**

CURITIBA

2025

ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO

**MUSEU DE UMA PESSOA SÓ:
A (RE)EXISTÊNCIA PELA MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL**

**ONE PERSON MUSEUM:
THE (RE)EXISTENCE THROUGH MEMORY AND CULTURAL HERITAGE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Curitiba, na Linha de Pesquisa: Mediações e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa.

CURITIBA

2025



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO

MUSEU DE UMA PESSOA SÓ: A (RE)EXISTÊNCIA PELA MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 26 de Junho de 2025

Dr. Ronaldo De Oliveira Correa, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, Doutorado - Universidade de São Paulo (Usp)

Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 26/06/2025.

*Á Geni, Joice, Brian e Tereza Joana de Freitas (em memória)
minha eterna gratidão.*

*Dedico a toda menina mulher de pele preta que veio antes de mim.
Recado para aquelas que virão: nunca desistam de sonhar,
toda conquista tem a sua importância.*

*“Aos incansáveis trabalhadores anônimos de museus”
(PARANÁ, 1988, p. 1)*

AGRADECIMENTOS

Houve um tempo em que achei que nunca chegaria à universidade, principalmente no período em que morava em Diadema (SP) — muito menos que um dia cursaria um mestrado em uma **Universidade Pública**. Após diversas tentativas, esta é a prova de que consegui realizar um desejo, um sonho.

Estes parágrafos são insuficientes para demonstrar a gratidão às pessoas que fizeram parte dessa importante fase da minha vida. Antecipadamente, peço desculpas àquelas que não estão mencionadas nestas linhas — saibam que, ainda assim, estão presentes no meu pensamento e na minha gratidão. Foram muitas as contribuições para esta caminhada, marcada por percalços, uma cirurgia, dois episódios de Covid-19, lágrimas, alegrias, boas surpresas e muito aprendizado.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Professor Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa, por sua sabedoria, generosidade e pelo compartilhamento de conhecimentos que me guiaram ao longo desta trajetória. Sou profundamente grata pela paciência, gentileza, compreensão e, sobretudo, pelo incentivo constante que tornou possível a conclusão desta dissertação. Minha eterna gratidão e admiração por não me deixar desistir e por acreditar, sempre, que eu seria capaz.

Agradeço também aos(as) colaboradores(as), às pessoas entrevistadas, às interlocutoras e aos interlocutores, Yánsàn, Òsoosì e Ibeji que compartilharam suas experiências profissionais e de vida. Obrigada pela disponibilidade e generosidade em dedicar seu tempo e por relatar vivências e percepções que foram essenciais para esta investigação. Sem suas histórias e memórias, este trabalho não seria possível.

Às Professoras Dra. Maria Cristina O. Bruno e Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz, que integraram a banca de qualificação e defesa, registro meus sinceros agradecimentos pelas valiosas sugestões e inspirações. Sou grata pela leitura atenta, pelas excelentes contribuições que ajudaram a orientar os caminhos da pesquisa e, principalmente, pela gentileza com que acompanharam este percurso.

À coordenação do curso e aos/às professores/as do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE), meu agradecimento pelo papel fundamental que desempenharam nesta trajetória acadêmica e no desenvolvimento desta dissertação. Estendo

também minha gratidão a todas e todos os(as) colaboradores(as) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná pela cooperação ao longo do caminho.

Aos meus colegas do PPGTE — mestrandas(os) e doutorandas(os) — agradeço pelo compartilhamento, pela paciência e pela colaboração ao longo dessa jornada. Um agradecimento especial a Liziane Regina Gomes Sytnik, Vanessa Cauê Krugel, Gisele Cristina Silva Maestrelli, André Barroso da Veiga, Flora Clarissa Cardim Pimentel e, principalmente, a Aduino Cruz de Souza, que esteve sempre disposto a ajudar, especialmente com as questões burocráticas do programa.

Ao grupo de estudos e ao seminário de orientação coordenado pelo Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa, agradeço pelos momentos de partilha e aprendizado. De forma especial, agradeço aos colegas Carolina Haidee Bail Afonso Rosenmann, Ariadne Grabowski, Vinício de Oliveira Costa, Julio Teodoro, Lariane Casagrande, Tais Dyck e Patrícia Salles, pela convivência e pelas trocas tão significativas ao longo desse percurso. O grupo foi um espaço de aprendizado valioso.

Ao grupo de pesquisa Design & Cultura, expressei minha gratidão, em especial à Profa. Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz, ao Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa e ao Prof. Kando Fukusima, por proporcionarem um espaço de reflexão coletiva, provocações e debates sobre os mais diversos temas, objetos e métodos de estudo.

Aos colegas e amigos de trabalho — alguns dos quais levei para a vida — agradeço pelo apoio e incentivo ao longo dessa jornada, principalmente Valeria de Cassia Arantes, Juarez Mendes F. Porto, Margareth Pesch, Renato Augusto Carneiro Junior, Claudia Juliani, Claudio Ogliari do Nascimento, Mauricio Iellen, Claudia Inês Parellada, Kraw Penas, Franciele Bernabe, Rita de Cassia Teixeira Gusso (em memória), Ana Rosa Chaves, Aline de Souza Barbosa, Solange Candal, Rosângela Chubak, Valquiria Renk, Emanuelle Maria Izabele Caetano, Maxwell Moreira Matoso, Raisal Ramoni Rosa, Paola Carolina Polo, Sara da Silva Uliana, Rita Oriana Rolim Chamorro, Marili Azim, Paula Gonçalves Jedyne, Hanna Karolina Santos da Silva, Ana Paula Hoffmann Salata, Claudia Chipon Staude, Gabriel Vargas dos Santos, Catalina Sofia Meza Reyes, Nicole Pereira da Silva, Giovana Maria de Melo Teixeira, Elaine Cristiny Baranhuk, Emanuelle Valeriano, Andrea Tramujas, Adriane Isabelle Fagundes dos Santos, Laura Bach Margraf, Gabriella de Marafigo Kriek e Daniela Valquiria da Silva Costa. Agradeço à Karina Muniz Viana pelo “kit mestrado”, pelo incentivo e pela confiança de muitos anos no meu trabalho.

Pela ajuda nas questões burocráticas no ambiente de trabalho, que me permitiu conciliar os estudos, agradeço pela confiança, em especial a Marcela Llorente Aguilera, Gustavo Godke, Amanda Linhares, Elietti de Souza Vilela, Luciana Casagrande Pereira, Camila Simoni Junqueira, Marcos Coga da Silva e Cauê Donato da Silva Araujo.

Às amigas e aos amigos, bem como às colegas e aos colegas, agradeço pela compreensão diante dos momentos de ausência. Em especial, sou grata a Bruna Alves Ferreira Sobral Laranjeira, Daniele Cristina Santos, Vivian de Oliveira Nazário, Cristiane da Cruz, Juliana Cristina Silva e Anderson dos Santos.

Agradeço também a Ariane Azambuja Salgado, Martha Becker Morales e Tatiana Takatuzi pelos ensinamentos e pelas trocas ao longo dos processos acadêmicos. Foram verdadeiras incentivadoras, apoiadoras e colaboradoras nesta caminhada pelo universo da pesquisa.

Agradeço a todas e todos os(as) professores(as) que fizeram parte da minha trajetória, por me guiarem nos caminhos da pesquisa e do conhecimento. Sem o professor, sem o docente, sem a educação, nada é possível — afinal, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67). Em especial, a professora Viviane Panelli Sarraf que me ajudou a acessar a dissertação e a tese da Waldisa Rússio Camargo Guarnieri.

Agradeço também à minha terapeuta, Cláudia Rocha, por me acompanhar ao longo deste processo (saúde mental é fundamental!).

Agradeço a toda a minha família, em especial à minha amada avó Tereza Joana de Freitas, que faz tanta falta. Mesmo sendo semi-analfabeta, sempre me estimulou a estudar, a ser uma pessoa bondosa e a manter a fé. Também sou grata à minha mãe, Geni, por guiar meus passos rumo ao que sou hoje, pelo incentivo constante. À minha querida irmã Joice, agradeço por sempre me ouvir e, do seu jeito, me motivar. Minha querida prima Juliana, obrigada por compreender meus momentos de ausência e por sempre me apoiar à distância.

Ao meu namorado e companheiro de tantos anos, Brian, que soube lidar com muito carinho, zelo e paciência durante essa jornada de altos e baixos, meu profundo agradecimento.

Sou também muito grata às minhas tias queridas — Terezinha Aurélia da Cunha e Guiomar do Carmo Cunha — e aos meus tios Gilson Gonçalo da Cunha, Gilmar da Cunha, Geraldo da Cunha e Gilberto da Cunha (em memória), pelo

suporte constante, tão importante para o nosso desenvolvimento pessoal. A presença de vocês foi fundamental, e todo meu carinho não cabe em simples agradecimentos.

Sem dúvida, sem o apoio de toda a minha família, teria sido muito difícil vencer este desafio. Sei o quanto vocês não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida, e alguns talvez nem imaginassem a força e a coragem que me transmitiram.

Enfim, agradeço a todas e a todos aqueles que, de alguma forma, diretamente ou indiretamente, me ajudaram e apoiaram até aqui.

Um agradecimento especial à gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2004/2005), que me proporcionou a oportunidade de ingressar na universidade. Fui a segunda pessoa da minha família a alcançar esse feito. Sou, com muito orgulho, fruto do PROUNI!

Este trabalho só fará sentido na medida em que for apropriado. A todas e todos os possíveis leitores e leitoras, agradeço o interesse e desejo sucesso em suas pesquisas.

Por fim, agradeço a Deus, a todos os santos e orixás, pela força e pela fé que sempre me ampararam — uma fé que aprendi com minha avó.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa,
por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire
(2005, p. 69)

[...] é possível dizer de modo contundente:
“A museologia que não serve para
a vida não serve para nada.”

Mario Chagas
(2018, p. 310)

RESUMO

NASCIMENTO, Ellen Cunha. **Museu de uma pessoa só: a (RE)Existência pela memória e pelo Patrimônio Cultural**. 2025. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

Esta pesquisa está concentrada nas(os) profissionais/servidoras(es)/trabalhadoras(es) que atuam em instituições museológicas municipais, os quais, de alguma forma, tentam estabelecer as relações materiais e simbólicas junto às comunidades em que atuam. Com essa premissa, a investigação objetiva, a partir de conversas e entrevistas, compreender quais são as dificuldades, desafios, disputas e boas iniciativas na prática profissional em uma instituição museológica pública municipal. Também foi o intuito desta pesquisa problematizar os artefatos legislativos e técnicas que, por vezes, impactam nessas práticas. Ainda, analisar como as vivências desses profissionais influenciam em questões práticas e técnicas obrigatórias da atuação diária nos museus. Para isso utilizou-se a metodologia da história oral temática, a fim de realizar uma pesquisa empírica apoiada no ponto de vista individual, expresso durante a entrevista, e que norteou as reflexões da investigação. A presente proposta articula as áreas de museologia e gestão museológica (Ciências Sociais Aplicadas) e história oral e políticas públicas (Ciências Humanas) para estabelecer relações entre a tecnologia e a sociedade. Isso posto, por conciliar tais propósitos, esta pesquisa vincula-se ao Programa de Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). Portanto, perpassando pelo espaço institucional, processo de aprendizagem, atuação profissional e relação entre o patrimônio material e cultural salvaguardado nas instituições museais, esses objetivos são compatíveis com a linha de pesquisa “Mediações e Culturas” do PPGTE.

Palavras-chave: Servidor Municipal. Museu Municipal. História oral. Museu. Paraná.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Ellen Cunha. **One person museum: the (re)existence through memory and cultural heritage**. 2025. 180 f. Thesis (Master) – Postgraduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2025.

The focus of this research are professionals/civil servants/workers, and people who work in municipal museum institutions, who, in some way, try to establish material and symbolic relationships with the community in which they work. Through conversations and interviews, the goal is to understand what are the difficulties, challenges, disputes and good initiatives of the professional practice in a municipal public museum institution. The purpose will be to problematize the legislative artifacts and techniques that may affect these practices. Furthermore, the question is how the experiences of these professionals can influence practical and technical issues that are mandatory in museums' daily work. To carry out empirical research it will use thematic oral history methodology, based on the individual point of view expressed during the interview, to guide the investigation. This proposal is connected to museology and museum management (Applied Social Sciences), oral history and public policies (Human Sciences) and aims to establish relationships between technology and society. In fact, the amalgamation of all these areas places this research within the Technology and Society Program (PPGTE) of the Technological University of Paraná (UTFPR). Therefore, exploring the institutional space, the learning process, the professional performance and the relationship between the material and cultural heritage safeguarded in museum institutions, these objectives are compatible with the PPGTE's "Mediations and Cultures" line of research.

Keywords: Municipal Server. Municipal Museum. Oral history. Museum. Paraná.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Museu Tingui-Cuera Araucária-PR	29
Figura 2 – Museu Histórico de Campo Largo	30
Figura 3 – Museu Municipal Cristòforo Colombo	31
Figura 4 – Museu de História e Arte Hélenon Borba Côrtes Maringá.....	32
Figura 5 – Fachada do Museu de História e Arte Hélenon Borba Côrtes Maringá.....	33
Figura 6 – Casa da Memória Manoel Alves Pereira Piraquara.....	34
Figura 7 – Casa da Memória Paraná Ponta Grossa.....	35
Figura 8 – Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba Telêmaco Borba ..	36
Figura 9 – Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior Tibagi.	37
Figura 10 – Extrato do Apêndice D	48
Figura 11 – Protocolo de Transcrição de Entrevista (Extrato do Apêndice A) ..	48
Figura 12 – Identificação.....	49
Figura 13 – Identificação documental aplicada nos arquivos produzidos.....	49
Figura 14 – Normas de transcrição da entrevista (Extrato do Apêndice B).....	50
Figura 15 – Extrato do quadro de temas (Apêndice G).....	51
Figura 16 – Extrato da transcrição.....	54
Figura 17 – Linha do Tempo: criação do museu <i>versus</i> eventos museológicos	69
Gráfico 18 - Denominação das pastas nos municípios paranaenses.....	79

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Descrição dos temas (APÊNDICE G)	53
Quadro 2 – Informações básicas sobre os museus - comparativo 1	82
Quadro 3 – Informações básicas sobre os museus – comparativo 2.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABM	Associação Brasileira de Museologia
BA	Bahia
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDM	Coordenadoria de Museus
COFEM	Conselho Federal de Museologia
COSEM	Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná
CPC	Coordenação do Patrimônio Cultural
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
EMBAP	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
FGV	Fundação Getulio Vargas
FNM	Fundação Nacional Pró-Memória
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MG	Minas Gerais
MINC	Ministério da Cultura
MON	Museu Oscar Niemeyer
ONU	Organização das Nações Unidas
PE	Pernambuco
PNM	Política Nacional de Museus
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
PR	Paraná
RG	Registro Geral
RIUT	Repositório Institucional da Universidade Tecnológica do Paraná
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
SC	Santa Catarina
SEEC	Secretaria de Estado da Cultura

SEM	Sistema Estadual de Museus
SIC	Sistema de Informação da Cultura
SP	São Paulo
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UI	Unidade de Informação
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UNIRIO	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Contextualização	20
1.2 Justificativa	23
1.3 Delimitação da Pesquisa	25
1.3.1 Museu Tingui-Cuera	28
1.3.2 Museu Histórico de Campo Largo	29
1.3.3 Museu Municipal Cristóforo Colombo	30
1.3.4 Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes	31
1.3.5 Casa da Memória Manoel Alves Pereira	33
1.3.6 Casa da Memória Paraná	34
1.3.7 Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba	35
1.3.8 Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior	36
2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	40
2.1 Encruzilhadas e Cruzamentos	41
2.1.1 Entrevistas	44
2.1.2 Sistematização	47
2.1.3 Transcrição	51
2.1.4 Identificação dos temas e análise das entrevistas	52
2.2 Revisão Bibliográfica	55
2.3 Revisão Teórica	59
3 (re) APROXIMAÇÕES MUSEUS E MUSEOLOGIA	64
3.1 Cenário Paranaense	77
3.2 Museus Municipais	80
4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM MUSEU MUNICIPAL	87
4.1 Primeiro Ato: (re)Existir	87
4.2 Segundo Ato: Eu-quipes e as memórias de um passado não tão distante	102
4.3 Terceiro Ato: Leitura do mundo precede a leitura do museu	112
5 ATO FINAL RE-FLEXÕES	121
6 REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE A - Protocolo de transcrição de entrevista	142
APÊNDICE B - Norma de transcrição da entrevista	144
APÊNDICE C - Ficha de acompanhamento	146

APÊNDICE D -	Roteiro de entrevista	148
APÊNDICE E -	Convite.....	152
APÊNDICE F -	Termo de autorização de uso de entrevista	157
APÊNDICE G -	Quadro de temas.....	162
APÊNDICE H -	Identificação	164
APÊNDICE I -	Ficha de Identificação dos Museus	166
APÊNDICE J -	Agradecimento	177
APÊNDICE K -	Roteiro de Entrevista x Transcrição.....	179

1 INTRODUÇÃO

Museu é o lugar ao qual me dedico — ao estudo e à prática profissional — e onde estão meus interlocutores e minhas interlocutoras. Não é ele apenas um local para salvaguarda de acervos, objetos, patrimônio cultural, mas um espaço que resgata memórias e desperta nostalgia e sensação de pertencimento. Essas reações ocorrem principalmente no recorte temático a que a pesquisa está voltada: museus históricos geridos pelo município.

Nesta pesquisa será acionado o termo patrimônio cultural para identificação de acervos, objetos e bens culturais. Segundo a publicação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM):

Entende-se por patrimônio cultural toda produção humana, de ordem emocional, intelectual, material e imaterial, independente de sua origem, época, natureza ou aspecto formal, que propicie o conhecimento e a consciência do homem [sic] sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. (Chagas; Nascimento, 2009, p. 32)

Os museus são locais onde deve ocorrer uma reflexão crítica tanto sobre a história que é retratada quanto sobre aquelas que ainda precisam ser incluídas nessa representação. É fundamental que contemplem os diversos segmentos da sociedade, possibilitando o resgate de memórias silenciadas. Assim, cumprem sua função histórica e social como espaços de difusão do conhecimento e de ampliação do olhar sobre a história local, da comunidade e da região. Por isso, são fundamentais nos processos de construção e desconstrução de memórias.

Em alguns destes museus encontramos uma pessoa só trabalhando, este é o indicativo apresentado pela primeira entrevista/conversa realizada na pesquisa. Existia apenas uma pessoa no museu naquele momento. Não havia sequer um(a) auxiliar de limpeza ou estagiário(a) para ajudar a pessoa nas atividades rotineiras do museu.

Essa afirmação é, de certo modo, uma constatação reforçada pelo que venho observando durante anos junto à Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná (COSEM)¹, nos atendimentos que realizo como servidora pública. Em várias situações já havia percebido e escutado comentários sobre o corpo técnico insuficiente nos museus municipais e na área cultural.

¹ Coordenação criada pela Lei Estadual nº 9.375/1990, que também institui o Sistema Estadual de Museus do Paraná.

Ao refletir sobre o título da pesquisa, utilizo a palavra “re-existência” na tentativa de transcender as práticas e debates museológicos. Essa escolha busca invocar uma existência que precisa constantemente re-existir — uma nova forma de existir, necessária para garantir sua sobrevivência e preservação.

A palavra museu, em sua origem grega, remete à memória; no Egito, alude ao saber enciclopédico que posteriormente foi associado ao colecionismo, ao acúmulo. Segundo Le Goff (1990, p. 437), “nutrir-se da fonte da memória é nutrir-se da fonte da imortalidade”.

A memória oral, a memória individual, a memória histórica, a memória social e a memória coletiva são acionadas pelos acervos salvaguardados nos museus, lugar topográfico (Le Goff, 1990) que comunica através do tempo e espaço. Essas comunicações não podem ser convenientes ou condescendentes, permitindo que silenciamentos, amnésias ou esquecimentos permaneçam em suas memórias contadas. Ao contrário, devem possibilitar que essas lacunas sejam preenchidas pela história oral, arquivos orais e pelas histórias e memórias de vida. Parafraseando Le Goff (1990, p. 477), diria que a memória, a história e os museus salvaguardam o passado para servir ao presente e ao futuro, sendo uma memória coletiva e inclusiva.

A motivação e a definição do tema desta pesquisa estão vinculadas à minha experiência, vivência e trajetória profissional. Conforme mencionado anteriormente, desde 2012 trabalho na COSEM, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), no Paraná. A COSEM compete atuar no auxílio aos museus municipais na elaboração de documentação museológica, organização das reservas técnicas, orientação para elaboração de plano museológico e, inclusive, para criação de museus.

Com relação à minha formação acadêmica, sou bacharela em Artes Visuais pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e em Museologia pelo Centro Universitário Claretiano, especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR — Campus de Curitiba I — EMBAP). Durante o curso de mestrado, pude participar do grupo de pesquisa *Design* e Cultura (PPGTE), coordenado pela Profa. Dra. Marilda Lopes Queluz e pelo Prof. Dr. Kando Fukushima. Penso que essas filiações, profissional e acadêmica, de diferentes modos me direcionaram para a presente pesquisa.

Ao ingressar em 2023 no Programa de Pós-Graduação, a proposta submetida já estava relacionada com a minha atuação profissional. O projeto referia-se à fragilidade e à pouca adesão na utilização do sistema informatizado para catalogação e gestão de acervo museológico implantado nos museus do estado e cedido aos museus municipais, a Rede de Informações Museus Paraná - Pergamum Museus². Naquele momento o projeto versava sobre cultura material, musealização, museologia, mediações de pesquisa, e as seguintes práticas institucionais: catalogação, documentação museológica, gestão e informatização de acervo. Entretanto, foi ao cursar as disciplinas do Programa e interagir com os objetos-chave da linha de Mediações e Cultura — voltados à arte, *design*, educação, comunicação e cultura (PPGTE, 2024, n.p.) — que, após conversas e orientações com o Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa, consegui compreender com mais clareza meu propósito e objeto de pesquisa.

São muitos anos trabalhando na área, muito anos como servidora pública estadual³, sendo difícil desvincular minha atuação profissional do meu objeto de estudo e dos meus interesses de pesquisa. É exemplo disso o artigo que escrevi documentando a experiência⁴ durante o período em que trabalhei no Museu Paranaense, o museu mais antigo do estado e que está localizado na capital. Também se encontra na capital o museu mais popular nacional e internacionalmente do estado do Paraná⁵, o Museu Oscar Niemeyer, conhecido como “Museu do Olho” ou MON.

Durante o processo para compreensão do objeto de estudo, consegui entender que meu interesse, e que se tornou a proposta da pesquisa, seria

² Os acervos catalogados podem ser pesquisados pelo site www.memoria.pr.gov.br. Em 2022 publiquei um artigo relatando o processo de implantação do sistema. Conferir em: Nascimento; Carneiro Junior, 2022.

³ Assumi o cargo de agente de execução/técnico-administrativo (nível médio) junto ao Governo do Estado do Paraná em 31 de janeiro de 2006.

⁴ No relato, analisei a comunicação e o marketing institucional do Museu Paranaense (Curitiba-PR) por meio das mídias sociais, a fim de demonstrar a importância de sua utilização nas divulgações de ações e eventos. Além disso, busquei demonstrar como as mídias podem influenciar e contribuir no aumento de visitantes presenciais e no reconhecimento da instituição museológica (Nascimento, 2019).

⁵ Na pesquisa quantitativa “Cultura nas capitais” realizada em 2017 pela JLeiva (Leiva; Meirelles, 2018; 2025), dentre as pessoas que declararam ter frequentado algum “museu ou exposição” nos últimos doze meses, 49% mencionaram o MON e 4% o Museu Paranaense. Na pesquisa executada em 2024, 48% mencionaram o MON e 5% o Museu Paranaense.

responder a seguinte pergunta: quais são os desafios, as disputas e as boas iniciativas na prática profissional em uma instituição museológica pública municipal?

Para ajudar a responder essa questão, seria fundamental realizar conversas e entrevistas com servidores(as)⁶ e trabalhadores(as) que atuam nos museus municipais, com o intuito de tentar identificar e compreender as práticas, boas iniciativas, desafios e disputas encontradas nos museus em que trabalham.

Para isso seria necessário realizar as seguintes ações: mapear e selecionar os museus municipais na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) e do interior do estado; conhecer as práticas realizadas pelos servidores(as) dos museus municipais; analisar as narrativas produzidas por meio das entrevistas; identificar práticas e situações convergentes e divergentes; analisar as práticas para identificar desafios, disputas e boas iniciativas.

Inicialmente defini alguns municípios/museus que considere interessantes devido sua localização e, de algum modo, por conhecê-los pessoalmente ou profissionalmente, o que detalharei na sequência.

1.1 Contextualização

No conjunto de legislações da área de patrimônio cultural vigente no Brasil, a Lei n.º 11.904/2009 institui o Estatuto de Museus e seu artigo primeiro informa:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (Brasil, 2009, n.p.)

Assim, toda instituição que tem como finalidade preservar, estudar, pesquisar, educar e promover a contemplação do patrimônio cultural — seja ele de natureza cultural, histórica, artística, científica ou técnica — e que atua na

⁶ Na Constituição do Estado do Paraná (Paraná, 1989, n.p.), é identificado como servidor público civil, militar, estadual e municipal o indivíduo ocupante de cargo efetivo ou em comissão vinculado à administração direta, autárquica e fundacional. Nesta dissertação identifico esses indivíduos da seguinte forma: servidores(as) e/ou colaboradores(as) e/ou trabalhadores(as).

conservação, investigação, comunicação, interpretação e exposição desse patrimônio, é considerada uma instituição museológica.

Por sua vez, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) define que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos. (ICOM, 2022, n.p.)

Esta é a definição de museu aprovada em 24 de agosto de 2022, durante a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), ocorrida em Praga, na República Tcheca. Para sua formulação, foi adotada uma metodologia composta por onze etapas, desenvolvidas ao longo de dezoito meses. O processo foi conduzido de forma colaborativa, com diversas consultas públicas envolvendo a comunidade museológica, os(as) trabalhadores(as) de museus e áreas relacionadas.

Portanto, a nova definição tem como objetivo refletir o compromisso dos museus com a preservação e a divulgação do patrimônio material e imaterial, bem como estabelecer interação e envolvimento das comunidades. A definição reforça o papel da instituição na preservação e no compromisso em serem acessíveis e inclusivos em suas ações e práticas, de modo a fortalecer a responsabilidade da salvaguarda e fomento à diversidade.

A presença de termos como acessibilidade, inclusão e interação com as comunidades na definição mais recente de museus reflete uma crescente conscientização sobre o impacto que essas instituições podem exercer na promoção da diversidade cultural, da sustentabilidade e da participação ativa do público em suas ações, atividades e eventos. Além disso, põe em relevo o papel dos museus como agentes que estimulam e contribuem para o fortalecimento da identidade cultural, a ampliação do conhecimento, o desenvolvimento econômico e o exercício da cidadania.

Esta definição deixa claro que uma instituição museal não pode ser “neutra”, pois deve agregar e promover acessibilidade e inclusão, promovendo a diversidade e a sustentabilidade, congregando com a comunidade de forma compartilhada e proporcionando diversas experiências de entretenimento, educação e reflexão.

Com relação ao exercício profissional dos trabalhadores(as) dos museus, o Código de Ética do ICOM para Museus (2010) estabelece parâmetro básico e procedimentos a serem adotados pelos museus e pela respectiva equipe. Nele consta que:

os museus devem estabelecer e aplicar políticas que garantam que os acervos (tanto permanentes como temporários) e suas respectivas informações, corretamente registradas, sejam acessíveis para uso corrente e venham a ser transmitidas às gerações futuras nas melhores condições possíveis, considerando-se os conhecimentos e os recursos disponíveis. (ICOM, 2010, p. 25)

Ainda, é informado que

os museus preservam, interpretam e promovem o patrimônio natural e cultural da humanidade.

Princípio: Os museus são responsáveis pelo patrimônio natural e cultural, material e imaterial. As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este patrimônio, assim **como prover os recursos humanos, materiais e financeiros** necessários para este fim. (ICOM, 2010, p.15, grifo nosso)

Nestas citações do ICOM são informadas algumas das atividades que devem essencialmente ser adotadas nos museus, normatizando as obrigações dos responsáveis legais da instituição, os quais devem estar comprometidos em proteger e dar subsídios para o bom funcionamento das atividades a serem realizadas nas instituições.

Sobre a conduta dos(as) trabalhadores(as), é orientado que

todos os profissionais de museu devem conhecer a legislação internacional, nacional e local vigente e as condições para sua aplicação. Devem evitar situações que possam ser interpretadas como condutas profissionais indevidas. [...]

Os profissionais de museus devem desenvolver pesquisa, proteção e utilização de informações referentes aos acervos. Assim sendo, devem abster-se de executar qualquer atividade ou envolver-se em circunstâncias que possam resultar em perdas de informações intelectuais e científicas. (ICOM, 2010, p. 37-38)

Portanto, os(as) servidores(as) e trabalhadores(as) de instituições museológicas devem estar alinhados(as) às políticas e às legislações e assegurar que os acervos musealizados sejam preservados, salvaguardados e pesquisados.

Retomando a Lei Federal n.º 11.904/2009, podemos ler:

Art. 39. É obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários.

§ 1º O registro e o inventário dos bens culturais dos museus devem estruturar-se de forma a assegurar a compatibilização com o inventário nacional dos bens culturais.

§ 2º Os bens inventariados ou registrados gozam de proteção com vistas em evitar o seu perecimento ou degradação, a promover sua preservação e segurança e a divulgar a respectiva existência. (Brasil, 2009, n.p.)

Isso posto, entendemos que todo museu deve ter a documentação e a gestão dos acervos musealizados atualizadas e organizadas, sendo tais procedimentos imprescindíveis para o bom funcionamento da instituição.

Os artefatos tecnológicos legislativos e normativos supracitados demonstram e revelam como os museus podem contribuir para a sociedade, desde a preservação até a educação, incluindo a diversidade cultural e a promoção do desenvolvimento sustentável, com o dever de salvaguardar o patrimônio material e imaterial da sociedade de forma acessível e inclusiva. Por vezes, as características e tipologias desses acervos são diversificadas, e se espera que sejam cumpridas as funções da cadeia operatória, o que na museologia refere-se aos processos envolvidos para gestão, preservação, pesquisa, produção, disseminação de conhecimento, comunicação, aquisição, documentação e processos que envolvem várias etapas, a fim de que se realize a gestão museal e a salvaguarda dos acervos.

Dado esse contexto, a presente pesquisa está estruturada principalmente a partir das narrativas dos servidores(as) municipais que atuam nos museus. O intuito é conhecer suas práticas e boas iniciativas, desafios e disputas, independentemente do que algumas diretrizes e artefatos legislativos orientam.

1.2 Justificativa

A legislação exige que os acervos (patrimônio cultural material e imaterial) sejam devidamente salvaguardados pelos museus e instituições de memória; mas quem realizará essas ações? Será que os profissionais que atuam nessas instituições estão preparados para executar as legislações vigentes? Essas instituições possuem corpo técnico suficiente para realizar todas as atividades previstas em lei e no código de ética? A gestão pública possibilita condições para atuação profissional?

Alguns dos profissionais insistem e persistem em realizar as práticas museológicas para o cumprimento da lei. Sendo eles servidores(as) públicos(as),

estaduais, municipais e até mesmo de cargo comissionado, são sujeitos da práxis nessas instituições, ou ao menos tentam ser, executando as ações.

O desenvolvimento desta pesquisa contribuiu para ampliar o conhecimento na área museológica, especialmente no que diz respeito a determinadas práticas museais. Além disso, há possibilidade de que, quem sabe, ela venha a impactar a compreensão, a revisão e a formulação de legislações e políticas públicas voltadas aos museus, inclusive colaborando para uma atuação mais eficaz de um Sistema Estadual de Museus junto às instituições municipais.

Nesta pesquisa é proposto o estudo das contradições, interesses, prioridades, conexões e subalternizações a que os(as) servidores(as) e trabalhadores(as) de museus municipais são submetidos e com o que precisam conviver. Trata-se de situações que perpassam a museologia, as práticas, a atuação profissional, questões culturais, sociais e políticas, bem como a gestão pública. Esses aspectos afetam múltiplos segmentos da vida particular, comunitária e laboral.

O intuito desta pesquisa não é problematizar as práticas, técnicas e artefatos que por vezes acabam interferindo no cotidiano social dos(as) servidores(as) municipais de museus, mas investigar como as vivências desses profissionais influenciam na rotina de trabalho, proporcionando o desenvolvimento de novas práticas e iniciativas na atuação profissional, apesar dos desafios e disputas. Ainda, observar como os regramentos e as legislações interferem na prática diária, causando desconforto no ambiente de trabalho.

Ao conhecer as rotinas e vivências desses(as) trabalhadores(as), foi possível, por meio de conversas e entrevistas, compreender as boas práticas e iniciativas desenvolvidas nas instituições museológicas. Esse processo permitiu não apenas identificar aspectos positivos, mas também observar os desafios e as disputas presentes no cotidiano dessas instituições.

Os(as) trabalhadores(as) de museus municipais entrevistados(as) são os(as) mediadores(as) e responsáveis pela salvaguarda da memória e da história de uma comunidade. Portanto, essa pesquisa não se restringe aos artefatos ou às instituições, apesar de estes permearem as mediações. O objetivo desta pesquisa está concentrado nas pessoas, nos(as) servidores(as) e nos trabalhadores(as) dos museus, que, de alguma forma, estabelecem as relações materiais e simbólicas junto à comunidade em que atuam.

A pesquisa é desenvolvida com as pessoas que realizam essas ações, a partir da sua atuação profissional. Sendo mediada pelas perspectivas dos servidores(as), por suas vivências e experiências, não estando atrelada pela perspectiva das legislações e regramentos, se foram cumpridos ou não. O Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade permite analisar as relações entre os indivíduos, os sujeitos e as suas relações com o trabalho, o que inclui as possíveis angústias e ansiedades, alegrias e felicidades. Por meio das entrevistas, foram acessadas essas informações e, conseqüentemente, se pôde elaborar uma reflexão a respeito do que é trabalhar em um museu municipal.

1.3 Delimitação da Pesquisa

A COSEM foi instituída pela Lei Estadual n.º 9.375 de 24 de setembro de 1990, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura. Conforme seu artigo segundo, ela é responsável por “fomentar as atividades de pesquisa, inventário, registro, vigilância e tombamento” e, de acordo com o artigo sexto, pela “organização e a manutenção de inventários e registros do acervo dos museus vinculados ao Sistema” (Paraná, 1990, n.p.). Tanto a SEEC quanto a COSEM estão localizadas na capital paranaense.

Também estão localizados em Curitiba os equipamentos culturais⁷ e os museus geridos pela SEEC, sendo eles: Centro Juvenil de Artes Plásticas⁸, Museu Casa Alfredo Andersen⁹, Museu de Arte Contemporânea do Paraná¹⁰, Museu da Imagem e do Som do Paraná¹¹, Museu Paranaense¹² e Museu do Expedicionário¹³.

⁷ Centro Cultural Teatro Guaíra e Biblioteca Pública do Paraná.

⁸ Criado em 1953. Mais informações em: <https://www.cjap.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

⁹ Criado em 1959. Mais informações em: <https://www.mcaa.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

¹⁰ Criado em 1970. Mais informações em: <https://www.mac.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

¹¹ Criado em 1969. Mais informações em: <https://www.mis.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

¹² Criado em 1876. Mais informações em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

¹³ Criado em 1946. Mais informações em: <https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Inclusive, o Museu Oscar Niemeyer (MON)¹⁴, um dos museus mais conhecidos no estado, também está localizado na capital paranaense, fato que colabora com a força do argumento de Grabowski (2021), a seguir:

“Curitiba é, ou não é, uma das mais civilizadas cidades brasileiras?” [... Os jornais usam] a ideia de civilidade como sinônimo para descrever uma cidade bem desenvolvida [...]. o discurso de que Curitiba era uma referência no quesito “planejamento urbano”, “modernidade” e “meio ambiente”. [...] muitas destas falas [...] até hoje permeiam a memória coletiva sobre a cidade. (Grabowski, 2021, p. 34)

A cidade de Curitiba ainda carrega esse simbolismo, que perpetua o imaginário que a mídia insiste em propagar. Para potencializar essa alegoria na área cultural de Curitiba, incluindo os museus já citados, em 2002 foi criado o Museu Oscar Niemeyer (MON), que se tornou um símbolo e uma referência nacional e internacional no campo dos museus, com o prédio projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer¹⁵.

Entretanto, existem outros museus tão bons quanto, com suas especificidades e características, em outras regiões do estado, tais como: Ecomuseu de Itaipu (Foz do Iguaçu), Museu Histórico e de Artes de Ibiporã, Museu do Café (Ibiporã), Museu a Céu Aberto (Ibiporã), Museu Histórico de Londrina (UEL), Museu dos Campos Gerais (Ponta Grossa), Museu Histórico da Colônia Castrolanda (Castro), Casa Coronel Joaquim Lacerda (Lapa - IPHAN), Museu de Arqueologia e Etnologia (Paranaguá - UFPR), Museu de História Witmarsum (Palmeira), Museu de Arte de Cascavel, Museu Histórico Celso Formighieri Sperança (Cascavel) e Museu Municipal Atílio Rocco (São José dos Pinhais).

Esta listagem tem como objetivo mostrar que não é apenas na capital paranaense que se encontram museus cuja arquitetura e acervo são encantadores, impactantes e importantes para a história e a memória do estado. Em outras localidades também há museus que podem ser representativos e que salvaguardam a memória, a história, a arte, a ciência, os saberes, ou seja, o patrimônio cultural paranaense.

¹⁴ Mais informações em: www.museuoscarniemeyer.org.br. Acesso em: 23 jun. 2024.

¹⁵ Oscar Niemeyer, um dos maiores nomes da arquitetura moderna internacional, nasceu no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1907, e morreu em 5 de dezembro de 2012, aos 104 anos. O artista trabalhou em mais de 600 projetos arquitetônicos ao redor do mundo e é um dos representantes mais reconhecidos da arquitetura moderna. Ele foi também o arquiteto designado para realizar o projeto do anexo do museu, um complexo de salas expositivas popularmente conhecido como “olho”, mas que originalmente faz alusão à forma da copa da árvore araucária (Museu Oscar Niemeyer, s.d., n.p.).

Nesta pesquisa não serão destacados os museus localizados na capital e sim os que estão “à margem” de Curitiba, os museus menores, mas não menos importantes do que os localizados nos grandes centros, que gozam de maior visibilidade e notoriedade.

Conhecendo os(as) trabalhadores(as) que atuam em museus deslocados do “centro”, da capital, e direcionando o olhar para os museus localizados na região metropolitana e nos demais municípios do Paraná, pretende-se compreender, a partir das conversas e entrevistas com esses(as) trabalhadores(as), quais são as iniciativas, boas práticas, desafios e disputas no desempenho profissional no interior da instituição museal e junto à comunidade. Ao realizar o levantamento inicial para definição de município e museu, foi considerado o contato já estabelecido com a instituição, seja profissional ou particular. Inicialmente foram definidos os seguintes municípios: Araucária; Campo Largo; Colombo; Maringá; Piraquara; Ponta Grossa; Telêmaco Borba; e Tibagi.

Selecionei os que dispõem de um ou dois servidores(as) e/ou os(as) demais colaboradores(as) são estagiários(as). Apenas um desses museus possui em seu corpo técnico um museólogo, profissão regulamentada pela Lei n.º 7287/1984¹⁶. O museólogo é o profissional responsável pela elaboração do plano museológico¹⁷ e pela atuação em diversas áreas de uma instituição museal¹⁸. Caberia ao museólogo

¹⁶ Lei Federal que dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo (Brasil, 1984, n.p.).

¹⁷ Conforme o artigo 45º da Lei Federal nº 11904/2009, “o Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.” (Brasil, 2009, n.p.)

¹⁸ “I - ensinar a matéria Museologia, nos seus diversos conteúdos, em todos os graus e níveis, obedecidas as prescrições legais; II - planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins; III - executar todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus; IV - solicitar o tombamento de bens culturais e o seu registro em instrumento, específico; V - coletar, conservar, preservar e divulgar o acervo museológico; VI - planejar e executar serviços de identificação, classificação e cadastramento de bens culturais; VII - promover estudos e pesquisas sobre acervos museológicos; VIII - definir o espaço museológico adequado à apresentação e guarda das coleções; IX - informar os órgãos competentes sobre o deslocamento irregular de bens culturais, dentro do País ou para o exterior; X - dirigir, chefiar e administrar os setores técnicos de museologia nas instituições governamentais da Administração Direta e Indireta, bem como em órgãos particulares de idêntica finalidade; XI - prestar serviços de consultoria e assessoria na área de museologia; XII - realizar perícias destinadas a apurar o valor histórico, artístico ou científico de bens museológicos, bem como sua autenticidade; XIII - orientar, supervisionar e executar programas de treinamento, aperfeiçoamento e especialização de pessoa das áreas de Museologia e Museografia, como atividades de extensão; XIV - orientar a realização

ensinar sobre a museologia, realizar o planejamento para a organização e administração, além de participar das atividades desenvolvidas para o funcionamento dos museus, como na realização de coleta, conservação, preservação e divulgação dos acervos museológicos e dos bens culturais. Ainda consta na legislação que para o provimento e exercício dessas funções técnicas em instituições públicas e privadas é obrigatória a condição de museólogo.

Dessa forma, alguns dos critérios para elencar as instituições para integrar essa pesquisa foram: (1) ter prévio conhecimento de que esses museus municipais dificilmente possuem museólogo em seu corpo técnico; (2) estar ciente de que a quantidade de servidores(as) é mínima (em geral um ou dois servidores por instituição), sendo que em alguns museus há apenas uma pessoa para realizar as mais diversas ações. Apresentarei brevemente a seguir informações sobre cada instituição (Apêndice I).

1.3.1 Museu Tingui-Cuera

O Museu Tingui-Cuera é uma instituição de caráter histórico criada em 1982, vinculada à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Figura 1). Está localizado no município de Araucária, dentro do Parque Cachoeira. O espaço está aberto para visitação de terça a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h, e aos domingos, das 13h às 17h, e a entrada é gratuita.

Sua estrutura conta com seis salas de exposição (longa duração e temporária), reserva técnica, biblioteca e auditório com capacidade para 50 pessoas no piso superior. O museu oferece serviço de agendamento para grupos de visitantes. A instituição não costuma participar da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, eventos promovidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

“Tingui-Cuera” significa “local onde habitam os Tinguís que são valentes e destemidos” (Araucária Cultural, s.d., n.p.). O nome é uma homenagem ao grupo

indígena Tingui, que povoava o município. O museu já ocupou o prédio da extinta Companhia São Patrício, indústria que produzia fios e tecidos de linho, e atualmente funciona nas antigas instalações da Indústria Torres.

Figura 1 – Museu Tingui-Cuera | Araucária-PR



Fonte: Araucária Online (2023).

1.3.2 Museu Histórico de Campo Largo

O Museu Histórico de Campo Largo foi criado em 2004, vinculado à Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Cultura. Está localizado na Praça Getúlio Vargas, no município de Campo Largo. O prédio que o abriga foi construído em 1911 e já foi sede de diversas instituições (Figura 2). Depois de algum tempo, os muros foram derrubados e o entorno foi transformado em uma praça. O espaço é aberto para visitação de terça a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h, e a entrada é gratuita.

Sua estrutura conta com quatro salas e um acervo de mais de 2 mil peças, entre coleções de arqueologia, artes visuais, fotografia, numismática e tridimensionais. O local possui sala de exposições de longa duração, realiza agendamento para mediação para grupos de visitantes e participa anualmente da programação da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, promovendo mesas-redondas e palestras.

Figura 2 – Museu Histórico de Campo Largo



Fonte: Google Street View (2024).

1.3.3 Museu Municipal Cristóforo Colombo

O Museu Municipal Cristóforo Colombo é um espaço de caráter histórico criado em 2007, vinculado à Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Lazer. Localizado em Colombo, dentro do Parque da Uva, está aberto à visita de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h30, e sábados e domingos, das 13h às 17h, com entrada gratuita. Ele possui salas de exposição de longa duração, um acervo de aproximadamente 6 mil itens e não participa dos eventos promovidos pelo IBRAM.

O prédio que abriga o museu é uma réplica da “Società Italiana di Mùtuo Soccorso Cristoforo Colombo”¹⁹, de 1905 (Figura 3), local em que eram oferecidas aulas em italiano e consultas médicas, além de servir como ponto de encontro dos primeiros imigrantes italianos. Portanto, era um espaço que cumpria um papel pedagógico, colaborando para a adaptação dos imigrantes italianos ao Brasil. O

¹⁹ No período de 1905 a 1918, existiu em Colombo a Società Italiana di Mutuo Soccorso Christoforo Colombo, escola étnica viabilizada por imigrantes italianos que se estabeleceram na colônia paranaense de Alfredo Chaves, no final do século XIX (Machio, 2007). Na entrada do museu é possível observar uma placa escrita “SOCJETA JJALJANA MS Cristoforo Colombo, Fondatajl 1º Ottobre del 1905”.

nome do museu faz referência principalmente a esta sociedade italiana, mas também é o nome do italiano navegador, explorador e cartógrafo que alcançou o continente americano em 1492 por meio do Oceano Atlântico, Cristóvão Colombo (1451-1506).

Figura 3 – Museu Municipal Cristòforo Colombo



Fonte: Facebook (2022).

1.3.4 Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes

O Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes é um espaço criado em 1964, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura (Figura 4). Está localizado no município de Maringá e funciona juntamente com o Teatro Calil Haddad, compartilhando a estrutura também com a Gerência de Patrimônio Histórico Municipal (Figura 5). Aberto para visitação de segunda à sexta, das 8h às 17h, com entrada gratuita.

A instituição possui duas reservas técnicas e salas para exposições de curta e longa duração. As exposições de curta duração são realizadas mediante a necessidade da instituição ou por demanda externa. O museu pode utilizar o auditório do teatro para eventos e possui biblioteca.

Não existe equipe dedicada ao setor educativo, mas é realizado atendimento a grupos de visitantes agendados, promoção de palestras, bate-papos, semana de férias, oficinas, formações e educação patrimonial. O espaço participa anualmente da programação da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, promovendo mesas-redondas e palestras.

Figura 4 – Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes | Maringá



Fonte: Prefeitura de Maringá (s.d.).

O museu funciona no mesmo complexo do Teatro Municipal Calil Haddad e da Gerência de Cultura, configurando-se, assim, como um prédio multifuncional. Essa característica pode trazer vantagens, como a possibilidade de o público do teatro também visitar as exposições do museu. Por outro lado, o compartilhamento do espaço com diferentes tipos de público — como grupos escolares — pode gerar desafios, como dispersão de alunos, aglomerações e ruídos que interferem em visitas mediadas, especialmente quando ocorrem em salas próximas à entrada do teatro.

O patrono que dá nome ao museu, Dr. Héllenton Borba Côrtes, foi um médico nascido em 1920 e casado com Giorgina Falcão Brandão, com quem teve

sete filhos. O Dr. Héllenton contribuiu para o fortalecimento da assistência à saúde em Maringá, instalando o Posto de Higiene, construindo o Centro de Saúde, e fundando o Ambulatório Médico Odontológico Oswaldo Cruz. O médico atuou na vida política e também foi convidado para ser o primeiro Secretário de Educação, Saúde e Assistência Social. Além disso, recebeu o título de cidadão Benemérito da Maçonaria Paranaense e foi médico-chefe do Instituto Médico Legal de Maringá (Maringá Histórica, s.d., n.p.).

Figura 5 – Fachada do Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes | Maringá



Fonte: Rádio Maringá (2019).

1.3.5 Casa da Memória Manoel Alves Pereira

A Casa da Memória Manoel Alves Pereira é um museu histórico criado em 2015, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (Figura 6). Está localizado no município de Piraquara e aberto para visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 17h, com entrada gratuita.

Sua estrutura conta com salas de exposição (longa duração e temporária), 323 acervos/objetos, reserva técnica e biblioteca, a qual disponibiliza consulta local para os pesquisadores. A instituição não possui auditório. Participam da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, promovendo palestras, mesa-

redonda, lançamento de livros, atividades de Educação Patrimonial com públicos específicos, Roda Poética, em parceria com a Biblioteca Municipal, e o Projeto Chá com Memória, sobre história oral.

O nome do museu é uma homenagem a Manoel Alves Pereira, prefeito do município de Piraquara por duas vezes. O edifício foi construído entre 1925 e 1928, próximo à linha do trem, para abrigar a Prefeitura e a Câmara Municipal.

Figura 6 – Casa da Memória Manoel Alves Pereira | Piraquara



Fonte: Google Street View (2024).

1.3.6 Casa da Memória Paraná

A Casa da Memória Paraná foi criada em 1995, no município de Ponta Grossa, vinculada à Secretaria de Cultura (Figura 7). O espaço é aberto para visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, e a entrada é gratuita. Sua sede foi construída em 1894 para abrigar a primeira estação ferroviária do município. Em 1990, o edifício foi tombado, passando a integrar o conjunto do Patrimônio Cultural do Paraná.

A instituição possui aproximadamente 100 mil itens, entre acervo fotográfico, negativos e negativos em vidro. Também conta com reserva técnica, um pequeno auditório que comporta 28 pessoas e salas de exposição de longa e curta duração.

Há oferta de agendamento para visitantes, com equipe dedicada a essa função. Esporadicamente participa dos eventos promovidos pelo IBRAM, como Semana Nacional de Museus e Primavera dos Museus.

Figura 7 – Casa da Memória Paraná | Ponta Grossa



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura (2023).

1.3.7 Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba

O Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba foi criado em 1975, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Recreação (Figura 8). Localizado no município de Telêmaco Borba, junto à Casa das Artes, está aberto à visita de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h e das 13h às 17h30, com entrada gratuita.

Sua estrutura conta com duas salas de exposição de curta duração e uma de longa duração, além de reserva técnica, sendo que esta compartilha o ambiente com o setor “administrativo”. A equipe do museu realiza atendimento de mediação a grupos agendados e participa da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, promovendo palestras e bate-papos.

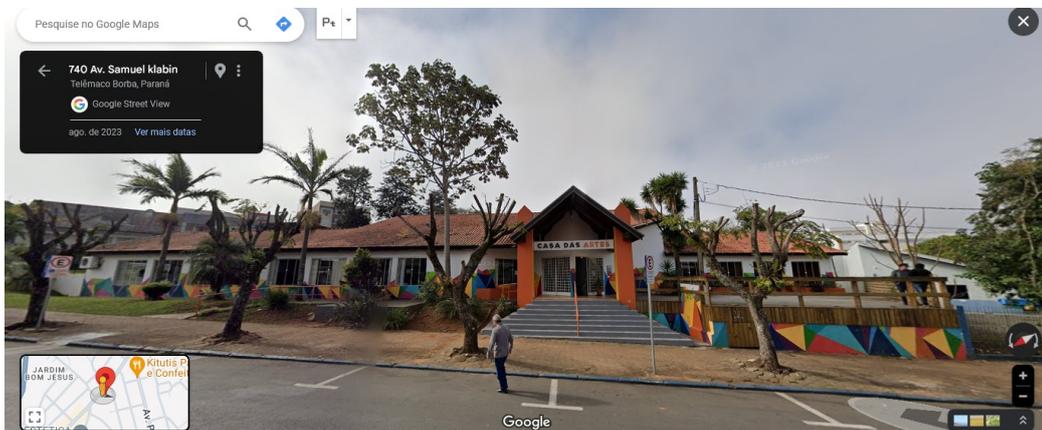
O nome atribuído ao museu e ao município paranaense é uma homenagem ao militar, político, coronel, escritor e indigenista Telêmaco Augusto Enéas Morosini

Borba, que viveu entre 1840 e 1918 e teve oito filhos. Vieira (2017) relata acerca de como ocorreu a escolha do nome:

Em 5 de julho de 1963, foi sancionada a Lei n. 4.738, criando o município de Telêmaco Borba. O nome escolhido gerou controvérsias, já que a escolha se deu por influência do então Presidente da Assembleia Legislativa Estadual, Deputado Guataçara Borba Carneiro, neto do coronel tibagiano Telêmaco Augusto Enéas Morosini Borba – contrariando aqueles que preferiam o nome da cidade atrelado à indústria. (n.p.)

Entre as diversas atividades a que se dedicou, Borba dirigiu o Aldeamento Indígena de São Pedro de Alcântara durante dez anos. Em 1878 fundou o Toldo Indígena de Barreiro e, na cidade de Tibagi, fundou o Museu do Índio.

Figura 8 – Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba | Telêmaco Borba



Fonte: Google Street View (2024).

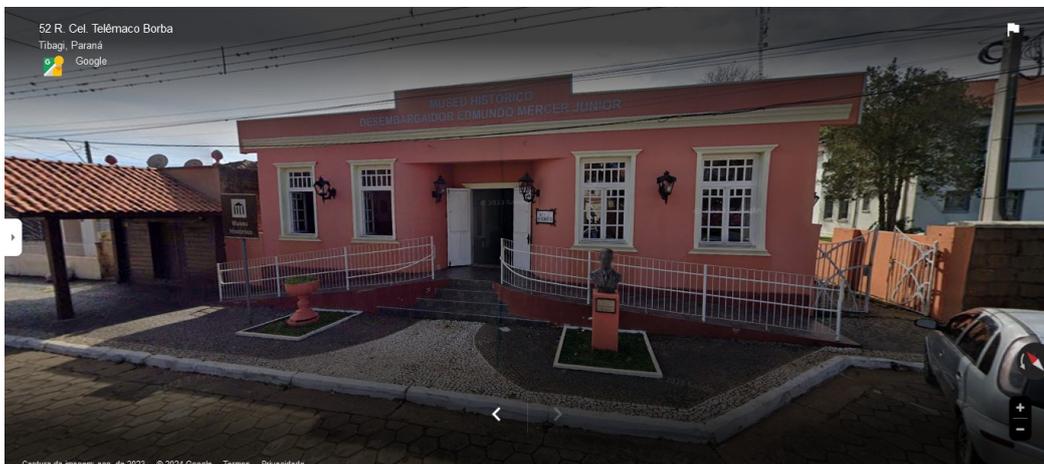
1.3.8 Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior

O Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior é um espaço criado no município de Tibagi em 1986, vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Figura 9). Aberto para visitação de terç a a domingo, das 9h às 11h30 e das 13h30 às 17h, tem entrada gratuita.

Sua estrutura conta com nove salas de exposição de longa duração e uma de curta duração, cuja programação é definida a partir de temas e sugestões da comunidade. O museu possui uma reserva técnica, biblioteca e setor educativo, realizando agendamento para visitas mediadas. Ainda, promove teatros infantis para divulgação do patrimônio cultural. Anualmente, participa da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, promovendo mesas-redondas, a es educativas, oficinas, palestras e visitas mediadas.

O nome atribuído ao museu foi uma homenagem ao jurista tibagiano Edmundo Mercer Júnior, nascido em 3 de abril de 1908. Bacharel em Direito, professor e escritor, atuou em diversos cargos, como: Prefeito de Tibagi; Promotor Público de Justiça; Procurador Geral do Estado; Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná; Corregedor-Federal de Justiça; Membro do Conselho Superior da Magistratura; Presidente da Associação dos Magistrados do Paraná; Vice-Presidente do Tribunal de Justiça (1965-1966); e Presidente do Tribunal de Justiça, quando criou o Museu da Justiça (1973-1974) (Ministério Público do Paraná, s/d, n.p.).

Figura 9 – Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior | Tibagi



Fonte: Google Street View (2024).

Esses foram os museus aos quais me aproximei para dar início à presente pesquisa e às reflexões que serão apresentadas no terceiro capítulo, intitulado “(re)Aproximações | Museus e Museologia”. O capítulo se inicia com um breve panorama do contexto museológico brasileiro, seguido da descrição de algumas situações, circunstâncias e práticas a partir do século XIX. Em seguida, são destacados trinta e oito eventos relevantes que marcaram a área museológica e cultural ao longo de 205 anos. Também é realizada uma breve análise da organização municipal dos órgãos responsáveis pela gestão cultural dos museus previamente selecionados para a pesquisa. Este capítulo representa uma tentativa de compreender o universo em que estão inseridos esses museus municipais.

No Capítulo 2, são apresentadas as filiações a determinados(as) autores(as) que orientaram a organização e sistematização da pesquisa. Justifica-se, também, a forma adotada para a identificação dos(as) interlocutores(as), de modo a preservar

sua privacidade e evitar exposições indevidas. O capítulo explicita a sistematização adotada para o planejamento, organização e realização das entrevistas, bem como os documentos elaborados para registro e acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa. Por fim, aborda-se o processo de transcrição das entrevistas e a revisão bibliográfica realizada, que subsidiou a posterior revisão teórica.

O Capítulo 4, intitulado “Atuação profissional em museu municipal”, está estruturado em três atos, cada um protagonizado por um(a) dos(as) interlocutores(as) desta pesquisa: Iansã, Oxóssi e Ibeji. Os relatos foram articulados com contribuições de diversos(as) autores(as), de modo a favorecer a compreensão e a reflexão sobre situações vivenciadas e compartilhadas por esses(as) profissionais de museus, que apresento ao longo do capítulo. No ato final, o Capítulo 5, encerro as reflexões da pesquisa, compartilhando percepções, considerações e ponderações que emergiram ao longo do percurso.

Minhas vinculações e trajetórias possibilitaram a construção de caminhos e direcionamentos que fundamentaram esta pesquisa, centrada nas pessoas — nos(as) servidores(as) e trabalhadores(as) dos museus. A partir de conversas e entrevistas, busquei compreender quais são as dificuldades, os desafios, as disputas e as boas iniciativas que permeiam a prática profissional em instituições museológicas públicas municipais.

Neste contexto, a prática profissional é entendida como a aplicação de conhecimentos, competências e habilidades adquiridas por meio da formação acadêmica, do treinamento ou da experiência cotidiana no ambiente de trabalho. Já as boas iniciativas ou boas práticas são consideradas como um conjunto de procedimentos eficazes para a atuação na área museal. Ambas estão diretamente relacionadas à realização da cadeia operatória museológica, que envolve as dimensões da educação, preservação, pesquisa e comunicação.

Desloco o meu olhar dos acervos para as “gentes” que contribuem para sua salvaguarda. Parafraseando Corrêa (2008, p. 21), busco apresentar esses(as) servidores(as) para além da fantasmagoria com que, por vezes, são representados(as), reconhecendo-os(as) nesta pesquisa como atores-autores (e atrizes-autoras) de suas próprias performances diante das gestões públicas. Isso em um espaço onde geralmente são classificados apenas como servidores(as), ou seja, como alguém disponível para servir, para cumprir.

É importante compreender que:

[... alguns] objetos e práticas [...] merecem ser especialmente valorizados porque representam descobertas para o saber, inovações formais e sensíveis, ou acontecimentos fundadores na história de um povo. Mas esse reconhecimento não tem por que levar a fazer do “autêntico” o núcleo de uma concepção arcaizante da sociedade e pretender que os museus, como templos [...] sejam guardiões da “verdadeira cultura”, refúgio frente à adulteração que nos afligiria na sociedade de massa. (Canclini, 2019, p. 200)

Práticas como estas poderão ser acessadas por meio desta pesquisa. Trata-se de condutas que podem ser autênticas, inovadoras, ousadas ou não, mas que de qualquer modo merecem o reconhecimento e especialmente a valorização junto aos seus pares.

A presente pesquisa está inserida na linha de Mediações e Culturas, vinculada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). A linha se articula a partir do interesse pelo conhecimento e pela circulação de técnicas, processos, práticas, artefatos, meios, ambientes e outras mediações, incluindo as relações sociais permeadas por memórias que, por vezes, permeiam os espaços institucionais.

Este estudo se situa na interseção entre as áreas de Museologia e Gestão Museológica (Ciências Sociais Aplicadas), História Oral e Políticas Públicas (Ciências Humanas), buscando estabelecer conexões entre tecnologia e sociedade. Ao conciliar esses propósitos, a pesquisa se alinha aos objetivos do PPGTE da UTFPR.

Tecnologia e sociedade são intrinsecamente relacionadas, pois “as sociedades são tecnológicas assim como as tecnologias são sociais” (Silva, 2015, p. 47). Sendo construída socialmente, essa relação atravessa espaços institucionais, atuação profissional (com práticas e desafios) e a relação com a cultura e o patrimônio material salvaguardado em instituições museais. Tais objetivos, assim, são plenamente compatíveis com a linha de pesquisa Mediações e Culturas do PPGTE.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

[...] Os precursores do folclore viam com nostalgia que diminuía o papel da transmissão oral frente à leitura [...] se perdiam quando a tecnologia lhes ensinava a dominar essas forças. (Canclini, 2019, p. 209)

Pretende-se abordar na pesquisa questões relacionadas às motivações, aspirações, inspirações, atitudes e seus significados ao se trabalhar em uma instituição museal municipal. A investigação será de natureza qualitativa, articulando conteúdos e reflexões ao longo do processo (Deslandes *et al.*, 2002). O ciclo da pesquisa inicia-se com a seguinte problemática: quais são os desafios, disputas, boas práticas e iniciativas na práxis profissional em uma instituição museológica pública municipal?

Durante a fase pesquisa exploratória, foi necessária a adoção de procedimentos de diferentes modalidades, combinando inicialmente: pesquisa de campo, por meio das entrevistas e conhecendo o local onde o(a) servidor(a) municipal trabalha; com a pesquisa bibliográfica, a partir de material já publicado, como livros, artigos e periódicos.

Entre as fronteiras do dizível e do indizível, do confessável e do inconfessável, do passado e do presente, das lembranças e dos esquecimentos (Pollak, 1989, p. 8), a história oral possibilitou uma investigação empírica ancorada no ponto de vista individual, expresso na entrevista que orientou as reflexões desta pesquisa. Fundamentada nos aportes teóricos de Alessandro Portelli (1996), Carla Simone Rodeghero (2020), José Carlos Sebe Bom Meihy (2011), Michel Pollak (1989), Suzana L. Salgado Ribeiro (2011) e Uwe Flick (2009), a pesquisa contou com suas contribuições para a compreensão das etapas envolvidas e da complexidade do ato da escuta ativa.

Utilizando entrevistas de história oral temática (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 103), optou-se pelo uso de um roteiro semiestruturado, por seu caráter mais objetivo, conferindo à entrevista um viés fechado, com o intuito de promover a reconstrução e a reflexão sobre a atuação profissional do(a) entrevistado(a). Essa escolha também permitiu a exploração mais aprofundada dos tópicos à medida que a entrevista evoluía, ao mesmo tempo em que preservava a autonomia do(a) interlocutor(a), garantindo um ambiente confortável para que suas respostas seguissem o próprio fluxo narrativo.

As recomendações de Meihy e Ribeiro (2011, p. 104) foram seguidas para a realização do convite de participação na entrevista, apresentando inicialmente informações para que o(a) convidado(a) conhecesse o projeto. Com relação à entrevista, foi informado o formato de registro (áudio e/ou vídeo) e a realização do agendamento. O critério inicial para a participação foi o aceite do(a) colaborador(a), considerando também situações que demandassem negociação, sempre respeitando sua vontade e disponibilidade. Pretendeu-se realizar entrevista com no mínimo três profissionais que atuam em museus municipais, dos locais previamente selecionados.

O desenvolvimento da pesquisa teve como premissa a observância do código de ética (Flick, 2009, p. 14), especialmente no que se refere à preservação da privacidade do(a) entrevistado(a), dado que os temas abordados poderiam envolver questões sensíveis relacionadas à sua atuação profissional. Seguindo as orientações de Flick (2009), buscou-se adotar o princípio da não maleficência, com o objetivo de evitar qualquer tipo de dano à trajetória ou imagem profissional do(a) interlocutor(a). Nesse sentido, foram tomados os devidos cuidados para garantir seu anonimato, evitando qualquer forma de exposição ou prejuízo. Ressalta-se que a participação ocorreu mediante concordância expressa, formalizada por meio da assinatura do termo de autorização para uso da entrevista (Apêndice F).

2.1 Encruzilhadas e Cruzamentos

Uma das origens atribuídas à palavra “museu” remete à mitologia greco-romana, na qual Mnemósine (a deusa da Memória), junto de Zeus (símbolo do poder e da vontade), teve nove filhas — as musas — que habitavam o Templo das Musas, conhecido como *Mouseion*. Este termo teria dado origem à palavra museu, nas diversas línguas indo-europeias, como local de cultivo e preservação das artes e das ciências. De acordo com Chagas (2015, p. 33), “[m]últiplos são os textos de museologia que trazem essa referência”.

A utilização dos nomes das nove musas foi considerada como uma possível forma de associar as pessoas interlocutoras, sem revelar suas identidades. No entanto, em vez de recorrer às musas ou aos deuses da mitologia grega para essa identificação, optou-se por uma analogia fundamentada na adoção dos “deuses

denominados orixás” (Carneiro, 2014, p. 22), presentes nas diversas religiões afro-brasileiras e na mitologia yorùbá (iorubá).

Optou-se pela adoção dos nomes dos orixás, principalmente da Umbanda e do Candomblé²⁰, religiões que possuem tradição oral — a mesma linguagem na qual grande parte desta pesquisa está fundamentada. Afinal,

[...] a oralidade possui uma característica interessante, pois antes de expressar alguma coisa é necessário pensar. Neste pensar nós falamos para nós mesmos. Logo, a oralidade é a primeira manifestação do pensamento. Primeira manifestação da ideia, e esta se manifesta pela fala. [...] A oralidade possui um papel fundamental em todos os momentos da comunicação. (Carneiro, 2014, p. 16)

O cruzamento e a adoção de determinado orixá (Apêndice H) foram definidos com base em características pessoais percebidas e observadas durante a entrevista e no processo de transcrição. A pessoa identificada como colaborador(a) 1 foi associada a Yánsàn (lansã), considerando-se suas falas, nas quais ficou evidente o desejo de transformação e de promover mudanças em seu local de trabalho.

A segunda pessoa entrevistada foi associada a Òṣòòsì (Oxóssi). Em seu itàn²¹, Oxóssi é conhecido como o caçador de uma só flecha — preciso e certo. De maneira semelhante, observou-se essa precisão na vocação e no desejo do(a) colaborador(a) em atuar na área de museus, aspecto evidenciado logo no início da entrevista. Oxóssi também é um orixá relacionado ao conhecimento e à expansão dos sentidos da vida, característica que se refletiu na postura do(a) entrevistado(a), identificada por seu apreço pelas artes e pelo prazer em compartilhar saberes e ensinar.

A terceira pessoa interlocutora da pesquisa foi associada a Ìbejì (Ibeji), em razão de sua vocação profissional voltada à educação, de sua vinculação com a Pedagogia e da preocupação demonstrada com as crianças. Ìbejì é conhecido como o orixá protetor das crianças, simbolizando o nascimento e a vida. Essa conexão foi considerada suficiente para justificar tal entrecruzamento simbólico.

²⁰ Carneiro (2014, p. 22) apresenta um quadro sinótico demonstrando a complexidade dos três grandes grupos em que estão organizadas as religiões afro-brasileiras: umbandas (umbanda branca ou cristã, umbanda omolocô, umbandaime etc.); encantarias (catimbó, jurema, babassuê etc.) e culto de nação (candomblé ketu, jeje e angola-congo).

²¹ Itàn, palavra em yorùbá que significa história ou conto (Mota, 2020, p. 32).

O local de trabalho dos(as) colaboradores(as) será identificado de modo geral apenas como “museu”, sem deixar explícita a instituição a que o(a) interlocutor(a) está vinculado(a) no momento da entrevista.

Nos trechos dos relatos utilizados na pesquisa, caso seja mencionado algum substantivo próprio, serão adotados nomes fictícios, baseados em nomes de flores utilizadas nas religiões afro-brasileiras, como: Açucena, Angélica, Antúrios, Copo de Leite, Cravos, Crisântemo, Crista de Galo, Dália, Gerânio, Girassol, Lírio, Lisianthus, Manacá, Margarida, Orquídea, Palma, Quaresmeira, Rosa, Verbena e Violeta.

No decorrer da pesquisa, as informações consideradas sensíveis ou que possam identificar o(a) entrevistado(a), como dados pessoais, informação do registro geral (RG) e assinatura, serão ocultadas por retângulo azul.

Existe a possibilidade de que algumas informações sejam tratadas de forma genérica para impedir algum modo de identificação ou reconhecimento. Também foi levada em consideração a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)²², ao ocultar informações particulares dos(as) interlocutores(as). Portanto, aspectos como preservação do anonimato, confidencialidade, garantia na utilização dos dados, participação voluntária, consentimento, acesso às informações a respeito da pesquisa e preceitos éticos foram considerados nesta pesquisa.

Para o planejamento das entrevistas, organização da sistematização, transcrição e identificação dos temas, foram adotadas as contribuições de Alessandro Portelli (1996, 1997), Carla Simone Rodeghero (2020), Fabíola Holanda (2015), José Carlos Sebe Bom Meihy (2011, 2015), Naidea Nunes (2017), Patrícia Guilhem Salles (2023), Rodrigo Mateus Pereira (2019), Ronaldo de Oliveira Corrêa (2008), Suely Ferreira Deslandes (2002) e Uwe Flick (2009). Esses(as) pesquisadores(as) e autores(as) forneceram subsídios fundamentais para a compreensão da importância da elaboração de fichas para o acompanhamento adequado, bem como para a organização dos documentos e dos dados coletados ao longo da pesquisa.

²² Lei Federal nº 13.709/2018 em que é sancionada a disposição sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.

2.1.1 Entrevistas

Não sei se posso dizer a verdade... posso apenas dizer o que sei.
Alessandro Portelli
(1996, p. 63)

No início da entrevista, foram reapresentados ao(à) colaborador(a) a temática e os objetivos da pesquisa, bem como o Termo de Autorização para Uso da Entrevista (Apêndice F) e a informação de que a conversa seria gravada. Conforme já mencionado, optou-se pela abordagem da história oral temática, uma vez que a investigação se relaciona diretamente com a trajetória pessoal e profissional do(a) participante (Rodeghero, 2020, p. 8). Utilizou-se um roteiro semiestruturado, com o objetivo de promover um formato de conversa acolhedora e empática, constituindo a entrevista como um momento para:

recordar o fato [...] não significa que se está vivenciando a mesma situação novamente, mas sim trazendo-a à tona, com uma intensidade relativa e própria. Entretanto, tal acontecimento só é possível devido à presença de um vínculo empático entre o/a entrevistado/a e o/a entrevistador/a, que também atua como uma pessoa atenta, indagadora e curiosa, especialmente para depois ter condições de compartilhar e testemunhar a experiência narrada pelo entrevistado/a. O momento da entrevista é influenciado pela relação empática entre as duas partes e se desdobra em uma possível intersubjetividade, ou seja, um compartilhar de algo essencial de uma perspectiva subjetiva. (Salles, 2023, p. 38)

A empatia se dá nos momentos de escuta ativa, atenta e curiosa às experiências e aos compartilhamentos realizados durante a entrevista, considerando que a comunicação sempre funciona de ambos os lados (Portelli, 1997, p. 36). Deste modo, a utilização da entrevista para realizar

[...] uma mediação teórica que ajuda a entender e interpretar as filigranas que conectam a enunciação narrativa com a memória, ou à memória de uma memória. [...] essa aparente “realidade histórica” é recortada e montada/editada ao sabor dos desejos do(a) entrevistado(a), ou seja, o(a) narrador(a) escolhe o que dizer e como dizer, define a sequência dos acontecimentos e sua importância. [...]

A memória, pois, torna-se uma armadilha carinhosa. Recordar é nada menos que escolher e organizar a experiência vivida. Esse tecer lembranças é entremeado pelos silêncios e esquecimentos voluntários ou não, e, por isso, é sempre uma versão dos fatos. Este campo de ação da memória, materializado na narrativa, permite a contínua negociação das percepções de ser e estar no mundo e transforma o fato de recordar em uma evidência historicamente significativa. Sendo assim, não existe mentira nas narrativas produzidas. (Corrêa, 2008, p. 33)

A abordagem realizada pela história oral contribui para o entendimento presente nas narrativas que, a partir da perspectiva do(a) entrevistado(a), podem ser recortadas, às vezes fragmentadas. Foi o(a) interlocutor(a) que conduziu e definiu o que iria ou não relatar, o que iria ou não lembrar, entre relatos, silêncios e

esquecimentos, ao apresentar a sua verdade. No processo de elaboração e definição das perguntas, constatou-se que era

preciso adotar um instrumento de coleta adequado para que a narrativa flu[isse] e revel[asse] as vivências e as experiências dos sujeitos inseridas no contexto específico da pesquisa, ou seja, um roteiro de entrevista bem elaborado e direcionado, somado à habilidade do/a entrevistador/a em conduzir a entrevista, com foco na experiência do/a entrevistado/a. (Salles, 2023, p. 38)

Para a coleta dos relatos, foram definidas, em conjunto com o orientador, as questões consideradas necessárias à compreensão do universo e do contexto da pessoa participante. Foi elaborado um roteiro semiestruturado, cuja aplicação foi cuidadosamente revisada a fim de evitar ambiguidades ou imprecisões durante a conversa. Esse roteiro foi previamente estabelecido como guia para a condução das entrevistas.

Em relação à estimativa de tempo, não foi fixada uma duração específica, considerando-se que cada participante possui seu próprio ritmo — alguns(as) são mais objetivos(as), enquanto outros(as) tendem a se alongar nas respostas. Dessa forma, o tempo de fala variou conforme o estilo e a disposição de cada entrevistado(a).

Durante a elaboração do roteiro semiestruturado (Apêndice D), foram formuladas três perguntas iniciais voltadas à identificação do(a) colaborador(a), com o objetivo de compreender aspectos de sua infância e sua relação com coleções. Em seguida, foram incluídas questões sobre suas experiências com visitas a museus e, posteriormente, sobre os motivos que o(a) levaram a escolher a área de museus e patrimônio cultural.

Em relação à vivência profissional, foram elaboradas, inicialmente, três perguntas voltadas à experiência de atuação em museus. Na sequência, foi incluído um momento para que o(a) colaborador(a) relatasse alguma situação inusitada vivenciada no ambiente de trabalho e, por fim, refletisse sobre o que mudaria, caso tivesse essa possibilidade.

Após a realização da primeira entrevista e da etapa de qualificação, identificou-se a necessidade de complementar uma pergunta já existente e incluir outras quatro. As novas questões abordaram: como é a experiência de atuar em um museu, com a descrição das práticas, tarefas e da rotina de trabalho; as atividades, ações ou eventos considerados relevantes; a associação de cinco palavras ao

conceito de museu e ao museu em que atua; e, por fim, o que pensa ou sente ao ser questionado(a) sobre o museu onde trabalha.

Os objetivos do roteiro eram: identificar o interesse pela área; verificar a existência de incentivos que despertaram esse interesse pelo patrimônio cultural; compreender a consciência do(a) entrevistado(a) em relação à escolha dessa área profissional; compartilhar a experiência profissional; conhecer as histórias que o(a) entrevistado(a) presenciou; identificar boas práticas, iniciativas, desafios, disputas, possíveis temas e ações que o(a) entrevistado(a) realizaria no local de trabalho. Esses objetivos funcionaram como marcadores subjetivos, sem serem explicitamente revelados ao(à) interlocutor(a).

Esses dez questionamentos foram considerados relevantes para a compreensão da trajetória da pessoa entrevistada, possibilitando a realização e análise a partir de sua narrativa. Durante a entrevista, buscou-se estabelecer uma relação de confiança com o(a) entrevistado(a), conduzindo o encontro a um formato de “conversa amigável” (Rodeghero, 2020, p. 8).

Salles (2023, p. 40) discute que, por vezes, as perguntas formuladas durante a entrevista podem gerar respostas vagas ou pouco claras, de modo que é importante que o(a) entrevistador(a) utilize estratégias que incentivem o(a) entrevistado(a) a se expressar com mais precisão, sem comprometer o fluxo da entrevista. Assim, quando percebido que o(a) entrevistado(a) tentava desviar-se do tema, a questão era reintroduzida por meio de outra abordagem, com o objetivo de garantir um relato mais aprofundado do assunto.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu liberdade para incluir perguntas adicionais e explorar temas que surgissem durante a entrevista, configurando uma abordagem flexível e adaptável às respostas e ao andamento da entrevista/conversa.

Os convites foram enviados pelo e-mail institucional da universidade, para comprovação de filiação organizacional (Apêndice E), sendo aceito por apenas três servidores(as). A primeira e a segunda entrevistas foram realizadas pela plataforma virtual Google Meet, por questões de deslocamento e porque ela passou a ser “amplamente utilizada para a realização de reuniões à distância com o advento da

pandemia do COVID-19²³, em 2020” (Salles, 2023, p. 40). A terceira entrevista, dada a proximidade física, foi possível de ser realizada pessoalmente. Foi priorizada a realização das gravações em vídeo, com equipamentos próprios da pesquisadora.

O primeiro roteiro foi utilizado exclusivamente na primeira entrevista. Após os ajustes realizados, o segundo roteiro (versão revisada) passou a ser aplicado nas entrevistas subsequentes.

Desse modo, a conduta adotada nas entrevistas foi de ouvir o(a) colaborador(a) até que ele(a) achasse que o assunto estava esgotado, sem realizar interrupções, apenas comentários. Caso fosse indagada para estabelecer um diálogo, fazê-lo por empatia, mas não com a tentativa de intervir na reflexão do(a) entrevistado(a).

2.1.2 Sistematização

As recomendações de Flick (2009) guiaram o processo de documentação dos dados das entrevistas, que se desenvolveu em três etapas: gravação, edição (transcrição) e construção da “nova” realidade. Assim, os dados foram registrados e editados com vistas à análise. Ao longo da pesquisa, documentos e fichas foram elaborados e estruturados conforme a necessidade, com o objetivo de garantir organização e sistematização.

Primeiramente, foi elaborado o roteiro de entrevista (Apêndice D), de forma semiestruturada. O primeiro bloco foi dedicado à identificação da pessoa e o segundo à sua vivência profissional. Ambos os blocos foram divididos entre questões e seus respectivos objetivos (Figura 10).

²³ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Trata-se de uma doença de alta transmissibilidade e ampla disseminação global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus identificado em amostras de lavado broncoalveolar coletadas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Esse vírus pertence ao subgênero Sarbecovirus, da família Coronaviridae, e é o sétimo coronavírus conhecido por infectar seres humanos (Ministério da Saúde, s.d., n.p.).

Figura 10 – Extrato do Apêndice D

IDENTIFICAÇÃO	
Questões	Objetivos
VIVÊNCIA PROFISSIONAL	
Questões	Objetivos

Fonte: Autoria própria (2023) adaptado de Pereira (2019)

Posteriormente foi elaborado o protocolo de transcrição da entrevista (Apêndice A). Neste documento constam campos para serem preenchidos com informações essenciais: nome do(a) entrevistado(a); data da entrevista; local da entrevista; horário de início; horário de término; entrevistadora; transcritora; data da transcrição; formato da gravação; identificação; tempo da gravação; e, no bloco seguinte, minutagem e transcrição.

Figura 11 – Protocolo de Transcrição de Entrevista (Extrato do Apêndice A)



PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Nome do(a) entrevistado(a)	
Data da entrevista	
Local da entrevista	
Horário de início	Horário de término
Entrevistadora	
Transcritor(a)	
Data da transcrição	
Formato da gravação	Identificação:
Tempo da gravação	

Fonte: Autoria própria (2023) adaptado de Corrêa (2008)

MINUTAGEM	TRANSCRIÇÃO
00:00:01	E:
00:00:02	C:
00:00:03	E:
00:00:04	C:
((FINAL DA GRAVAÇÃO ou CONCLUSÃO DA ENTREVISTA))	

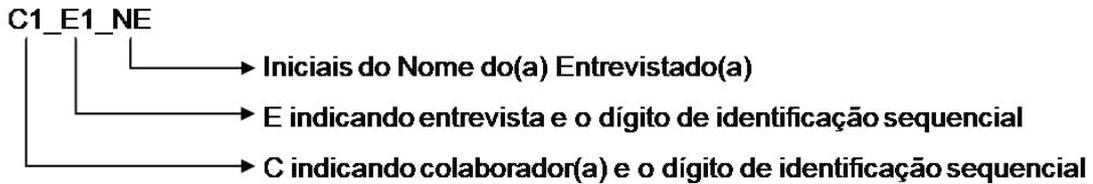
Fonte: Autoria própria (2023) adaptado de Corrêa (2008)

Fonte: Autoria própria (2023), adaptado de Corrêa (2008).

O campo de identificação foi preenchido da seguinte forma: a letra “C”, representando o(a) colaborador(a), seguida de um número correspondente à ordem sequencial dos(as) convidados(as); em seguida, a letra “E”, indicando entrevista, acompanhada do número referente à ordem cronológica das entrevistas; finalizando

com as iniciais do nome do(a) colaborador(a). Cada seção de informação foi separada por *underline*, conforme demonstra o esquema da Figura 12.

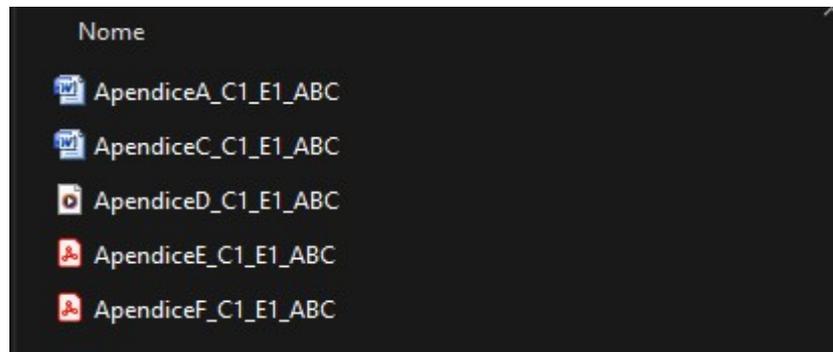
Figura 12 – Identificação



Fonte: Autoria própria (2024).

Esta identificação foi utilizada na documentação produzida ao longo da pesquisa a fim de identificar o arquivo de vídeo da entrevista e os demais documentos, bem como os apêndices foram preenchidos com a respectiva informação sobre o(a) entrevistado(a), para identificar, organizar e sistematizar, conforme exemplo da Figura 13.

Figura 13 – Identificação documental aplicada nos arquivos produzidos durante a pesquisa



Fonte: Autoria própria (2024).

Com o intuito de estabelecer uma padronização para transcrição da entrevista, foi elaborada uma normatização (Apêndice B), organizada em três colunas, na qual são elencadas as ocorrências, sinais e a exemplificação do que consta na transcrição.

Figura 14 – Normas de transcrição da entrevista (Extrato do Apêndice B)



NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

OCORRÊNCIA	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o colaborador(a) ou a entrevistadora não terminam a frase.	...	É...
Comentários descritivos do(a) transcritor(a)	((<i>minúscula</i>))	((<i>tosse</i>)) ((<i>ruído</i>)) ((<i>risos</i>)) ((<i>emoção</i>)) ((<i>choro</i>)) etc.
Transcrição inaudível, entre colchetes quando for uma palavra ou trecho.	[]	[palavra inaudível] ou [trecho inaudível]

Fonte: Autoria própria (2023), adaptado de Nunes (2017) e Rodeghero (2020).

O termo de autorização de uso da entrevista (Apêndice F) contemplou as seguintes questões de autorização: utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (dissertações, teses, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, *slides*, apresentações e citações); concordância de que a identidade seja revelada; e o uso de imagem, com fotografia cedida durante a entrevista e pesquisa para fins científicos e de estudos (dissertações, teses, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, *slides*, apresentações e citações).

Realizando adaptação de Meihy e Holanda (2015), foi elaborada a ficha de acompanhamento (Apêndice C), a qual concentra as seguintes informações: dados da pesquisa; dados do(a) colaborador(a); dados da entrevista; andamento das etapas; e acompanhamento documental.

Também foi elaborado o quadro de temas (Apêndice G), a fim de identificar e classificar os temas abordados pelo(a) entrevistado(a) durante sua narrativa (Figura 15). Esse apêndice foi estruturado da seguinte forma: identificação do tema, localização por página da transcrição onde o tema está situado e a identificação do(a) respectivo(a) colaborador(a). Assim, após a transcrição da entrevista, foi possível o reconhecimento e a classificação dos temas mencionados.

Figura 15 – Extrato do quadro de temas (Apêndice G)

TEMA	Localização por página	
	Cx_Ex_xxx	Cx_Ex_xxx

Fonte: Autoria própria (2024).

Também foram elaborados o convite (Apêndice E) e o agradecimento (Apêndice J), encaminhados para cada colaborador(a) da pesquisa. No documento de agradecimento é informado que o(a) entrevistado(a) receberá a versão final da pesquisa por *e-mail* e que, posteriormente, ela será disponibilizada no Repositório Institucional da Universidade Tecnológica do Paraná (RIUT).

É desse modo que as fichas, roteiros e protocolos foram desenvolvidos durante o andamento da pesquisa. Mediante as demandas, necessidade de documentação e informação, ao longo da pesquisa foram realizados ajustes e adequações. Ao todo, adotou-se dez documentos, apresentados nos Apêndices de A a K, para sistematizar e organizar os dados e informações coletadas durante a pesquisa.

2.1.3 Transcrição

Nas transcrições, foram “colocadas as palavras ditas em estado bruto. Perguntas e respostas foram mantidas, bem como repetições, erros e palavras sem peso semântico” (Meihs; Holanda, 2015, p. 140). Para garantir a sistematização da transcrição, foram definidas algumas normas (Apêndice B), com o objetivo de padronizar o processo e viabilizar a análise dos dados orais, considerando inclusive situações como a sobreposição de falas, conforme previsto por Nunes (2017, p. 34).

A transcrição seguiu, principalmente, os protocolos estabelecidos nos Apêndices A e B — respectivamente, o protocolo de transcrição e a norma de transcrição. Utilizou-se inicialmente um serviço de transcrição automática, que gerou uma primeira versão dos relatos. No entanto, foram necessárias diversas revisões e complementações para conferir fidelidade ao conteúdo narrado. Também foi

utilizado o serviço de transcrição automática²⁴, que realizou a primeira versão das transcrições.

Mesmo com o auxílio de ferramentas automatizadas, a transcrição demonstrou ser um processo longo e exaustivo. Em alguns trechos, palavras pronunciadas de forma rápida ou fusionada dificultaram a compreensão. Como a linguagem oral geralmente é informal, com vícios de linguagem, expressões e regionalismos, todas essas características foram mantidas e devidamente documentadas na transcrição.

Após finalizadas, as transcrições foram encaminhadas aos(às) colaboradores(as) para verificação e concordância. Apenas a primeira pessoa entrevistada solicitou revisão e ajuste, tendo ocorrido duas devolutivas. Em nenhum momento houve restrições ou pedidos de supressão de trechos por parte dos(as) colaboradores(as). Caso tal solicitação fosse feita, ela seria prontamente atendida. Todas as pessoas participantes da pesquisa foram tratadas com igualdade ao longo de todo o processo.

Ainda que houvesse consentimento formal por meio da assinatura do termo de autorização de uso das entrevistas, optou-se por preservar a identidade dos(as) colaboradores(as), considerando seus vínculos profissionais com a municipalidade e com o intuito de evitar eventuais constrangimentos. Assim, cada participante foi identificado(a) por um código, como "colaborador(a) 1 (C1)", no sistema de controle documental. Além disso, algumas informações identificadoras foram ocultadas ou substituídas (Apêndice H), conforme explicado anteriormente.

2.1.4 Identificação dos temas e análise das entrevistas

A transcrição das entrevistas foi revisada e retomada diversas vezes, com o objetivo de identificar e classificar os assuntos abordados, organizando-os por núcleos temáticos presentes nos relatos e narrativas dos(as) colaboradores(as). Durante o processo de leitura e releitura das transcrições, foi possível reconhecer a recorrência de determinados temas nas falas dos(as) entrevistados(as), o que

²⁴ A transcrição automática foi realizada com o serviço do site: <https://www.mygoodtape.com/tapes/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

permitiu a delimitação de algumas temáticas centrais, a partir do compartilhamento de histórias e memórias.

Para agrupar as características comuns ou que estão de algum modo relacionadas, foram criadas as classificações descritas no Quadro 1:

Quadro 1 – Descrição dos temas (APÊNDICE G)

Narrativa pessoal	Memórias e situações particulares, assuntos associados à vida particular e que envolvem família, lembranças da infância e demais memórias afetivas.
Emoção	Sentimentos, emoções e opiniões.
Estudo	Vivências relacionadas a estudo e capacitação (curso de curta duração, curso de extensão, graduação etc.).
Museu	Relatos e memórias relacionadas às áreas de museu, exposição, patrimônio e cultura.
Colecionismo	Lembranças sobre o ato de colecionar.
Gestão Municipal	Situações relacionadas à gestão pública municipal e questões políticas.
Trabalho	Atuação profissional – vinculado como estagiário(a), instituição privada ou pública [servidor público (concursado), CLT ou cargo comissionado].
Boas práticas e iniciativas	Ações e atividades realizadas junto à comunidade ou aos visitantes. Pode se sobrepor a questões de trabalho.
Desafios e disputas	Situações que fragilizam a realização de alguma ação e/ou atividade na instituição museal em que trabalha. Pode se sobrepor a questões de trabalho.

Fonte: Autoria própria (2025).

Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma leitura atenta e criteriosa de cada relato compartilhado pelos(as) colaboradores(as). Esse processo inaugurou uma nova percepção sobre o conteúdo das falas, possibilitando a observação da relevância de cada narrativa para a pesquisa.

Com o objetivo de identificar temas convergentes e divergentes entre os(as) entrevistados(as), procedeu-se à sistematização dos conteúdos, organizando-os em núcleos temáticos. Para facilitar a visualização e análise desses temas, foram utilizados recursos de realce por cores disponíveis no editor de texto Word, sendo os seguintes “temas x cores”: **Narrativa pessoal**; **Emoção**; **Estudo**; **Museu**; **Colecionismo**; **Gestão Municipal**; **Trabalho**; **Boas práticas e iniciativas**; e **Desafios e disputas**, resultando no quadro de temas (Quadro 1 e Apêndice G). A atribuição das cores seguiu as opções disponibilizadas pelo programa Microsoft Word, sendo que a versão utilizada oferece apenas quinze cores predefinidas, sem possibilidade de personalização.

Portanto, partindo da narrativa dos(as) interlocutores(as), estabeleceu-se uma classificação temática que abrange questões particulares, perpassando por aspectos gerais e detalhados sobre o trabalho. Durante o diálogo, existiram momentos em que o tema **trabalho** acabou sendo sobreposto pelos temas **boas práticas e iniciativas** e **desafios e disputas**. A partir dos temas identificados, foi possível reorganizar e agrupar os trechos com relatos semelhantes, o que contribuiu para a elaboração das reflexões e permitiu identificar boas práticas, iniciativas, desafios e disputas.

Esse conjunto temático evidencia a presença de múltiplas camadas, categorias, marcadores e assuntos relevantes à pesquisa (Deslandes *et al.*, 2002, p. 78). A partir da transcrição e da classificação temática (Figura 16), foi possível desenvolver os ensaios apresentados nas seções seguintes.

Figura 16 – Extrato da transcrição

castigo. Com todas as pessoas que já passaram por aqui antes de mim, elas relatam que, por conta de problemas políticos, perseguição, elas vieram pro museu((risos)). E eu sou, acho que, a terceira, a quarta geração
que está aqui no museu. Mas, pra minha surpresa, eu amei estar aqui, né? Eu amei estar aqui, só que eu veio, assim, Ellen que não é o suficiente. Eu querer estar aqui não é o suficiente, né? Eu tenho que lutar por uma equipe, eu tenho que lutar por museóloga, porque tanto que a minha formação, ela não é direcionada especificamente pro museu, né? Então, em nada eu consigo, da minha formação, realmente, o pouco que eu consigo agregar, é em relação às exposições, à montagem de exposição, a receber as escolas, fazer mediação. Porque, basicamente, eu trabalho, às vezes, de um professor de arte, né? Mas, de resto, assim, de técnica mesmo? Realmente, são as orientações que você me passa que ajudam muito, né? Os cursos do Ibram, que a gente faz online, que também é mais leitura. A gente não tem a prática né? pra você é... se especializar, pra você, realmente, colocar para valer o que precisa ser feito no museu.

Fonte: Autoria própria (2024).

A utilização da história oral como abordagem permitiu o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, seguida da análise de conteúdo das informações obtidas nas entrevistas (Nunes, 2017, p. 6). Esta pesquisa está alinhada à perspectiva de que “a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa” (Deslandes *et al.*, 2002, p. 68). Com base nessa compreensão, buscou-se estar atenta aos três principais obstáculos para uma

análise eficaz, conforme apontado por Gomes (*apud* Deslandes *et al.*, 2002, p. 68-69): a ilusão do pesquisador, o esquecimento dos significados e o distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa.

Considerando a orientação de Meihy e Holanda (2015, p. 130-133), entende-se que uma boa análise exige tanto o retorno ao conjunto geral da entrevista quanto a atenção às suas partes específicas. Trata-se de um procedimento que não é apenas racional, pois envolve a identificação dos temas relevantes presentes nos relatos. Considerados isoladamente, esses relatos não se sustentam nem falam por si; por isso, é fundamental estabelecer diálogos e interseções que possibilitem sua contextualização e interpretação adequada.

No momento da análise, a articulação entre os dados da pesquisa e os referenciais bibliográficos e teóricos buscou responder à pergunta central do estudo, estabelecendo relações concretas, abstratas, teóricas e práticas. Contudo, conforme apontam Deslandes *et al.* (2002, p. 79), trata-se de uma construção que deve ser compreendida como aproximativa e provisória.

2.2 Revisão Bibliográfica

O levantamento bibliográfico foi fundamental para a aproximação com autores cujas obras dialogam com a área de interesse da pesquisa, possibilitando que “os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse” (Deslandes *et al.*, 2002, p. 53) estabelecessem diálogos e interlocuções.

No site de acesso aberto do Portal de Periódicos da CAPES²⁵ — que reúne conteúdo técnico-científico de periódicos, bibliotecas, repositórios digitais e bases de dados nacionais e internacionais — foi realizado um levantamento bibliográfico com foco em periódicos. Durante a busca, verificou-se que o filtro de pesquisa avançada apresentava limitações, impossibilitando a inclusão de algumas definições. Inicialmente, foram definidas 64 combinações para a pesquisa. No entanto, duas dessas definições de marcadores mostraram-se inviáveis devido ao alto número de resultados recuperados (170 e 149, respectivamente). Ao todo, foram analisados

²⁵ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br>. Acesso em: 28 jun. 2024.

295 títulos em um primeiro momento, sendo identificadas 34 duplicatas, resultando em um total de 95 títulos únicos considerados para a pesquisa.

Durante o levantamento, não foi possível verificar 63 dos títulos recuperados na busca realizada no site da CAPES, devido a falhas na plataforma. Assim, o levantamento primário considerou 233 artigos. Dentre esses, apenas uma publicação apresentou convergência direta com a proposta da pesquisa: o artigo intitulado “*Você tem fome de quê? Uma reflexão sobre patrimônio, legitimidade e novas perspectivas analíticas*”, de Luciana Christina Cruz e Souza (2017).

Na sequência, realizou-se o levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)²⁶. A possibilidade de busca avançada permitiu a formulação de oito combinações iniciais. No entanto, a verificação completa de duas dessas combinações mostrou-se inviável devido ao grande número de resultados recuperados (451 e 6.218 títulos, respectivamente).

Nos casos com maior volume de resultados, adotou-se uma estratégia de triagem que incluiu a análise dos títulos, a verificação das palavras-chave e, posteriormente, a leitura dos resumos, com o objetivo de compor a listagem do levantamento. Apesar da intenção de revisar todo o material, o número expressivo de títulos — especialmente os mais de 6 mil — tornou inviável o registro e a documentação integral dos resultados. Assim, optou-se por analisar apenas as 100 primeiras ocorrências listadas nas buscas mais amplas.

Posteriormente, as mesmas definições de busca foram aplicadas no banco de periódicos da Capes. No entanto, apenas um dos retornos apresentou volume viável para verificação. Os demais resultaram em quantidades excessivas de materiais, tornando inviável a análise, com os seguintes números de resultados: 442; 458; 116.325; 123.456; 156.933; e 150.017 (repetido em duas buscas). O único resultado analisável revelou-se, contudo, divergente da temática abordada nesta pesquisa.

O banco de dados de dissertações e teses recuperou, ao todo, 6.779 títulos. Desses, foram analisados inicialmente 115, sendo 18 identificados como repetidos. Assim, foram efetivamente verificadas 105 dissertações e teses. Entre elas, 100 apresentaram temáticas divergentes da proposta desta pesquisa, enquanto cinco mostraram-se aparentemente convergentes. São elas:

²⁶ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/about/home>. Acesso em: 28 jun. 2024.

- “Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio”, de Carina Martins Costa (2011);
- “Museus históricos e pedagógicos no século XXI: processo de municipalização e novas perspectivas”, de Ana Carolina Xavier Ávila (2014);
- “Fatores relacionados à criação de museus em municípios brasileiros”, de Flora Brochado Maravalhas (2018);
- “Uma história dos fazeres museais no Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX: Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paranaense e Museu Paulista”, de Andrea Fernandes Considera (2015);
- “Competência em informação dos profissionais que atuam em museus: contribuição com os fazeres museológicos em inter-relação com a aprendizagem e a comunidade de prática”, de Cláudia Maria Alves Vilhena (2022).

Os materiais encontrados correspondem a três teses, duas dissertações e um artigo, disponibilizados entre 2011 e 2022. Esses trabalhos estão vinculados a diferentes programas de pós-graduação, tais como: Gestão e Organização do Conhecimento; Museologia; Museologia e Patrimônio; Gestão Pública; História; e História, Políticas e Bens Culturais. Esses programas pertencem a instituições como a Fundação Getúlio Vargas (FGV), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade de São Paulo (USP).

As palavras-chave que coincidem nas seis pesquisas analisadas incluem: museu (8 ocorrências), história/histórico (4), educação (2), práticas museais (1), profissionais da informação (1), política cultural (1), patrimônio (1), museologia (1), município (1) e gestão (1). Todas essas palavras, de alguma forma, mantêm relação ou associação com os temas abordados nesta pesquisa.

O trabalho de Maravalhas (2018), cujo objetivo foi analisar os fatores que influenciam a criação de museus em municípios brasileiros e seus respectivos impactos, desenvolvido no âmbito de um programa de Gestão Pública, contribuiu com uma percepção pertinente para a pesquisa, indicando as motivações para criação e manutenção dos museus municipais. Já o estudo de Ávila (2014), embora centrado na municipalização de museus anteriormente administrados pelo Estado de

São Paulo, traz reflexões importantes sobre a gestão desses equipamentos pelas administrações municipais, complementando as abordagens propostas neste estudo. Além disso, este estudo direcionou a pesquisadora para a dissertação de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1977).

No que se refere à prática profissional, Considera (2015) analisa "o perfil dos profissionais de museus e os fazeres museais da época, destacando a organização das coleções" (p. 9). Complementarmente, Costa (2011) constrói uma narrativa sobre a história da pedagogia nos museus brasileiros a partir da década de 1920. Ambas as pesquisas oferecem subsídios relevantes para a revisão de marcos museológicos históricos, especialmente no que tange à observação de práticas museais ao longo do tempo.

Em contraponto a essa perspectiva histórica, o estudo de Vilhena (2022) investiga a competência em informação dos profissionais atuantes em museus, com foco em suas necessidades informacionais, no uso e no compartilhamento de informações no exercício das atividades museológicas. Já Souza (2017) propõe uma reflexão crítica sobre a atuação do técnico-especialista no campo do patrimônio cultural, problematizando os processos de seleção e preservação de bens culturais. Essas obras, em conjunto, oferecem diferentes perspectivas que podem contribuir para a compreensão das práticas desenvolvidas por servidores(as) municipais em museus.

Analisando as referências presentes nos seis trabalhos alinhados à pesquisa proposta, identificou-se a recorrência de alguns autores e obras. Destaco cinco títulos e seus respectivos autores: *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro* (Chagas, 2003); *Conceitos-chave de Museologia* (Desvallées; Mairesse, 2013); *História e Memória* (Le Goff, 1990); *Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico* (Menezes, 1994); e *Coleção* (Pomian, 1984).

Foi possível identificar outros sete títulos aparecem pelo menos duas vezes entre os trabalhos analisados: *Museologia: algumas ideias para sua organização disciplinar* (Bruno, 1996); *De Museologia, Arte e Patrimônio* (Costa, 2002); *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica* (Lopes, 2009); *Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão* (Moutinho, 2007); *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* (Nora, 1993); *Museu e Museologia* (Poulot, 2013); e *A*

Escrita do Passado em Museus Históricos (Santos, 2006), sendo incorporada na pesquisa apenas a primeira dessas publicações.

As outras referências foram incorporadas por meio de uma revisão assistemática da literatura ao longo do desenvolvimento da investigação, mantendo a revisão bibliográfica como um processo contínuo durante toda a pesquisa.

2.3 Revisão Teórica

Na pesquisa de Ana Carolina Xavier Ávila (2014), destaca-se a constatação de que as observações feitas por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri em sua dissertação de mestrado de 1977 continuam atuais mesmo após quarenta e sete anos. Conforme reforça Ávila (2014, p. 170), é preocupante que os museus permaneçam precarizados e “administrados com metodologias ‘caseiras’, devido à falta de interesse por parte da gestão pública municipal. E, quando há interesse, faltam conhecimento e pessoal especializado na área museológica”.

A pesquisa relata o processo de municipalização que estava em andamento no estado de São Paulo, e a autora apresenta algumas situações observadas na gestão municipal. Ao entrar em contato com esse estudo, foi possível perceber que as situações descritas por Guarnieri, em 1977, e retomadas na pesquisa de Ávila, em 2014, ainda se repetem em alguns museus paranaenses. As boas práticas e iniciativas protagonizadas por servidores(as) são fundamentais, mas é imprescindível que as gestões municipais reconsiderem a necessidade de um corpo técnico especializado, conforme sinalizado na pesquisa supracitada. Embora esta questão não seja aprofundada nesta investigação, ela compõe o campo de disputas no qual a pesquisa se insere.

Em contraste, Luciana Christina Cruz Souza (2017), em artigo, apresenta questões que, segundo ela, “refletem angústias geradas a partir de leituras, discussões e experiências profissionais; aflições do território do patrimônio que não almejam respostas, mas que procuram diálogo” (p. 48). Seu objetivo é desenvolver uma reflexão sobre as ações relacionadas ao ato de preservar, compreendidas como práticas definidas por um saber especializado que remonta ao colonialismo do conhecimento.

Para isso, a autora recorre ao conceito de “campo”, de Pierre Bourdieu (1989), para tratar do chamado Agente de Campo. Esse agente atua em uma estrutura de princípios e hierarquias nos espaços sociais em que se inscrevem as questões patrimoniais. Nesse contexto, destacam-se as figuras dos técnicos intelectuais — artistas, curadores(as), museólogos(as), conservadores(as), restauradores(as), colecionadores(as), arqueólogos(as), historiadores(as) da arte, arquitetos(as), entre outros — que se reconhecem, se legitimam e se validam mutuamente dentro de seus campos profissionais, articulando juízos.

Muitas vezes, esses agentes formalizam cartas e documentos que perpetuam uma forma de colonialismo técnico, ao tratarem certos critérios como universais e, assim, estabelecerem normas de preservação que direcionam o campo do patrimônio. No entanto, nem todas as decisões nesse campo passam necessariamente pelo crivo do especialista. Diante disso, Souza (2017, p. 58) propõe uma reflexão crítica sobre as dinâmicas políticas que estruturam o campo e defende a descontinuidade da “excludente tradição acadêmica e do monopólio do ‘especialista’ no trato com o patrimônio”.

Considerando a informação crucial na prática laboral diária da equipe de trabalhadores(as) das instituições museológicas e enfatizando que museu é uma Unidade de Informação (UI), Claudia Maria Alves Vilhena (2022) inicia sua pesquisa afirmando que o museu acaba produzindo e consumindo informação. A autora “denomina todos os profissionais que atuam em museus como profissionais da informação em museu” (p. 23), sinalizando, conseqüentemente, que esses profissionais precisam reconhecer a informação como um fator fundamental para o trabalho em uma instituição museológica.

Desse modo, a pesquisa de Vilhena (2022) teve como objetivo compreender a atuação dos profissionais da informação no museu, sendo constatado que deveria ser desenvolvida uma política institucional para o aprimoramento de competência, treinamento e formação para a qualificação dos profissionais no gerenciamento informacional. Isso inclui o pessoal de pequenos museus, onde “uma ou duas pessoas realizam uma ampla gama de tarefas” (p. 55), mas que também devem respeitar “o Código de Ética para Museus” (p. 56).

Na investigação realizada por Andrea Fernandes Considera (2015), foi constatado que os “fazeres museais já estavam presentes e a falta de profissionais qualificados era uma realidade desde os primórdios destes museus” (p. 256).

Contudo, as especialidades desses profissionais eram diferentes das que conhecemos atualmente. Naquele momento “não havia, ainda, museólogos, conservadores, curadores e restauradores assim definidos nos quadros de funcionários, [embora] todas estas atividades já est[ivessem] presentes nos fazeres museais” (p. 257). A autora salienta que esses “indícios e rastros deixados pelos museus do século XIX e primeiras décadas do século XX” são também como uma “herança, acumulada por décadas de experiências [que] nos ensina[m] principalmente que o campo museal” (p. 258) precisa constantemente renovar-se para possibilitar novas reflexões sobre os processos museais.

A pesquisadora Carina Martins Costa (2011) afirma que “historicamente, os museus exerceram um importante papel no que diz respeito à construção de identidades coletivas” e que:

[em] muitas sociedades, [os museus] detêm altos índices de visitação, compondo uma espécie de “rota cívica” para crianças e famílias, que, por meio deles, são socializadas com a história do país, aproximando-se de seus grandes eventos e vultos nacionais. (Costa, 2011, p. 16)

É fundamental considerar essas práticas educativas, voltadas para o ensino de história em museus, e seu papel, muitas vezes, como dinamizadoras das narrativas sobre o passado, por meio de diferentes estratégias. A autora cita as ações pedagógicas desenvolvidas no Museu Mariano Procópio e observa que os museus históricos têm sido criticados por se manterem alheios às pautas e lutas relacionadas às diversidades sociais.

Na pesquisa de Flora Brochado Maravalhas (2018), é discutido que a criação de museus municipais está atrelada ao desenvolvimento social e econômico da cidade, gerando impacto na movimentação de recursos financeiros e no aumento de empregos na região. Para a gestão municipal, existem incentivos para criação de museus, por meio de editais do Governo Federal. A autora identifica que o país é carente de dados oficiais para analisar a evolução quantitativa de museus em municípios ao longo da história do Brasil, devido à ausência de instrumento de contabilização padronizado anterior a 2006. Porém, a partir de cálculos elaborados por ela própria, foi possível constatar que há correlação entre a quantidade populacional, criação de museu e o nível de desenvolvimento socioeconômico municipal.

As pesquisas citadas contribuem para repensar a identificação dos profissionais de museus, trabalhadores(as), colaboradores(as), servidores(as) ou

técnicos(as), ajudando a refletir sobre qual denominação seria a mais adequada para uma identificação seja relevante diante das diversas práticas que podem ser desenvolvidas por estes atores e atrizes em uma instituição museal.

Este levantamento revelou-se de grande importância, especialmente por evidenciar percepções relevantes sobre os temas da pesquisa, como: as perspectivas para a gestão municipal; as possibilidades de criação de museus municipais; as práticas museais e o compartilhamento de saberes no exercício das atividades museológicas (como a seleção e a preservação de bens culturais); as problemáticas que envolvem a atuação de servidores(as) públicos(as); bem como a relevância específica da atuação do(a) servidor(a) público(a) nas instituições museológicas, seja nas ações de mediação cultural, gestão de acervos ou em outras atividades relacionadas à prática museal. Finalmente, foi possível concluir que analisar essas práticas a partir da perspectiva dos(as) servidores(as) públicos(as) mostra-se uma abordagem pertinente e, ao que tudo indica, ainda inédita.

A realização do levantamento e da revisão bibliográfica também se mostrou relevante pelos acionamentos de autores identificados nas pesquisas analisadas, reconhecendo-se que esses referenciais podem contribuir de forma significativa para o aprofundamento da investigação. Trata-se, portanto, de uma etapa fundamental para a continuidade da pesquisa. Além disso, esse processo possibilitou a construção de reflexões e conhecimentos a partir do diálogo entre os relatos coletados e os aportes teóricos, contribuindo para aprofundar as características interpretativas e analíticas da pesquisa.

3 (re) APROXIMAÇÕES | MUSEUS E MUSEOLOGIA

O desenvolvimento da museologia no Brasil pode ser observado a partir de alguns marcos importantes, como o surgimento de novos museus, a criação de cursos voltados à formação na área e o reconhecimento legal da profissão de museólogo. Esses elementos, conforme apontado por Vaz (2011, p. 36 *apud* Nascimento; Corrêa, 2024, p. 2), evidenciam os primeiros sinais de consolidação do campo no país, que são assim listados e comentados por Nascimento e Corrêa (2024):

Alguns eventos e iniciativas promovem e estimulam a área museológica, como a criação do curso de Museus (1932); a realização do 1.º Congresso Nacional de Museus em Ouro Preto (MG - 1956); a Criação da Associação Brasileira de Museologia (ABM - 1963); realização do 1.º Encontro Nacional de Dirigentes de Museus em Recife (PE - 1976); o 1.º Encontro Intermunicipal de Cultura (Florianópolis/SC, 1980); I Encontro de Museologia: Questão dos Museus de História (Itú/SP, 1986); 9.º Congresso Nacional de Museus (SP, 1986). Criação da Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM - 1979), do Programa Nacional de Museus (1983), Conselho Federal de Museologia (COFEM - 1984) e do Sistema Nacional de Museus (1986). No estado do Paraná, por meio do Decreto nº 1778/1987, que regulamentou o funcionamento da Secretaria de Estado da Cultura e estabeleceu a criação da Coordenadoria de Museus (CDM). Essas ações e iniciativas aconteceram em meio à instauração do Estado Novo (1937), na era Vargas, no movimento da República Populista (1945), Golpe Militar (1964-1985) e a Redemocratização (1985-2015), período em que aconteceram ações para consolidação de políticas públicas culturais. (p. 2-3)

No conjunto da legislação vigente no Brasil, a Lei n.º 11.904/2009, mencionada anteriormente, apresenta os pressupostos ideais para o bom funcionamento de um museu e indica seus regramentos. Ela trata sobre: preservação, conservação, restauração e segurança; difusão e acesso aos museus; acervos; plano museológico; sociedade; sistemas de museus; e penalidades; contudo, em nenhum momento é mencionado quem irá “executar”, aplicar tais diretrizes, embora saibamos que se trata dos(as) servidores(as) públicos municipais, estaduais e demais trabalhadores(as) de instituições museológicas.

A observação das situações vivenciadas por trabalhadores(as) de museus — muitas delas recorrentes em diferentes contextos institucionais — motivou a busca por uma compreensão mais ampla desse universo e das práticas dos(as) servidores(as) públicos(as) que atuam nesses espaços. O tema abordado articula-se com a museologia, com as práticas e atuações profissionais no campo cultural e social, além de dialogar com as políticas e a gestão pública. Propõe-se, assim, olhar

para esses(as) trabalhadores(as) que atuam nos museus não apenas como profissionais “técnicos”, que devem apenas seguir e colocar em prática os regramentos, orientações e legislações vigentes, mas sim como servidores(as) que enfrentam e são condicionados a vivenciar e presenciar situações diversas em seus locais de trabalho.

Os fazeres museais e museológicos entre os séculos XIX e XX, adotados no Brasil, eram baseados em conhecimentos disseminados a partir dos modelos estrangeiros e adaptados à nossa realidade:

Quando nos debruçamos sobre a história dos museus no Brasil, em especial no período que abrange o século XIX, nos deparamos com alguns personagens presentes nos documentos por longos anos, sendo muitas vezes seus nomes adotados pelos próprios arquivos, para caracterizar coleções e fundos. Em sua maioria foram diretores dos museus [... o que] **nos permite compreender a adoção de algumas práticas semelhantes em instituições diferentes**, que corresponderia ao início de uma disseminação e padronização do fazer museológico. (Considera, 2015, p. 194, grifo nosso)

No contexto mencionado por Considera (2015), foram apontados principalmente os museus identificados com viés histórico ou científico. Nessa tipologia de museu, o(a) diretor(a)/chefe definia o que seria ou não adquirido para salvaguarda na instituição. Atualmente, conta-se com o documento Programa de Acervo, no qual constam os procedimentos para aquisição e descarte. Esse documento também define uma comissão responsável por analisar determinados critérios e, por fim, realizar o procedimento de aceite e/ou de recusa. Caso a instituição não possua esse documento normatizador, conseqüentemente esse papel/função volta a ser realizado(a) pelo(a) diretor(a)/chefe, e esse papel de curador(a) é retomado.

Pensando nessas possíveis motivações e em quais seriam os critérios de seleção definidos pelos(as) diretores(as) e chefes de seção/curadores(as), é importante considerar que tais decisões não ocorrem em um campo neutro ou exclusivamente técnico, mas, sim, atravessadas por múltiplos fatores, muitas vezes ligados a contextos institucionais, pressões externas e posicionamentos individuais dos envolvidos:

[...] a efetiva decisão sobre a preservação de determinados bens em detrimento de outros envolve, também, sujeitos que projetam interesses e demandas – de cunho privado e até mesmo subjetivo – que nem sempre passam pelo crivo do especialista. Ou seja, outras questões podem conduzir a decisão de agentes sobre a preservação. (Souza, 2017, p. 56)

Portanto, na ausência de um documento normativo que funcione como mediador e orientador das práticas institucionais, as decisões sobre o que preservar podem ocorrer de forma subjetiva e desigual, favorecendo certos objetos em detrimento de outros. Isso pode resultar na exclusão de determinados bens culturais do processo de salvaguarda. Conforme argumenta Feenberg (2003, p. 6), um documento normativo pode ser compreendido como uma tecnologia carregada de valores, sob controle humano, que contribui para que a seleção e preservação dos acervos seja conduzida de maneira mais transparente e equitativa — evitando que interesses individuais se sobreponham ao que foi previamente definido, registrado e legitimado institucionalmente.

A partir de Considera (2015), é possível compreender como certas práticas persistentes nos museus têm origem na formação dos primeiros profissionais da área. A maneira como esses trabalhadores(as) foram preparados(as) influenciou diretamente a forma de organizar, sistematizar e identificar os acervos, fazendo com que essas atividades passassem a adotar procedimentos e características recorrentes, que acabaram por moldar a prática profissional ao longo do tempo. Observa-se que, no período entre os séculos XIX e XX, as equipes estavam voltadas para algumas:

[...] atividades bem específicas de serem realizadas, o que exigia um quadro de funcionários especializados, cuja formação não era oferecida por nenhuma instituição de ensino no Brasil. Em sua grande maioria, os funcionários dos museus não dispunham de nenhum conhecimento prévio ao serem contratados, e, como consequência, a preparação para o trabalho em museus se dava dentro dos próprios museus. Ou seja, havia um conhecimento museológico específico, a ser passado de geração para geração. (Considera, 2015, p. 202)

Isso explicita que os procedimentos adotados em algumas práticas museológicas eram realizados tendo como referencial o simples argumento de que:

“Aqui a gente faz assim.”

Essa frase, muito presente nas falas dos profissionais de museus em sua essência laboral [... demonstra] a apropriação e domínio desses profissionais diante de *seus* acervos e coleções, propriedade essa adquirida ao longo de anos de dedicação a esses conjuntos de objetos e saberes que compõem o patrimônio cultural de *seus* museus. (Viana, 2018, p. 95, grifo no original)

Esses saberes e práticas eram transmitidos entre as gerações de servidores(as), o que permitia a continuidade de algumas ações e atividades, mas também evidenciava a carência de uma formação técnica mais estruturada para esses profissionais.

Já em museus de ciências naturais, conforme Considera (2015, p. 201), alguns procedimentos envolviam e exigiam processos de natureza científica, mantendo durante a execução de todas as etapas a preocupação com a musealização e em tornar os objetos didáticos. Cabe ressaltar que a:

[...] formação de profissionais de museus teve início dentro das próprias instituições, uma vez que não havia cursos no país que atendessem a tal demanda. Era uma formação de caráter prático e auxiliar às atividades dos cientistas, hierarquicamente inferior, mas que em tese permitiria uma certa ascensão profissional. (Considera, 2015, p. 205)

Portanto, naquele período, o trabalho desenvolvido nesses museus estava sob responsabilidade de cientistas e preparadores (Considera, 2005, p. 205). Conforme Bruno (2006, p. 8-9), os gabinetes de curiosidades, galerias e antiquários influenciaram o perfil das futuras instituições museológicas, originando traços que seriam incorporados na construção dos museus europeus no século XVIII. Herdou-se, nesse processo, o interesse pelas curiosidades, pelo conhecimento obtido por meio da observação e do contato com objetos até então desconhecidos. Tratava-se de um “modelo institucional, que no século XIX alcançou os diversos continentes [...] para a produção do conhecimento e apreciação estética [...] com a educação e com a preservação patrimonial” (Bruno, 2006, p. 9), sendo possível observar que em algumas instituições museológicas:

[...] não convivemos hoje apenas com os indícios e rastros deixados pelos museus do século XIX e primeiras décadas do século XX; convivemos também com a herança deixada por estes, acumulada por décadas de experiências e nos ensinando principalmente que o campo museal precisa se recriar em cada momento, como nos mostra a história, e é isso que garante sua existência hoje, representada no que chamamos de museus e de processos museais. (Considera, 2015, p. 258)

Após observar diversos indícios de eventos que contribuíram para o fortalecimento da museologia no Brasil, é possível perceber que sua consolidação se deu por meio de múltiplos caminhos, marcados por esforços cotidianos voltados à estruturação de processos de trabalho e ao estabelecimento de vínculos entre o patrimônio musealizado e a sociedade (Bruno, 2006, p. 16). Conforme reitera Bruno:

Esses mesmos caminhos são permeados por tensões. Algumas acumuladas ao longo do tempo pelas rotas processuais interrompidas, outras impostas por uma demanda acima das delimitações técnicas. Há aquelas surgidas pela negligência a que muitas das nossas instituições estão submetidas. Mas há também as tensões entre as gerações de profissionais, entre a atualização das distintas responsabilidades técnicas no âmbito da Museografia, entre a atuação dos museus e a resolução dos problemas socioculturais do público, entre muitas outras.

As tensões são importantes, pois, ao mesmo tempo nos estimulam e conduzem à reflexão sobre o campo de interlocução, permeado por problemas relativos ao exercício da interdisciplinaridade para a consolidação dos projetos museológicos; [...] para a inclusão sociocultural. (Bruno, 2006, p. 16)

Com base no recorte temporal de 1964 a 2015 — período em que foram criados os museus selecionados para esta pesquisa —, foi elaborada uma Linha do Tempo (Figura 17) que organiza marcos temporais e uma sucessão de eventos relevantes. A construção dessa linha do tempo tem como objetivo facilitar a visualização analítica e permitir o entrelaçamento entre os momentos de criação dos museus e os acontecimentos e ações ocorridos nos âmbitos internacional, nacional e estadual.

A Linha do Tempo (Figura 17) permite observar que o primeiro museu, entre os selecionados para esta pesquisa, a ser instituído por lei foi o Museu de História e Arte Hélenon Borba Côrtes, em Maringá, no ano de 1964 — mesmo ano que marca o início da Ditadura Militar no Brasil. No panorama nacional e internacional, destacam-se ações anteriores a essa criação, ocorridas em 1818, 1922, 1937, 1946 e 1948, que servem como referências e indicam estímulos importantes para a constituição e o fortalecimento dos museus no país.

A criação da primeira instituição museológica no Brasil ocorreu em 1818, com a fundação do Museu Real, que ao longo do tempo recebeu diferentes denominações — “Museu Imperial, Museu Nacional, Museu Nacional do Império e Museu Nacional do Rio de Janeiro” (Considera, 2015, p. 16) — sendo atualmente conhecido como Museu Nacional. Vinculado a uma universidade, o museu possui um perfil acadêmico e científico, e suas exposições refletem a trajetória institucional, bem como as atividades de pesquisa e ensino desenvolvidas ao longo de sua história, tendo como principal finalidade a produção e disseminação de conhecimento nas áreas das ciências naturais e antropológicas²⁷.

Segundo Chagas (2015):

[...] as décadas de 1920 e 1930 foram fundamentais para o amadurecimento das ações preservacionistas do patrimônio cultural brasileiro. A preservação das representações de memória, no entanto, estava articulada a questões mais amplas referentes à identidade nacional, à constituição de uma memória coletiva, à conceituação de bem cultural a ser preservado, à origem social desse bem cultural e às possibilidades de uso educativo do patrimônio cultural. (p. 88)

Em 1922, o Museu Histórico Nacional foi criado pelo Decreto-Lei nº 15.596²⁸ com o objetivo de promover o estudo da história e reunir objetos que se encontravam em estabelecimentos oficiais. Sua finalidade era conservar, classificar e expor esses bens ao público, contribuindo para o patriotismo e o culto do passado.

Criado em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi idealizado com a finalidade de promover, de forma permanente em todo

²⁷ Mais informações a respeito do Museu Nacional, acesse: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>. Acesso em: 4 ago. 2024.

²⁸ Mais informações a respeito do Museu Histórico Nacional, acesse: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>. Acesso em: 4 ago. 2024.

o país, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e a difusão do conhecimento sobre o patrimônio histórico e artístico nacional²⁹.

No âmbito mundial, em 1946, foi criado o Conselho Internacional de Museus (ICOM)³⁰, com o intuito de padronizar e profissionalizar as práticas museológicas. O Conselho foi institucionalizado como uma organização não governamental que mantém relações formais com a UNESCO³¹ e realiza parcialmente o seu programa para museus, tendo *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU³².

No Paraná, foi possível identificar algumas iniciativas voltadas à preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural: a menção à existência da Secretaria da Educação e Cultura em 1947³³; a criação, em 1948³⁴, da Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná — setor atualmente conhecido como Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC); e a instituição da Secretaria de Negócios da Educação e da Cultura em 1957³⁵. Embora o Museu de História e Arte Hélenon Borba Côrtes, em Maringá, tenha sido criado posteriormente a esses marcos (em 1964), tais acontecimentos são indícios de que já existia no estado alguma articulação no campo do patrimônio nas duas décadas anteriores. Ainda, observa-se um hiato entre a criação legal do museu e seu efetivo funcionamento,

²⁹ Mais informações a respeito do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), acesse: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Servi%C3%A7o%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2024.

³⁰ Mais informações a respeito do Conselho Internacional de Museus (ICOM), acesse: https://www.icom.org.br/?page_id=4. Acesso em: 4 ago. 2024.

³¹ “A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU), com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.” (Ministério da Educação, s.d., n.p.)

³² “As Nações Unidas têm representação fixa no Brasil desde 1947. A presença da ONU em cada país varia de acordo com as demandas apresentadas pelos respectivos governos ante a Organização. No Brasil, o Sistema das Nações Unidas está representado por agências especializadas, fundos e programas que desenvolvem suas atividades em função de seus mandatos específicos.” (Nações Unidas Brasil, s.d., n.p.)

³³ Foi identificado que é mencionada a Secretaria de Educação e Cultura na Lei n.º 5 de 5/11/1947. Do mesmo modo, na Constituição do Paraná de 1947 consta no Título V, art. 122: “O estado criará órgão ou serviço de defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural” (Arquivo Público do Paraná, s.d., n.p.).

³⁴ Lei n.º 112 de 15/10/1948, que cria a Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná (Paraná, s.d., n.p.).

³⁵ Lei n.º 3.338 de 19/9/1957, que cria a Secretaria dos Negócios da Educação e Cultura (Paraná, s.d., n.p.).

que só se consolidou em 1988, impulsionado pelo Projeto Memória³⁶, promovido pela Prefeitura Municipal de Maringá.

Em 1972, a Mesa-redonda de Santiago do Chile resultou na elaboração da Carta de Santiago, documento de grande relevância por apresentar recomendações fundamentadas na reflexão sobre o papel social dos museus. A carta impulsionou o surgimento do conceito de museu integral e contribuiu para o desenvolvimento da Nova Museologia³⁷. Três anos após esse marco, foi criado o Museu Histórico de Telêmaco Borba (1975), cuja atuação efetiva, no entanto, teve início apenas em 1994.

No estado do Paraná, a criação da Secretaria da Cultura e do Esporte ocorreu por meio da Lei n.º 7.169, de 18 de junho de 1979. Já em 1984, dois marcos importantes se destacam: a Declaração de Quebec, que reforçou o papel dos museus como agentes de desenvolvimento social e econômico e propôs os fundamentos para uma nova museologia, com o objetivo de que fossem pensadas formas de uma museologia ativa³⁸; e, no Brasil, a regulamentação da profissão de museólogo, que definiu quais atribuições são exclusivas desses profissionais. A mesma legislação também estabeleceu as competências, receitas e a estrutura do Conselho Federal de Museologia (COFEM) e dos Conselhos Regionais de Museologia (COREM).

Com a promulgação da Lei n.º 8445, em 3 de junho de 1987, foi criada a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Trata-se do primeiro momento, na legislação estadual, em que a pasta passa a ser nomeada exclusivamente como “Cultura”. Como mencionado anteriormente, entre 1947 e 1986, a cultura no Paraná esteve vinculada às áreas da educação e/ou do esporte, conforme se observa na estrutura organizacional vigente até então. O objetivo da nova secretaria seria a promoção e a difusão da cultura em todas as suas manifestações, bem como realizar a:

captação e a aplicação de recursos para instalação e manutenção de bibliotecas, museus, teatros; a conservação e a ampliação do patrimônio cultural, compreendendo a preservação de documentos, obras e locais de

³⁶ Nasceu em 1984 com o intuito de organizar e reunir documentos e arquivos relacionados à cidade (Acervo Maringá Histórica, s.d., n.p.).

³⁷ Trata-se de conceitos voltados à reavaliação da função dos museus na sociedade, promovendo uma atuação que abranja as dimensões cultural, social e histórica, com ênfase na participação ativa da comunidade e no desenvolvimento de práticas mais críticas e engajadas (ICOM, 1972).

³⁸ Práticas que priorizam o desenvolvimento e a participação das populações, bem como o papel social dos museus (ICOM, 1984).

valor histórico e artístico, monumentos e paisagens naturais notáveis e jazidas arqueológicas. (Paraná, 1987, n.p.)

Além disso, estava entre os objetivos realizar auxílio e subvenção para as atividades culturais e esportivas, sendo importante que a secretaria fosse dedicada exclusivamente a realizar e executar ações vinculadas à área cultural.

Na Constituição Brasileira de 1988, a seção II foi dedicada à cultura e existem dois artigos que contemplam essas questões, o 215 e 216:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

[...]

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (Brasil, 1988, n.p.)

A Constituição do Estado do Paraná, promulgada em 1989, dedica os artigos 190 a 196 da Seção II à cultura, estabelecendo que os poderes públicos, tanto estadual quanto municipal, devem estimular, defender, valorizar e garantir a liberdade de expressão na criação, produção e acesso aos espaços de difusão e fruição dos bens culturais. O texto constitucional também determina a promoção do intercâmbio entre os órgãos competentes, assegurando o aprimoramento educacional nos três níveis de ensino, bem como a destinação de recursos compatíveis com o desenvolvimento das atividades culturais e artísticas. Prevê ainda a criação do Conselho Estadual da Cultura, responsável por manter e proteger os espaços culturais, garantindo suporte humano, material e financeiro, além de promover a pesquisa, divulgação e preservação do patrimônio cultural. Por fim, a Constituição assegura aos trabalhadores da cultura o direito à qualificação profissional e à valorização por meio de legislação específica, bem como determina que:

Os bens materiais e imateriais referentes às características da cultura, no Paraná, constituem patrimônio comum que deverá ser preservado através do Estado com a cooperação da comunidade.

Parágrafo único. Cabe ao Poder Público manter, a nível estadual e municipal, órgão ou serviço de gestão, preservação e pesquisa relativo ao patrimônio cultural paranaense, através da comunidade ou em seu nome. (Paraná, 1989, n.p.)

Em nível estadual, atualmente existem a Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC) e a Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná (COSEM), organizações responsáveis por orientar com relação aos bens materiais e

imateriais e que, a princípio, poderiam auxiliar e realizar o atendimento de demandas municipais.

A COSEM foi criada pela Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) para gerir o Sistema Estadual de Museus (SEM-PR), sendo instituída pela Lei n.º 9.375/1990, com:

o objetivo de promover a articulação entre os museus existentes no Estado do Paraná e desenvolver programas de assessoria técnica na área da museologia, o SEM-PR promove exposições, programas de capacitação de recursos humanos, intercâmbio com entidades congêneres e projetos voltados aos interesses da comunidade. O estabelecimento e consolidação de políticas públicas para os campos do patrimônio cultural, da memória social e dos museus visam à democratização das instituições e ao acesso aos bens culturais. (Paraná-SEEC, s.d., n.p.)

No cenário internacional, a Declaração de Caracas, elaborada em 1992 a partir do seminário A Missão do Museu na América Latina Hoje: Novos Desafios, estabeleceu como prioritários para os museus aspectos como comunicação, patrimônio, liderança, gestão e recursos humanos. A partir desses pontos, os participantes avançaram na reflexão sobre os novos desafios para as instituições museológicas, destacando a importância do reconhecimento coletivo, do estímulo à consciência crítica e do comprometimento dos dirigentes políticos. Reforçaram ainda a necessidade de que os museus se tornem mais democráticos, inclusivos e acessíveis, utilizando diferentes linguagens; que o patrimônio museal seja pensado a partir do entorno; da valorização social dos profissionais que atuam nos museus; e da implementação de mecanismos de gestão eficazes. No mesmo ano, no Brasil, foi aprovado o Código de Ética Profissional do Museólogo pelo COFEM, documento que orienta a conduta dos profissionais diante do poder público, da iniciativa privada e da sociedade.

A Política Nacional de Museus (PNM) foi lançada em 2003 com o objetivo de promover a valorização, preservação e fruição do patrimônio cultural brasileiro. Para isso, priorizou-se o desenvolvimento e a revitalização das instituições museológicas existentes, além do incentivo à criação de processos de institucionalização das memórias, contemplando a diversidade social, étnica e cultural do país. Ainda em 2003, foi criado o Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan/MinC), com a missão de articular e promover ações voltadas à implementação da PNM, por meio de editais, publicações e eventos voltados à área museológica. O DEMU também foi responsável pela realização das três primeiras edições do Fórum Nacional de

Museus, realizados em Salvador (BA, 2004), Ouro Preto (MG, 2006) e Florianópolis (SC, 2008).

Em 2004, foi sancionado o Decreto de 31 de maio que instituiu a Semana dos Museus, a ser realizada anualmente no mês de maio, e o Dia Nacional do Museólogo, celebrado em 18 de dezembro. No mesmo ano, foi criado o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), uma rede articulada de instituições museológicas públicas e privadas, com o objetivo de promover o diálogo e a gestão integrada entre elas. Suas diretrizes são definidas pelo DEMU, e a adesão ao sistema é voluntária.

Em 2009, foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em substituição ao DEMU, por meio da Lei n.º 11.906/2009 e com o objetivo de fortalecer as políticas museológicas e aprimorar a gestão do patrimônio cultural no país. No mesmo ano, foi sancionado o Estatuto Brasileiro de Museus (Lei n.º 11.904/2009), marco legal fundamental que estabelece diretrizes para o funcionamento dos museus brasileiros, incluindo orientações sobre a elaboração do plano museológico e a organização dos sistemas de museus.

O Museu Nacional, prestes a celebrar seus 200 anos em 2018, foi devastado por um incêndio ocorrido em 2 de setembro, causado por um curto-circuito em um aparelho de ar-condicionado devido ao superaquecimento. O episódio evidenciou a negligência em relação à manutenção e à falta de investimentos federais. Aproximadamente 20 milhões de itens foram destruídos, resultando em uma perda irreparável para o patrimônio histórico e cultural do Brasil e do mundo.

A Secretaria de Estado da Cultura do Paraná foi rebaixada em 2019 à condição de Superintendência da Cultura, passando a ser vinculada à Secretaria de Estado da Comunicação Social e Cultura, conforme estabeleceu a Lei n.º 19.848 (Paraná, 2019, n.p.). Essa mudança não representa apenas uma questão de *status* institucional, mas evidencia a perda de autonomia da área cultural, agora subordinada à comunicação social, o que compromete a capacidade de desenvolver e executar políticas próprias. Da mesma forma, em âmbito federal, o Ministério da Cultura (MinC) foi extinto pela Medida Provisória n.º 870, de 1º de janeiro de 2019, sendo transformado em Secretaria Especial vinculada ao Ministério da Cidadania. A decisão do governo estadual, sob a gestão de Carlos Roberto Massa Júnior (Ratinho Júnior), de rebaixar a secretaria seguiu a lógica da articulação com as diretrizes do governo federal daquele período.

A reestruturação do Poder Executivo Estadual resultou, em 2023, na retomada do *status* de Secretaria da Cultura, conforme estabelecido pela Lei Estadual n.º 21.352 (Paraná, 2023, n.p.). Esse movimento se deu em um contexto político marcado pelas eleições de 2022, que definiram os ocupantes dos cargos de presidente da República, governador, senadores e deputados federais e estaduais. Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente do Brasil em 30 de outubro daquele ano, anunciando na sequência a recriação do Ministério da Cultura (MinC). Para manter alinhamento com a nova configuração federal, o governo estadual, sob continuidade da gestão de Carlos Massa Ratinho Júnior, também reestruturou sua política cultural.

Após situar e contextualizar os eventos e marcos internacionais, nacionais, estaduais e municipais paranaenses reunidos na Figura 17 — que abrangem um período de 205 anos —, observa-se que, nos âmbitos internacional e nacional, ocorreram acontecimentos significativos voltados à criação de parâmetros e à normatização de práticas, atitudes, iniciativas e condutas para orientar o funcionamento das instituições museológicas.

Alguns desses marcos contribuíram para o fortalecimento das ações de salvaguarda de objetos musealizados, os quais representam, ainda que parcialmente, as memórias nacional, estadual e municipal do Paraná. Essa trajetória coloca em evidência esforços institucionais e o compromisso histórico com a preservação e valorização dos patrimônios materiais e imateriais ao longo do tempo, conforme pondera Bruno (2006):

Com uma história longa, permeada pela preservação das expressões culturais e das ações de colecionadores, as instituições museológicas têm um singular comprometimento com a reflexibilidade dos olhares que têm enquadrado e selecionado os aspectos da realidade, gerando acervos de bens patrimoniais que sustentam a nossa herança cultural. A historicidade dessa longa caminhada é de interesse de diversas áreas de conhecimento, mas para a Museologia tem uma importância estruturadora, no que tange à organização disciplinar e à hierarquia das expressões do pensamento acadêmico. (Bruno, 2006, p. 10)

Dessa forma, pensar o exercício profissional nos museus hoje exige reconhecer essa construção histórica como fundamento das práticas museológicas, na sua articulação entre o legado herdado e os desafios contemporâneos.

3.1 Cenário Paranaense

Um dos grandes indícios de articulação dos museus no Paraná foram os Encontros de Museus, que aconteceram entre os anos de 1988 e 2018³⁹. Esses encontros foram relevantes para o compartilhamento de práticas museológicas e intercâmbio em nível estadual de experiências entre os(as) trabalhadores(as) de museus. Nascimento e Corrêa (2024) detalham:

Os Encontros de Museus do Paraná promovidos inicialmente pela Coordenadoria de Museus (CDM), posteriormente pelo Sistema Estadual de Museus do Paraná, são o indício de articulação para mobilização da área museológica entre os museus no estado. Foram organizados oito encontros com a promoção de minicursos [...]. Mesas-redondas [...]. Comunicações orais [...]. Palestras, oficinas e a elaboração de cartas ao final do evento, onde os participantes reivindicavam e manifestavam suas demandas e necessidades, inclusive pelo reconhecimento e formação na sua área de atuação. Poderiam participar dos encontros dois membros de cada museu (um diretor e um técnico ou dois técnicos). Os demais participantes, como professores, museólogos e pessoas credenciadas, participavam apenas como membros observadores. Os encontros eram operacionalizados nestes moldes. (p. 2)

A partir desses encontros, ocorreram como desdobramentos a criação do Sistema Estadual de Museus do Paraná, a instauração do curso superior de Bacharelado em Museologia⁴⁰ e a implantação de sistema informatizado para integração dos acervos do estado. Nascimento e Corrêa (2024, p. 2) discutem que “[o]s sistemas de museus, ao agirem de forma articulada e colaborativa, qualificam os museus para a realização de ações integradas e conectadas”.

O estado do Paraná conta com 399 municípios. Em 2024, foi realizado um levantamento sobre a forma como estão organizadas as pastas municipais responsáveis pela cultura. Os dados revelam a seguinte distribuição: 338 municípios contam com secretarias específicas; 41 possuem departamentos; 4 têm diretorias ou divisões; 5 atuam por meio de fundações; e em 11 municípios, embora a estrutura responsável não traga a palavra “cultura” em sua denominação, ela executa ações

³⁹ Em 2024, foi apresentado um resumo sobre os “Encontros de Museus do Paraná (1988-2018)” durante II Congresso Internacional e Multidisciplinar Arte & Cultura: Arte em Contextos Políticos Polarizados, grupo de trabalho “Acervos, Museus e Memória” (Nascimento; Corrêa, 2024).

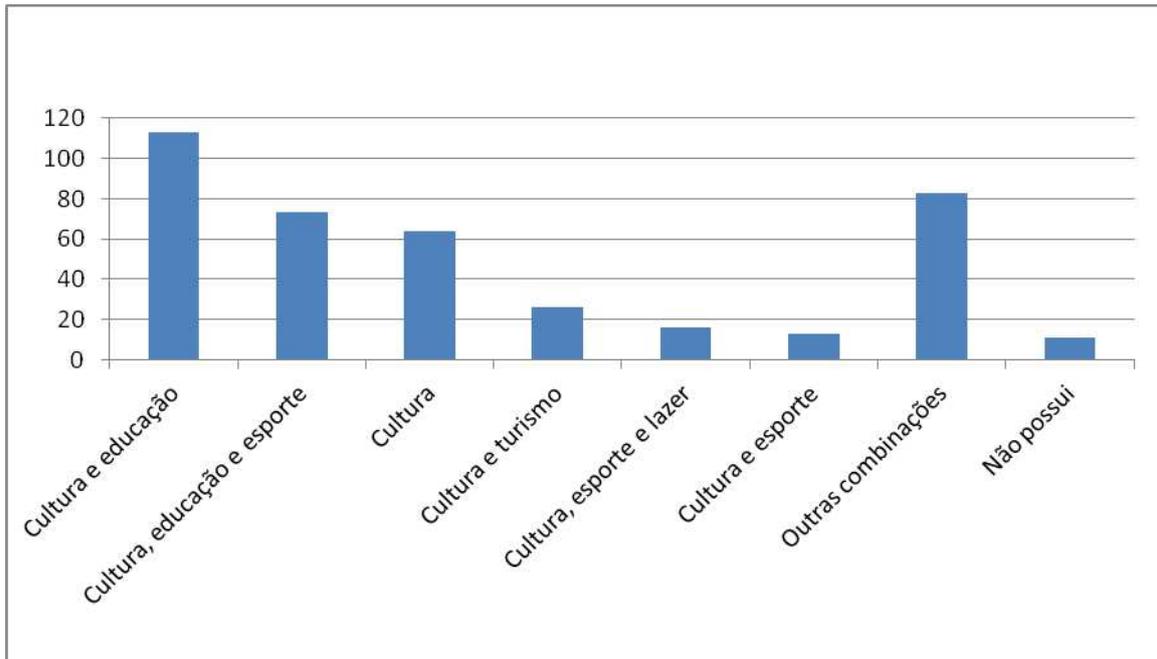
⁴⁰ Primeira turma aberta em 2019 na UNESPAR (UNESPAR, s.d., n.p.) — Campus de Curitiba I — EMBAP (Escola de Música e Belas Artes).

voltadas para essa área. As informações foram extraídas do cadastro de Gestão Municipal disponível no site do Sic Cultura⁴¹.

Na gestão pública, a estrutura organizacional exerce influência direta sobre a eficiência administrativa. As principais diferenças entre os modelos residem no grau de autonomia e nas atribuições de cada um. O departamento é um setor vinculado a uma secretaria ou a outro órgão, com autonomia limitada e dependência hierárquica da instância à qual está subordinado. A diretoria ou divisão, por sua vez, está geralmente ligada a um departamento e atua como um núcleo operacional, também com pouca autonomia e diversas restrições. Já a fundação é uma entidade com personalidade jurídica própria, o que lhe permite maior flexibilidade na gestão e execução dos recursos, podendo contar com autonomia administrativa e financeira. Por fim, a secretaria representa o nível mais elevado dessa estrutura, sendo o órgão com maior autonomia administrativa e orçamentária, responsável por coordenar e gerenciar os demais setores subordinados.

Em expressiva maioria dos municípios paranaenses, as ações em cultura são realizadas em secretarias municipais. Analisando essa informação isoladamente, presume-se que existe maior autonomia administrativa e orçamentária. Entretanto, ao serem analisadas as denominações dessas secretarias responsáveis por desenvolver a cultura, foi possível identificar que elas estão organizadas da seguinte forma:

⁴¹ “O Sistema de Informação da Cultura (sic.cultura.pr.gov.br), um dos componentes na construção do Sistema Nacional de Cultura, é uma plataforma tecnológica que visa coletar, armazenar, organizar e difundir informações relativas à cultura de maneira interativa com a sociedade. O sistema possibilita a produção de indicadores aplicáveis a processos de formulação e implantação de políticas culturais. A plataforma *online* possibilita o monitoramento e a avaliação de políticas, programas, projetos, agentes, infraestrutura e eventos culturais, públicos e privados, cujos objetivos e características estão declarados na Lei nº 19.135/2017 do Plano Estadual de Cultura. Sua proposta é produzir, sistematizar e difundir, de forma ampla e irrestrita, dados abertos, informações georreferenciadas, estatísticas, indicadores, estudos e pesquisas sobre a cultura paranaense.” (Superintendência, 2020, p. 7)

Gráfico 18 - Denominação das pastas nos municípios paranaenses

Fonte: Autoria própria (2024).

As denominações atribuídas às pastas responsáveis pela cultura variam amplamente entre os municípios, refletindo diferentes formas de organização administrativa. Entre as combinações mais frequentes, destacam-se: Cultura e Educação, presente em 113 municípios; Cultura, Educação e Esporte, com 73 ocorrências; apenas Cultura, em 64 casos; Cultura e Turismo, com 26 registros; Cultura, Esporte e Lazer, em 16 municípios; e Cultura e Esporte, em 13. Outras combinações somam 85 casos, enquanto 11 municípios não possuem setor com a palavra “cultura”.

A partir do levantamento realizado, identificou-se que a área da cultura divide pasta com as seguintes ações/atividades: Educação (231); Esporte (153); Turismo (72); Lazer (45); Comunicação (4); Juventude (4); Meio Ambiente (3); Assistência Social (3); Ação Social (2); Administração (2); Eventos (2); Recreação (2); Desenvolvimento Econômico (2); e, com uma ocorrência cada, as áreas de: Assuntos Universitários; Comunicação Social; Desenvolvimento; Desenvolvimento Humano; Eventos Turísticos; Família; Habitação; Indústria; Patrimônio Histórico; Promoção Artística; Projetos Culturais e Sociais; Trabalho; e Turismo. Além disso, 382 municípios utilizam a denominação “Cultura” para a pasta e 6 adotam a forma “Cultural”.

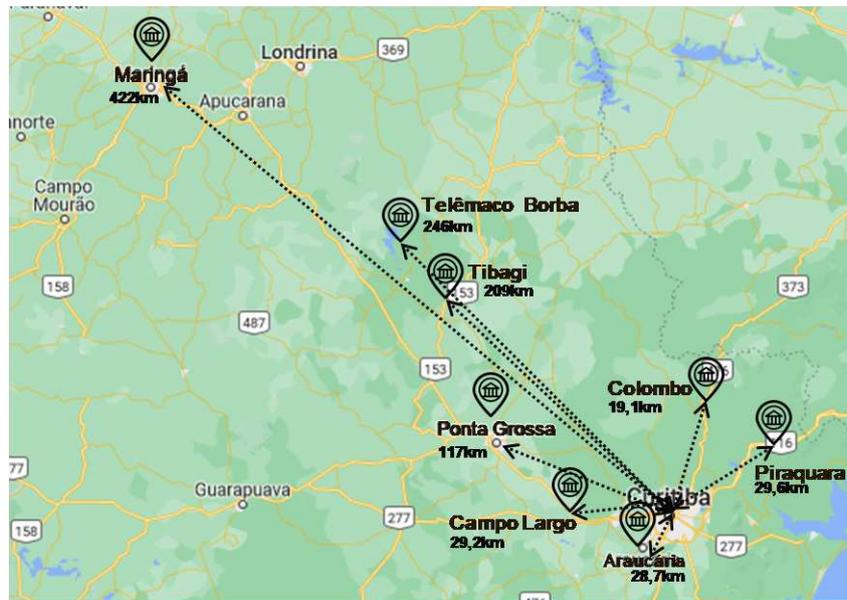
Aspectos como governança, gestão, plano de governo e previsão orçamentária influenciam diretamente na definição e na distribuição dos recursos financeiros. Quando uma mesma secretaria é responsável por diversas áreas e ações, torna-se necessário o compartilhamento do orçamento disponível. Considerando que, em 84% dos municípios, a pasta da cultura está associada a outras atribuições, esse fracionamento pode enfraquecer as políticas culturais, já que a gestão provavelmente precisará dividir não apenas os recursos financeiros, mas também os humanos, físicos e operacionais para executar as atividades previstas.

3.2 Museus Municipais

Conforme mencionado anteriormente, alguns dos museus selecionados para esta investigação já eram conhecidos previamente pela pesquisadora, com exceção dos localizados nos municípios de Tibagi e Ponta Grossa. O acervo desses museus é parcialmente conhecido por integrarem, por meio de termo de cooperação técnica, a Rede de Informações Museus Paraná, a qual disponibiliza o uso do sistema Pergamum Museus a museus públicos municipais no estado do Paraná. Em razão da atuação da pesquisadora na oferta de treinamentos para a utilização desse sistema, foi possível obter um conhecimento prévio da equipe técnica dessas instituições.

Com o intuito de facilitar a identificação visual, a localização geográfica e a distância das instituições em relação à capital paranaense, foi elaborada uma indicação cartográfica, apresentada na Figura 18:

Figura 18 – Localização cartográfica dos museus



Fonte: Autoria própria (2024).

A Figura 18 reúne e aponta os municípios e a distância aproximada até Curitiba, capital paranaense: Araucária (28,7 km) – Museu Tingui-Cuera; Campo Largo (29,2 km) – Museu Histórico de Campo Largo; Colombo (19,1 km) – Museu Municipal Cristóforo Colombo; Maringá (422 km) – Museu de História e Arte Hélenton Borba Côrtes; Piraquara (29,6 km) – Casa da Memória Manoel Alves Pereira; Ponta Grossa (117 km) – Casa da Memória Paraná; Telêmaco Borba (246 km) – Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba; e Tibagi (209 km) – Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior.

Entre os museus selecionados, o mais distante está localizado no município de Maringá, a 422 quilômetros do marco zero de Curitiba, situado na Praça Tiradentes. O trajeto até esse município leva, em média, cerca de 7 horas e 36 minutos de ônibus, ou aproximadamente 5 horas e 44 minutos de carro. Por outro lado, o museu mais próximo encontra-se em Colombo, a 19,1 quilômetros da capital paranaense, distância que pode ser percorrida em cerca de 30 minutos de carro.

Ao analisar a localização dos municípios e museus selecionados em relação às macrorregiões⁴² Histórico-Culturais do Paraná, observou-se a seguinte distribuição: na macrorregião Noroeste, apenas um museu está presente (Maringá); na macrorregião dos Campos Gerais, foram identificados três museus (Telêmaco

⁴² Delimitação de regiões na qual é considerada a conexão de cidades próximas, com a finalidade de facilitar o planejamento e a gestão de políticas públicas.

Borba, Ponta Grossa e Tibagi); e na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), encontram-se quatro museus (Colombo, Campo Largo, Araucária e Piraquara). As informações referentes a esses museus foram organizadas no Quadro 2, na qual é possível consultar, entre outros dados, a tipologia, o ano de criação e a vinculação institucional de cada instituição.

Quadro 2 – Informações básicas sobre os museus - comparativo 1

Instituição	Tipologia	Criação	Gestão	Comunicação Divulgação	Horário de atendimento ao público	Ingresso
Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes	Histórico Artístico	1964	Secretaria de Cultura	- Página no site da Secretaria	Segunda à sexta das 8h às 17h	Gratuito
Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba	Histórico	1975	Secretaria de Cultura, Esporte e Recreação	- Site da prefeitura	Segunda à sexta 08h às 11h e das 13h às 17h	Gratuito
Museu Tingui-Cuera	Histórico	1982	Secretaria Cultura e Turismo	-Site da prefeitura	Terça a sexta das 08h às 12h e das 13h às 17h e aos domingos das 13h às 17h	Gratuito
Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior	Histórico	1986	Secretaria de Educação e Cultura	- Facebook	Terça a domingo, das 9h às 11h30 e das 13h30 às 17h	Gratuito
Casa da Memória Paraná	Histórico	1995	Secretaria de Cultura	- Página no site da Secretaria - Instagram - Facebook	Segunda à sexta das 9h às 17h	Gratuito
Museu Histórico de Campo Largo	Histórico	2004	Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura	- Facebook ⁴³	Terça a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h	Gratuito
Museu Municipal Cristóforo Colombo	Histórico	2007	Secretaria de Esporte, Cultura e Lazer	- Página no site da Prefeitura - Instagram ⁴⁴ - Facebook	Segunda a sexta das 08h às 16h30, sábados e domingos das 13h às 17h	Gratuito
Casa da Memória Manoel Alves Pereira	Histórico	2015	Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer	- Página do museu - Facebook	Segunda a sexta das 09h às 12h e das 13h às 17h	Gratuito

Fonte: Autoria própria (2024).

Na primeira coluna do Quadro 2, observa-se que, entre os museus previamente selecionados, quatro utilizam em sua denominação os termos “histórico” ou “história”; dois são identificados como “Casa da Memória”; e cinco

⁴³ Facebook é uma rede social gratuita e online criada em 2004 que permite o compartilhamento de fotos, vídeos, textos e áudios (<https://www.facebook.com>).

⁴⁴ Instagram é uma rede social gratuita e online criada em 2010 que permite o compartilhamento de fotos e vídeos (<https://www.instagram.com>).

homenageiam figuras masculinas específicas. Nota-se que esses patronos, cujos nomes nomeiam os museus, são homens brancos, cujas trajetórias sociais estão associadas a papéis tradicionalmente valorizados, como desbravador, médico, político, desembargador e indigenista. Tal escolha reflete um padrão recorrente de representação centrado em privilégios e estereótipos raciais, evidenciando a ausência de representatividade de outros grupos sociais nas homenagens públicas. No entanto, essa crítica e sua devida problematização não serão aprofundadas no escopo desta pesquisa.

Alguns dos museus selecionados para esta pesquisa apresentam, em sua denominação, a identificação “Casa da Memória”. Esse termo costuma designar espaços voltados tanto à guarda de arquivos permanentes quanto à realização de exposições temporárias, com foco na preservação da história regional. Assim, essas instituições desempenham um papel importante no campo cultural, por abrigarem acervos e registros da memória local. Em determinados casos, apesar da nomenclatura, exercem na prática as funções de museus municipais (Carneiro Jr., 2006, p. 102). Sobre esses espaços, Vilas Boas e Trevisan (2024) definem:

As casas de memória são espaços organizados, em geral, por uma instituição pública que tem o objetivo obter e organizar documentos sobre o desenvolvimento de uma cidade ou sobre acontecimentos que a envolvam num contexto nacional. (p. 145)

Retomando a Lei n.º 11.904/2009, devido às suas características e atuação, as casas de memória são consideradas museus. A denominação “casa”, portanto, não torna esses locais menos responsáveis por salvaguardar o acervo e o patrimônio. Espaços desse tipo possuem as mesmas atribuições e responsabilidades que uma instituição museológica.

Continuando a análise do Quadro 2, observa-se, na segunda coluna, que a maioria dos museus listados possui tipologia histórica. Essa classificação é especialmente significativa para os municípios em que estão inseridos, uma vez que esses museus lidam com “bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História” (IBRAM, 2011, p. 19).

Todos os museus apresentados no Quadro 2 são geridos pelas prefeituras de seus respectivos municípios, estando vinculados à pasta da Cultura, que, por vezes, encontra-se associada a outras áreas, como Turismo, Esporte, Lazer, Recreação e Educação. Em geral, o acesso ao público é gratuito. A maioria das

instituições realiza atendimento para visitação de terça a sexta-feira, sendo que apenas três delas também funcionam aos finais de semana.

Conforme apresentado na coluna “Comunicação/Divulgação” do Quadro 2, poucos dos museus selecionados contam com site, página institucional ou perfil próprio em redes sociais — situação que pode ser verificada com mais detalhes nas fichas dos museus (Apêndice I). A ausência desses canais específicos de comunicação compromete a visibilidade das instituições e dificulta o acesso a informações por parte de visitantes e turistas. Dados básicos como horários de funcionamento, gratuidade ou cobrança de ingresso, e exposições em cartaz tornam-se menos acessíveis, o que pode impactar negativamente no estímulo à visitação.

Os museus identificados e denominados como históricos são, proeminentemente, vinculados à administração municipal, sendo geralmente o primeiro museu criado no município ou o único existente na região. Essas instituições preservam acervos e objetos que representam, ainda que de forma parcial, as transformações e o desenvolvimento social da comunidade local. Conforme indica sua própria denominação, esses museus têm como função a salvaguarda da história e da origem do município. Grande parte de seus acervos é composta por itens provenientes das prefeituras, doações de munícipes e, em alguns casos, pela galeria dos prefeitos.

O Quadro 3 apresenta um comparativo em relação a acervos, corpo técnico e área de formação dos servidores(as) e/ou estagiários(as) dentre os museus selecionados:

Quadro 3 – Informações básicas sobre os museus – comparativo 2

Instituição	Acervos	Corpo técnico	Área de formação dos servidores(as) e/ou estagiários(as)
Museu Tingui-Cuera	532	03	Não foi informado
Museu Histórico de Campo Largo	2.000	03	Pedagogia e Ensino Médio
Museu Municipal Cristóforo Colombo	6000	06	História e Artes
Museu de História e Arte Héllenton Borba Côrtes	4.000	06	Turismo, Artes, Arquitetura, Geografia e História

Casa da Memória Manoel Alves Pereira	323	04	Museologia e História
Casa da Memória Paraná	60.000	03	
Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba	1.500	01	História
Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior	4.000	02	Artes

Fonte: Autoria própria (2025).

A média de itens salvaguardados pelos museus analisados é de aproximadamente 9.794. As equipes responsáveis por essas instituições são, em geral, reduzidas, variando de 1 a 6 integrantes. Entre as formações acadêmicas dos profissionais que compõem essas equipes, destacam-se os cursos de História (cinco casos) e Arte (três casos).

Foram apresentados, neste capítulo, os aspectos gerais dos museus inicialmente selecionados para a pesquisa. Foram analisados, de forma introdutória, alguns contextos e situações dos museus a partir do século XIX, com o intuito de oferecer uma compreensão parcial de práticas e desafios historicamente presentes. Também foram considerados eventos museológicos ocorridos no período de criação dessas instituições, além de uma retomada de informações específicas sobre cada uma delas.



Capítulo 4

ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM MUSEU MUNICIPAL

Foto de placa que estava fixada na entrada do
Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior (Tibagi)

4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM MUSEU MUNICIPAL

[...] O trabalho museal consiste em uma via de mão dupla entre a prática e a teoria, esta última sendo constantemente sacrificada a mil e uma solicitações do trabalho diário. (Desvallées; Mairesse, 2014, p. 17)

Este capítulo foi elaborado a partir dos relatos de três interlocutores(as) que atuam em três dos museus previamente selecionados e já apresentados ao longo desta dissertação. Conforme indicado e justificado no segundo capítulo, os nomes das pessoas foram substituídos. Além disso, nos trechos em que aparecem substantivos próprios, foram adotados nomes fictícios, inspirados em flores utilizadas nas religiões afro-brasileiras (Apêndice H).

4.1 Primeiro Ato: (re)Existir

[...] Estruturas inadequadas, recursos financeiros pouco numerosos ou pouco flexíveis, carência e uso equívoco de materiais e equipamentos, recursos humanos sem formação adequada e – pior – sem vocação, são alguns exemplos dignos de menção.

Tudo isto forma um quadro que, em termos genéricos, revela uma única doença: a falta de uma imaginação sociológica, capaz de entender o museu como um processo. (Guarnieri, 1977, p. 131, grifo no original)

Na infância, encantava-se com o reflexo das luzes que atravessavam os vitrais das antigas construções de sua cidade natal, no interior do Paraná. Foi nesse período que desenvolveu o hábito de recriar ambientes, inventar novos espaços e experimentar combinações e recombinações. Colecionava bonecas de papel, organizava álbuns e registrava memórias de suas amigas em um caderno repleto de lembranças, relatos e anotações. O gesto de colecionar, ordenar e reorganizar, presente nas brincadeiras do cotidiano, já revelava uma imaginação fértil, marcada por memórias, sonhos e uma infância simples, modesta e feliz. Desse imaginário, nascia a admiração pelo patrimônio, pelas memórias e pelas histórias.

Seu desejo inicial era tornar-se arquiteta, mas, impedida pelo pai de morar longe de casa, optou por cursar Design de Produto — a formação que considerava mais próxima de seu sonho. Em busca de realização pessoal, deu continuidade aos estudos, concluindo uma especialização em História da Arte e Cultura. Posteriormente, foi aprovada em uma instituição pública para cursar uma segunda graduação, desta vez em Artes. Foi apenas durante a experiência como docente em

uma escola da rede estadual que teve contato com alguns museus e passou a se encantar por esse universo. A partir desse envolvimento, começou a perceber a relevância dos museus para a comunidade, não apenas como um entretenimento cultural ou destino de passeios escolares. Em determinado momento, precisou priorizar a família e paralisar temporariamente a carreira profissional. Sempre cuidando do filho, vivenciando uma maternidade atípica⁴⁵ e, sobretudo, apaixonada pelas artes.

Essa é uma breve contextualização da infância, das memórias e da trajetória compartilhada pela entrevistada, interlocutora e colaboradora que inspirou as reflexões dos próximos parágrafos. Para preservar sua identidade, será identificada como Yánsàn⁴⁶ e não será mencionado e/ou indicado o nome da pessoa que colaborou nem a instituição de vínculo, em função do compromisso ético de confidencialidade.

Yánsàn, ao tornar-se servidora pública municipal, soube em determinado momento da existência do Museu Histórico, embora, sendo natural da cidade, desconhecesse sua existência. Durante a graduação, teve a oportunidade de conhecer diversos museus, mas mal sabia que em sua cidade natal existia o Museu Histórico Municipal. A organização do museu está atribuída a um Departamento vinculado à Prefeitura. Ao consultar a ata de abertura oficial do museu, verifica-se que foi apenas durante os festejos do trigésimo aniversário do município que ocorreu a inauguração oficial ao público, com a realização das duas primeiras exposições. Documentalmente, observa-se que, apesar da criação do museu por meio de lei, houve um intervalo de dezenove anos até sua efetiva inauguração.

Segundo Yánsàn, quando soube da existência do museu, os acervos encontravam-se alocados em uma pequena sala dentro da prefeitura e,

⁴⁵ De acordo com Viana e Benicasa (2023, p. 10-11), o termo maternidade atípica refere-se à vivência da maternidade que exige necessidades e dedicação distintas daquelas observadas na maternidade de filhos neurotípicos, caracterizada como maternidade típica. Trata-se de um conceito que se origina no campo fisiológico. A introdução do termo tem como propósito validar e reconhecer essa experiência, bem como nomeá-la, a fim de possibilitar espaços de fala e tornar visíveis suas demandas, contribuindo assim para a formulação de políticas públicas nas áreas social e de saúde.

⁴⁶ A grafia em iorùba é Yánsàn, mas no decorrer do texto adotarei também lansã, grafia em português. Yánsàn é a òriṣà que possui o poder de controlar e direcionar os ventos, trazendo mudanças e transformações. Suas tempestades representam sua capacidade de purificação e renovação (Significados, s.d., s.p.).

posteriormente, foram transferidos para o espaço denominado “Palma”⁴⁷, que era compartilhado com outra Secretaria Municipal.

Após algum tempo de atuação no município, Yánsàn, que frequentemente propunha diversas ações e atividades com o intuito de “movimentar” a cultura local, sentiu a necessidade de solicitar transferência para atuar diretamente no museu — mesmo ciente dos comentários que circulavam entre os(as) colegas servidores(as), de que trabalhar naquele local era considerado um “CASTIGO”. Em conversa, ela comentou que:

[...] o museu, em Manacá é visto como um castigo. É um lugar de castigo. Com todas as pessoas que já passaram por aqui antes de mim, elas relatam que, por conta de problemas políticos, perseguição, elas vieram pro museu. É eu sou, acho que, a terceira, a quarta geração que está aqui no museu, mas, para minha surpresa, eu amei estar aqui, né? [...] Eu não entendo como um lugar de castigo. (Entrevista C1, 2023)

A partir do relato de Yánsàn, estar no museu municipal é percebido pelos(as) servidores(as) daquele município não apenas como um castigo, mas também como um “cabide de emprego”. Periodicamente, a direção do museu é assumida por uma indicação política, o que, conseqüentemente, faz com que a pessoa indicada não demonstre comprometimento com a instituição. Por vezes:

o museu fica na mão do turismólogo e do cara formal. O assessor de turismo era professor de Educação Física e tem uma academia. O que ele entende de museu para estar cuidando aqui? (Entrevista C1, 2023)

Ao longo dos meses, Yánsàn foi se dedicando a conhecer, aprender e criar novas práticas na instituição museológica — espaço que possui diversos regramentos e recomendações em níveis internacional, federal e em sua respectiva esfera. Certo dia, ao adentrar o ambiente expositivo, Yánsàn deparou-se com diversas roupas e diferentes objetos de uso pessoal dispostos no local. Diante da situação, compartilhou com a pesquisadora fotografias da cena e expressou grande preocupação, por meio de uma mensagem via WhatsApp⁴⁸.

A “imagem que não fala por si só” (Mauad, 1996, p. 10), afinal, representa um passado que a produziu. Portanto, por meio de um testemunho, memória e narrativa, o intuito naquele momento seria documentar um fato, tentar analisar a situação e, por fim, produzir uma possível reflexão sobre o ocorrido.

⁴⁷ Conforme mencionado no segundo capítulo, caso seja mencionado algum substantivo próprio ao longo dos trechos dos relatos, serão adotados nomes fictícios, baseados em flores utilizadas nas religiões afro-brasileiras.

⁴⁸ O WhatsApp é um aplicativo usado em *smartphones* e computadores para troca de mensagens em forma de texto, imagem, áudio e vídeo.

Dessa forma, na imagem (Figura 19) é perceptível que Yánsàn optou por fotografar e enquadrar um ângulo específico do ambiente. No primeiro plano, observa-se um espaço que aparenta ser uma sala, iluminada tanto pela luz natural das janelas quanto pelas lâmpadas, sem indícios evidentes de manipulação na cor ou no contraste. No segundo segmento, é possível identificar a presença de diversos objetos distribuídos pelo ambiente, sem o registro de nenhuma pessoa no local. Conforme Mauad (1996), esses dois segmentos acabam se relacionando no processo de produção de sentido, integrando-se na composição da imagem.

Figura 19 - Foto do ambiente expositivo registrada pela servidora do museu municipal (PR).



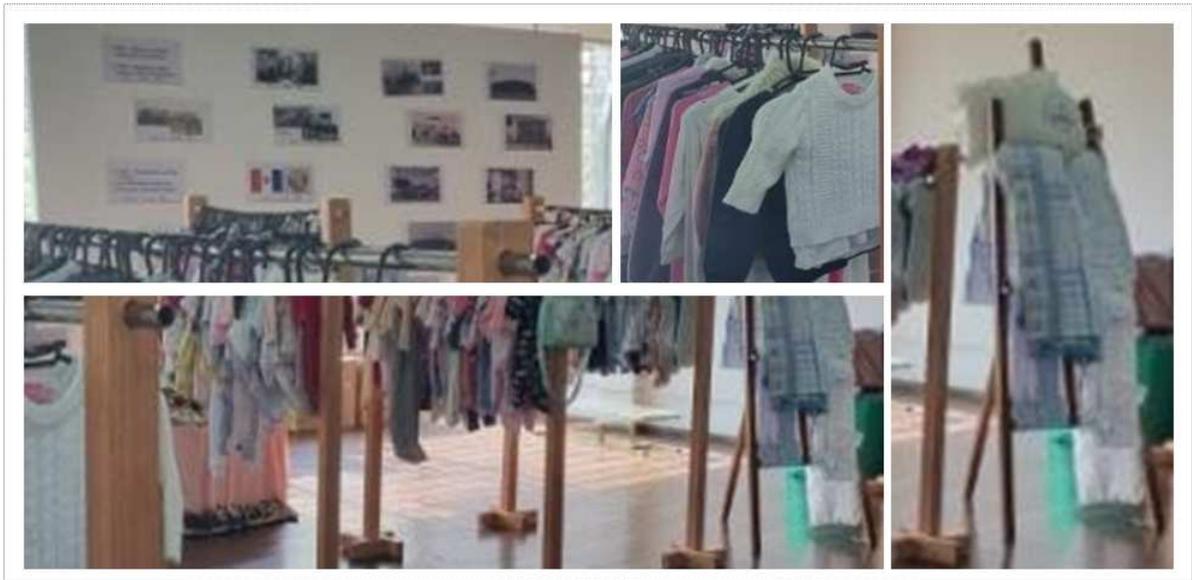
Fonte: Yánsàn (2023).

Tendo como referência os elementos da forma do conteúdo, conforme proposto por Mauad (1996, p. 12), é possível identificar que a imagem foi produzida por Yánsàn no ano de 2023, no Museu Histórico Municipal, localizado no Paraná, Brasil. A autora da imagem optou por registrar a presença de objetos distribuídos e dispostos em uma das salas do museu, justamente no ambiente onde estava sendo realizada uma exposição fotográfica.

No primeiro plano da fotografia, observa-se uma sala com piso de madeira e um suporte para vestimentas parcialmente ocupado por roupas em cabides,

aparentemente infantis, considerando o tamanho e a proporção em relação ao suporte e aos cabides. No segundo plano, no canto direito mediano, aparece parcialmente o braço de um móvel que parece ser um sofá ou poltrona. Em seguida, visualizam-se três suportes para roupas contendo uma grande quantidade de peças organizadas em cabides. Também há cobertores e um travesseiro dispostos sobre um cavalete de pintura, localizado mais ao canto direito da imagem. No terceiro plano, nota-se um painel com fotografias e textos, aparentemente suspenso por cabos de aço fixados ao telhado de treliça de madeira. No canto inferior direito do painel, há uma caixa cercada por alguns calçados. Por fim, no plano de fundo, grandes janelas permitem a entrada de luz natural, iluminando todo o ambiente. Na lateral direita, uma parede branca delimita o espaço e, abaixo desse ponto, são visíveis caixas de papelão e, à direita, dois objetos empilhados, aparentemente quadrados.

Figura 20 – Montagem com detalhes da imagem 19



Fonte: Autora (2023).

O arranjo fotográfico apresenta-se descentralizado, com o item principal — localizado no primeiro plano — posicionado mais à esquerda da imagem. A fotografia possui foco, definição e uma iluminação ambiente razoável no que se refere às categorias espaciais. Assim, esta imagem insere-se no espaço fotográfico, pois resulta de um recorte espacial processado pela fotografia, cuja intenção de quem a produziu era registrar e documentar o ambiente em sua composição.

Na imagem analisada e descrita com o intuito de possibilitar a compreensão do recorte realizado por Yánsàn, que documentou tal situação, é possível observar que, no ambiente da “Palma” — que no momento abriga o Museu Histórico Municipal — estava em curso uma exposição fotográfica, enquanto o espaço era simultaneamente ocupado por roupas, cobertores e objetos de uso doméstico. Yánsàn não foi informada previamente de que isso aconteceria, ou de que precisariam do local para a realização, provavelmente, de um bazar. Diante disso, ela optou por fotografar, a fim de retratar e documentar a situação que se desenrolava no espaço expositivo. Essa circunstância vivenciada por Yánsàn foi condicionada por decisões externas, definições que até então ela desconhecia. No entanto, para quem realiza a gestão e organização programática do museu, é essencial estar ciente do que acontecerá no espaço, sobretudo para reorganizar e ajustar a agenda de mediações, por exemplo.

Notadamente, o local expositivo se apresentava em desacordo com as orientações e manuais que definem, para alguns, o que se considera um ambiente adequado para a recepção de exposições das mais diversas tipologias. Em determinadas instituições, adota-se o conceito de “cubo branco”; conforme O’Doherty (2002, p. 4), nesse viés, o museu, a galeria, o local que recebe a exposição é construído:

de acordo com preceitos tão rigorosos quanto os de construção de uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, de modo que as janelas geralmente são lacradas. As paredes são pintadas de branco. O teto torna-se a fonte de luz. O chão de madeira é polido, para que você provoque estalidos austeros ao andar, ou acarpetado, para que você ande sem ruído. A arte é livre, como se dizia, “para assumir vida própria [...]”. Sem sombras, branco, limpo, artificial – o recinto é consagrado à tecnologia da estética. Montam-se, penduram-se, espalham-se obras de arte para estudo. Suas superfícies imaculadas são intocadas pelo tempo e suas vicissitudes. (O’Doherty, 2002, p. 4)

Sob esse ponto de vista, o ambiente expositivo tende a ser concebido como um local que não interfira nas obras e objetos expostos, de modo a não comprometer a compreensão e a experiência contemplativa do visitante. Com base nesse princípio, torna-se compreensível a inquietação de Yánsàn ao se deparar com diversas roupas dispostas no espaço expositivo, especialmente diante da possibilidade de realizar atendimentos a visitantes, grupos escolares, e não saber, naquele momento, como conduzir tal situação. Parafraseando Bruno (1996, p. 12), tais preocupações estão diretamente relacionadas às dimensões da preservação, organização, comunicação e educação patrimonial, visto que os museus herdaram a

responsabilidade pela perpetuação dos artefatos, sendo concebidos como espaços limpos e estéreis. Essa circunstância remete a um dos desafios apontados por Yánsàn: a falta de recursos físicos — neste caso, a ausência de uma sede destinada exclusivamente ao funcionamento do museu.

Uma das fragilidades indicadas por Yánsàn refere-se à divisão da pasta da cultura. No município em que trabalha, o museu está vinculado à Secretaria Municipal, que se divide em três ações/atividades, de modo que a cultura acaba perdendo espaço para as outras duas atividades, não sendo dada a devida importância para as suas questões e, principalmente, para as demandas do museu. Segundo ela, a demanda do esporte é maior que a da cultura, então sempre é convidado para assumir a pasta um(a) secretário(a) da área do esporte.

Assumir uma pasta que possui diversas ações seria uma dificuldade, afinal, conforme Yánsàn:

uma pessoa do esporte não vai ter tempo de se dedicar à cultura. Por mais que a gente tenha um chefe de divisão, esse chefe de divisão, ele nunca tem a formação em Arte. (Entrevista C1, 2023)

Essa observação de Yánsàn, de que boa parte das vezes assume o cargo de chefia alguém vinculado ao “esporte” — por ser uma vertente que apresenta mais demandas, destaque e ações, em contraponto à cultural — evidencia uma das fragilidades da gestão. Segundo relatado por Yánsàn, para assumir algum cargo de chefia não se prioriza a formação na área artística. Ela comenta que, atuando no museu, é possível presenciar momentos de compartilhamento, momentos de recepção, momentos de pertencimento, mas as dificuldades são muitas, e por vezes ela se preocupa com quais ações executar primeiro. Ela comenta:

querer estar aqui não é o suficiente, né? Eu tenho que lutar por uma equipe, eu tenho que lutar por museóloga, porque... tanto que a minha formação, ela não é direcionada especificamente pro museu, né?

Então, em nada eu consigo, da minha formação, realmente, o pouco que eu consigo agregar é em relação às exposições, à montagem de exposição, a receber as escolas, fazer mediação. [...]

Então, eu mesmo, eu mesmo limpo, eu mesmo... Eu só não faço descarte [...], mas o resto das atitudes, assim, se vai participar da Semana do Museu, se não vai, se vai fazer alguma coisa, se vai mudar, que exposição que vai fazer, tudo. É tudo, é tudo eu que decido... (Entrevista C1, 2023)

A partir desta fala de Yánsàn, é possível identificar que se trata de um museu de uma pessoa só. É uma pessoa só para realizar a mediação. Uma pessoa só para cuidar do acervo. Uma pessoa só para recepcionar. Uma pessoa só para contabilizar a quantidade de visitantes. Uma pessoa só para verificar se as

legislações vigentes estão sendo cumpridas. Uma pessoa só para catalogar o acervo museológico. Uma pessoa só para cuidar e atualizar a documentação museológica. Uma pessoa só para receber os acervos doados. Uma pessoa só para elaborar os relatórios. Uma pessoa só para higienizar o acervo museológico. Uma pessoa só para realizar o reacondicionamento do acervo. Uma pessoa só para pensar e organizar os eventos e atividades culturais — entre tantas outras tarefas que precisam ser realizadas.

Essa questão de desafios e ausências de recursos humanos em museus não é uma situação recente. Waldisa Rússio, em dissertação defendida em 1977 sobre os museus localizados em São Paulo e no interior do estado, já sinalizava que:

[...] É preciso, ainda, lembrar, que grande número de museus não possui mais que seu diretor e, às vezes, um servente ou guarda, razão pela qual não se pode utilizar a variável “delegação de atribuições e competências” a não ser em termos muito relativos. (Guarnieri, 1977, p. 107-108)

Em outra passagem da dissertação, Guarnieri (1977) menciona que o diretor estaria “assoberbado” por tarefas díspares e numerosas que apenas reforçaria um “espírito autocrático, pernicioso e retrógrado” (p. 110) e que é “quase sempre ridículo pensar em divisão de trabalho pelo simples fato de inexistir com quem” (p. 114).

Com isso, é possível observar que a sobrecarga de trabalho e as diversas ausências nas instituições museológicas não são situações recentes, muitas vezes com a ciência da gestão pública. Canclini (2019) reflete sobre esse fenômeno:

[...] sabemos que toda política é feita, em parte, com recursos teatrais: [...] não se sabe se vai ter fundos para funcionar, as promessas do que não se pode cumprir, o reconhecimento público dos direitos que serão negados em privado. (p. 163)

Instituições públicas museológicas são dependentes de promessas de que determinado recurso será destinado ao museu e/ou de que haverá mais servidores(as). Algumas vezes a negação é demonstrada apenas pelo silenciamento em relação a essas demandas e compromissos, conforme problematizado por Canclini (2019).

Em outro momento, Yánsàn compartilhou que:

é muito difícil, porque eu vejo assim que é muito necessário que, primeiramente, eu organize o museu. Que eu não, né? Que seja... Primeiro passo, que o museu se organize enquanto estrutura. Temos um museu? Temos. Então, o que nós precisamos? Precisamos de um plano museológico, precisamos de uma equipe, precisamos de um espaço realmente correto. [...] Como que eu vou ficar só sentada aqui, passando

espanador nas peças? Não posso, tenho que melhorar. Mas, sozinha, realmente, tá bem difícil. (Entrevista C1, 2023)

Yánsàn consegue elencar quais seriam as práticas iniciais para uma boa reorganização e estruturação do funcionamento do museu. No entanto, se depara com uma grande quantidade de tarefas a realizar, como a elaboração do plano museológico para o cumprimento da legislação vigente, e a organização de um espaço adequado para o acervo — considerando que, conforme as orientações, o ideal é que o que não está exposto esteja acondicionado em uma reserva técnica. Diante de tantas demandas que poderiam ser executadas, ela se sente confusa sobre por onde começar e como iniciar esse processo. Em relação a estar sozinha no museu, também refletiu:

[...] tem muito material aqui. Mas, assim, sozinha, realmente, eu precisaria de uma pessoa junto comigo, né. Que, enquanto eu tivesse fazendo alguma coisa, por exemplo, quando eu tivesse me dedicando de repente a fazer o arrolamento, a pessoa pudesse estar higienizando, né, tivesse separando as fotografias, colocando uma em cada envelope, me organizando nesse sentido. Que, realmente, sozinha, eu não dou conta. (Entrevista C1, 2023)

Novamente, ao elencar algumas das atividades a serem desenvolvidas em uma instituição museológica, Yánsàn evidencia a quantidade de pessoas que, minimamente, seriam necessárias para o bom funcionamento de um museu, indicando que a presença de mais profissionais facilitaria a execução simultânea das diversas tarefas. Conforme Guarnieri (1977, p. 133) “por isso mesmo dependemos, cada vez mais, dos grupos multiprofissionais, da reflexão conjunta de muitas inteligências [...] o Museu não foge a essa característica de nosso tempo”. Esta afirmação revela que o maior desafio enfrentado é, justamente, a falta de recursos humanos. Yánsàn compartilhou que, em visita à capital do estado, observou que:

a realidade dos museus realmente é essa. Isso um pouco me confortou, sabe? Que não é só aqui o museu que é deixado, que é esquecido, que vive a duras penas, que não tem equipe. O próprio “Museu Estadual” não tem uma equipe [...] que eles também passam por dificuldades, que eles também têm que colocar a mão na massa, pintar, montar, carregar, arrastar, que não tem uma equipe, né? Que tem que ter a força de vontade de fazer. O que eu vejo. (Entrevista C1, 2023)

Yánsàn se confortou ao observar que não é a única na mesma situação, pois pôde verificar que inclusive um museu público da capital paranaense sofre com as mesmas questões e dilemas, principalmente com a falta de recursos humanos.

O museu é um espaço que exige uma equipe interdisciplinar, um corpo técnico definitivo e especializado. No entanto, as legislações que determinam a realização de diversas ações tornam muitas dessas exigências praticamente

inviáveis em um museu de uma pessoa só. Além disso, essas legislações e normativas que orientam a gestão museológica tendem a direcionar a atuação do profissional para um viés predominantemente preservacionista. Isso remete a um modelo de museu tradicional, que compreende a relação museal entre edifício – público – coleção, entendida como uma noção básica na museologia (Bruno, 1996, p. 25). A questão que se impõe é: como pensar e refletir ações que vão além da preservação, se nem mesmo o mínimo necessário pode ser realizado? Ou ainda, como viabilizar aquilo que poderia ser considerado como básico em uma instituição museal diante de tantas ausências?

Devido ao volume de trabalho e aos constantes entraves enfrentados na rotina do(a) trabalhador(a) de museu, este frequentemente acaba se dedicando totalmente à instituição. Em algumas situações, chega a comprar com recursos próprios algum item ou produto necessário para que o museu possa dar continuidade às suas atividades. Assim, o(a) trabalhador(a) se dedica, investe e participa, mas nem sempre querer estar no museu será suficiente.

Durante a conversa, Yánsàn compartilhou seu desejo de que o museu conseguisse transmitir emoção também aos(às) gestores(as). Que eles(as) pudessem sentir as mesmas emoções que os visitantes experimentam — aquelas que, muitas vezes, são partilhadas durante a visita ao se deparar com um objeto capaz de evocar lembranças de algum familiar. A trabalhadora conta:

[...] essa parte é muito bacana, porque as pessoas relatam: “Nossa, essas memórias que você me perguntou...”. Sabe? Então, assim, aí que eu vejo a magia do museu. Quando eu vou conversar com a pessoa e ela fala: “Olha, esse caldeirão aqui, nossa, eu lembro da minha infância, que a minha avó fazia isso aqui, que o meu avô fazia isso, mas eu lembro que ia buscar água para isso aqui, aí eu lembro que o meu pai cortava a lenha com isso aqui”. Então, poxa vida, e a pessoa fala sorrindo, com uma lembrança tão gostosa, uma nostalgia tão, assim, contagiante. Eu falo: “É aqui que eu quero trabalhar! Eu quero ouvir essas histórias!”. Mas aí a pessoa vai embora e eu vejo que continua tudo do mesmo jeito ((risos)). [...]

Outra coisa também que chama muita atenção aqui, para as mulheres, que é muito bacana também, são as máquinas de costura, que elas lembram das avós, das tias, das dindas, e isso não tem preço, o relato que fazem, sabe? Fico, assim, emocionada, que dá uma palpitação, saber que é possível a gente promover essa nostalgia pras pessoas através dos objetos. (Entrevista C1, 2023)

Neste trecho, é interessante observar a relação de afeto mediada por determinados objetos, fazendo com que o museu se torne um espaço que gera emoção, uma sensação de nostalgia, capaz de tocar “o visitante por meio de certos arranjos da memória, da afetividade que compõe o ato de lembrar aquilo que não

vivemos, mas que de alguma forma mexe [...] provocar os poros da pele, afetar os limites entre nós e os objetos” (Ramos, 2004, p. 83).

Yánsàn acredita que esses sentimentos motivariam a valorização e o reconhecimento dos(as) gestores(as) municipais. Afinal:

[... a] cultura material faz de nós o que somos [...]. Para além de servir apenas como meios para a expressão de personalidades associadas com gostos ou escolhas específicas, ao nos apropriarmos dos artefatos, estamos nos constituindo como determinados tipos de sujeitos. (Santos, 2018, p. 1-2)

Os objetos, agora artefatos musealizados, pelos olhares das pessoas que visitaram a instituição, evidenciam como os “valores associados ao gênero são objetificados na materialização dos artefatos” (Santos, 2018, p. 2). Por que o caldeirão e a máquina de costura remetem ao gênero feminino (mulher), enquanto o objeto associado ao ato de cortar lenha é vinculado ao gênero masculino (homem)? Muitas vezes, “[...] as relações de gênero remetem aos ‘papéis sociais’ desempenhados por (bio) homens e (bio) mulheres nas sociedades” (Santos, 2018, p. 2). No entanto, não são apenas as relações entre homens e mulheres que estão em jogo no museu, mas também as relações de trabalho (classe), os universos simbólicos e as práticas sociais. O que converte o museu em um espaço importante para reforçar ou desconstruir essas relações.

Consequentemente, parafraseando Marinês Ribeiro dos Santos (2018, p. 4), os artefatos passam a carregar uma materialidade como “tecnologia de gênero”, corroborando e enfatizando a heteronormatividade presente na construção social que orienta o uso de determinados dispositivos — assim como a ideia de que “meninas usam rosa e meninos azul”, ou ainda certas tangibilidades como banheiros, roupas, sapatos e brinquedos. Essas associações, seja por meio da fala das pessoas visitantes, seja na cenografia de simulacros expositivos de ambientes domésticos em museus, são aspectos que reforçam valores e naturalizam “noções que são culturalmente construídas de feminilidades e masculinidades” (Santos, 2018, p. 5).

Portanto, objetos associados ao preparo de alimentos e à confecção de roupas — itens ligados ao cuidado e ao zelo com a casa e a família — são frequentemente vinculados ao gênero feminino. Já objetos como o instrumento de cortar lenha, provavelmente feito de metal e utilizado fora do ambiente doméstico, exigindo força física, são associados ao gênero masculino. Entre os objetos de uso interno (casa = cuidado) e os de uso externo (alimento = provedor), compreende-se

que há uma construção social que define quais objetos são usados por determinados gêneros, sendo esses artefatos também concebidos dentro de normas e expectativas de gênero.

Em outro momento da conversa, Yánsàn afirmou que são os compartilhamentos das memórias dos visitantes que a motivam e a fazem querer retornar todo dia para o museu:

E é isso... me dá vontade às vezes até de chorar, é isso que eu queria que quem tá no poder sentisse, sabe? Eu vejo que quem está no poder tá muito preocupado, assim, com a tecnologia, com o avanço, com o crescimento do município, que o museu não faz nenhuma diferença. Mas a gente também pode investir em tecnologia no museu. Eu também posso transformar um museu num museu digital, eu também posso inovar aqui, né? Não é porque eu tenho peças antigas que ele é uma coisa que fica parada no tempo. (Entrevista C1, 2023)

Yánsàn realiza a conexão de que a tecnologia está associada a algo digital.

Nesse contexto, a tecnologia seria:

agora como puramente instrumental, como isenta de valores. [A tecnologia não responderia] a propósitos inerentes, mas somente serve como meios e metas subjetivas que escolhemos como desejemos. [...] Esta é a filosofia instrumentalista da tecnologia, um tipo de produto espontâneo de nossa civilização, irrefletidamente assumido pela maioria das pessoas. (Feenberg, 2003, p. 5)

Dentro da percepção instrumental da tecnologia, ela seria humanamente controlada e conseqüentemente neutra, segundo Feenberg (2003, p. 6).

Yánsàn tenta se inspirar para todo dia realizar algo diferente, fazer algo que desperte emoções nos visitantes, mas essa inspiração às vezes não é necessária, porque não são todos os dias que o museu recebe visitantes:

[...] desde o tempo que eu estou aqui não recebi nenhuma visita, assim que falo: "Nossa!". É que eu vim aqui conhecer porque meu filho chegou em casa, contou que ele veio no museu, que viu tal coisa e fiquei interessada e nunca, nunca aconteceu esse episódio, né? Então, eu devo então... não sei se está valendo a pena, né? Na Semana dos Museus são sempre as mesmas pessoas. Eu tenho que ficar implorando para vir. (Entrevista C1, 2023)

Na percepção de Yánsàn, se o museu tivesse um "nome", algo que demonstrasse reconhecimento ou *status* perante a sociedade daquela região, talvez o museu fosse validado, respeitado e reconhecido. Sendo uma instituição consolidada, por sua relevância junto à comunidade, provavelmente a população cobraria mais ações, estaria mais presente nos eventos, compareceria nos lançamentos — ou seja, Yánsàn acredita que a relação entre o museu e a comunidade seria diferente.

Yánsàn entende que o “espaço do museu é a história através dos objetos, uma poética material que abre inúmeras possibilidades de interpretação” (Ramos, 2004, p. 97). Para ela, os objetos salvaguardados no museu são considerados, pela comunidade, apenas itens velhos e que não possuem valor histórico. Sua percepção corrobora com o que Chagas (1987) observou em sua pesquisa:

o público [...], em sua grande maioria, continua associando museu a elementos do passado, a conteúdos sacralizados [...]. [A]s definições de museu contidas nos dicionários corroboram e refletem este tipo de associação. (p. 5)

Em vista dessa observação, Yánsàn gostaria que fosse realizada uma divulgação que colaborasse para a conscientização de que museu não é lugar de “coisa velha”, mas, sim:

[...] Essas coisas que preservam o passado, sabe? Que tem a história de alguém ali. E não é só um objeto que tá largado ali, que está quebrado, que tá esquecido no museu. NÃO! Alguém usou, fez parte da história por algum motivo, por algum..., né? Por alguma questão. Ele tem a sua própria vida ali, a sua própria história. Então, isso me fascina muito. (Entrevista C1, 2023)

O museu não é um local apenas para “armazenar, reunir, acumular produtos preciosos, coisas várias, objetos antigos” (Chagas, 1987, p. 14). Observa-se pela fala de Yánsàn que ainda não foram desenvolvidas ações “para transformar em profundidade a natureza dos museus, que continuam sendo vistos como local [...] onde se acumulavam objetos variados dentro de uma tônica ‘enciclopédica’” (p. 14). Provavelmente essa percepção tenha nascido a partir dos museus tradicionais, que “apresentam um discurso museológico e museográfico estático” (p. 17), sendo uma questão a ser transformada pelo(a) trabalhador(a) do museu, que pode optar pela “cristalização do passado, de valorização do objeto em relação ao homem/sujeito e outro [caminho,] de transformação radical, de valorização do homem/sujeito em relação ao objeto” (p. 17). Mas, para o reconhecimento e a valorização do museu, é preciso o apoio da gestão.

O museu municipal em que Yánsàn trabalha existe há muitos anos, mas ainda:

[...] falta essa divulgação. Eu vejo assim, por exemplo, se eu fosse uma pessoa, que eu fosse benquista, por exemplo, dentro da cultura, a minha palavra seria uma palavra que iria ressoar a importância que o museu tem. Porque eu sempre defendi o museu. Como o museu nunca foi valorizado em Manacá, então eu vejo assim que falta um pouco da cultura realmente de quem está na gestão de realmente entender a importância [de] que empreender para o museu hoje, não é hoje que ela vai colher os frutos, né? Porque o museu não traz voto, mas ela vai colher os frutos lá na frente de

saber que, poxa, que na gestão [em] que ela esteve à frente da cultura e auxiliou o museu, foi muito importante pra que não se perca o pouco que se tem. (Entrevista C1, 2023)

Yánsàn associa a falta de colaboração por parte da gestão a suas relações profissionais. A partir de sua fala, observa-se que, possivelmente, as relações interpessoais acabam interferindo na colaboração e na compreensão das demandas e necessidades do museu. A colaboradora segue:

Divulgação, também a gente sofre bastante com essa questão, porque, assim, o site da prefeitura é controlado pela comunicação, pela assessoria de comunicação, e todas as matérias passam por eles, mas o museu ele não tem um site específico, ele não tem um insta específico. Por quê? Porque nada pode se divulgar fora desse controle da assessoria. Então se resume a divulgação do museu no site do município, e eu usava muito meu Facebook, coisa que eu não vou fazer mais, sabe? Não vou misturar assim as coisas, porque não... não vale a pena. Então, é muito difícil a pessoa que entra no site do município e a aba, você entra lá em 3, 4, 5, 6 abas pra daí chegar na aba do museu. (Entrevista C1, 2023)

Como descrito por Yánsàn, o acesso à página das informações do museu no site da prefeitura é dificultado em virtude das diversas abas que precisam ser abertas, a fim de se conseguir visualizar alguma informação sobre o museu.

Além desse problema relacionado à comunicação, para Yánsàn seria imprescindível que o secretário da pasta tivesse a graduação na mesma área, neste caso, em Artes. Para ela não faz sentido saberem da existência do museu por lei e não serem disponibilizados recursos e muito menos auxílio para o seu devido funcionamento. O cargo de secretário é uma posição política, sem necessariamente ter como requisito formação na área de atuação; mas, segundo Yánsàn, o fato de o indicado possuir graduação na área de Artes modificaria a situação da gestão de forma efetiva. Segundo a interlocutora:

[o] museu é uma moeda política. Quem entrar vai fazer o que bem entender pra tentar um cabide de emprego para alguém, né? Ou é um castigo para alguém. (Entrevista C1, 2023)

Desse modo, afirmando que um secretário formado e/ou que possua algum vínculo com a área das artes daria a “importância da arte, mas ainda num município pequeno assim tá muito longe de ser o ideal” (Entrevista C1, 2023).

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, em 1977, já havia observado que não há:

[...] a preocupação de formar quadros próprios, com pessoal recrutado especialmente para o desempenho de funções determinadas, definidas em cargos públicos. Essa política pouco racional vai contribuir para a permanência e o fortalecimento da ideia de que o Diretor de museu deve ser uma pessoa de

expressão política e social, no sentido vulgar de tais palavras. Daí a ausência de um formalismo estratégico, estruturante; daí a elitização, daí a ausência de públicos mais diversificados, daí a ação restritiva dos museus com tais comunidades.

É de se lamentar a realidade administrativa e burocrática (será válido usar-se o termo?) dos museus... (Guarnieri, 1977, p. 118)

Portanto, há muitos anos não há preocupação com a criação e/ou manutenção de quadro próprio para atuar nos museus. Essas questões administrativas seriam, ao final das contas, responsabilidade de quem? Secretário(a)? Prefeito(a)? Órgãos fiscalizadores? Fica claro que a questão dos recursos humanos é uma das maiores dificuldades no “desenvolvimento pleno das organizações museológicas” (Guarnieri, 1977, p. 122).

Próximo à data da conversa⁴⁹, foi divulgado um concurso público municipal⁵⁰ em que foi desconsiderada a solicitação de contratação de um museólogo, o que decepcionou a servidora. Yánsàn afirmou ter sido uma demonstração de descaso com o museu, afinal, realizou a manifestação da importância da contratação de um profissional da área de museologia por diversas vezes.

Analisando o certame do concurso, dentre as áreas anunciadas para serem preenchidas, o profissional que poderia contribuir de algum modo com o museu seria a pessoa com a formação em Arquivologia; porém, conforme consta no edital, a vaga seria inicialmente para cadastro de reserva. Portanto, essa pessoa pode vir a ser chamada ou não para assumir o cargo junto à municipalidade. Ao verificar o edital do concurso e a observação de Yánsàn, nota-se que:

O secretário, ele tem que lutar pelo seu equipamento cultural, ele é Secretário de Cultura. Então, ele tem que lutar pelo seu equipamento cultural. E querer que esse equipamento cultural dê certo, que traga visitantes, ele precisa apoiar. E ele não apoia. (Entrevista C1, 2023)

Yánsàn afirmou que não observa que o(a) secretário(a) busque melhorias para o museu. Para ela, tendo um corpo técnico suficiente, o museu teria oportunidade para crescer:

[se] vamos investir no museu. Vamos dar uma oportunidade pro museu crescer, né? Vamos arrumar uma equipe. (Entrevista C1, 2023)

⁴⁹ Agosto de 2023.

⁵⁰ Ao verificar o certame do concurso, observou-se que foram contemplados os cargos descritos como: Técnico Municipal de Nível Superior: Administração/Administrativo Público; Arquivologia; Bioquímica; Engenharia de Segurança do Trabalho; Engenheiro de Trânsito; Engenheiro Sanitarista; Farmácia; Fiscalização de Receitas Tributárias; Fonoaudiologia; Fisioterapia; Medicina; Nutrição; Odontologia; Psicologia; Serviço Social; e Terapia Ocupacional.

Brevemente, observa-se que este museu de uma pessoa só conta, em seu quadro funcional, com apenas uma profissional — alguém que demonstra empenho em realizar, da melhor forma possível, as ações previstas para a instituição e às quais se propõe. Ela, que na infância criou em seu imaginário histórias que hoje estabelecem vínculos afetivos com sua atuação na área do patrimônio material, dedica-se a salvaguardar a memória de seu município, sua cidade natal. Em meio ao caminho, nem sempre saberá o que priorizar, diante do volume de tarefas e do acúmulo de funções. No entanto, conforme relata, seu desejo é apenas poder exercer e executar, com condições mínimas, seu papel como servidora pública em um museu municipal.

Ramos (2004) contribui para a reflexão:

Diante das inúmeras barreiras, como a recorrente insuficiência de recursos humanos e financeiros ou as orientações das chamadas políticas culturais, poucos museus são aquilo que deveriam ser: ao mesmo tempo, e de modo continuado, um centro de conhecimento que faz pesquisa sobre o acervo, as formas de expor e as possibilidades educativas. (p. 150)

Como Yánsàn poderá realizar pesquisas sobre o acervo se não consegue sequer executar as diversas ações necessárias ao funcionamento básico do museu? Entre tantas barreiras, ela resiste, e suas práticas acabam se restringindo à realização de exposições, ao acolhimento e à mediação de grupos escolares — o que, diante da realidade que enfrenta, já representa uma importante iniciativa. Segundo Guarnieri (1977):

[...] é preciso que as pessoas envolvidas no trabalho em museu não se furtem a ser criativas; a imaginação e a sensibilidade humana têm sido muito represadas por hábitos consagrados, rotinas pouco flexíveis do exercício profissional. (p. 134)

Talvez seja assim que Yánsàn tente atravessar seus dias: afastando com ventos fortes as adversidades e buscando, com criatividade, conduzir suas práticas cotidianas na tentativa de construir um museu para sua comunidade que se aproxime, ao máximo, do que ele poderia — e deveria — ser.

4.2 Segundo Ato: Eu-quipes e as memórias de um passado não tão distante

[...] os museus têm um papel importante. Eles são espaços de relações, são lugares de poder e de memória, mas são também arena, campo de luta onde germinam identidades culturais regadas por uma gota de sangue. Há uma gota de sangue em cada museu. (Chagas, 2015, p. 126)

Pisciano, nascido no interior, em terras distantes do território paranaense. Afirma: “sempre fui uma criança muito curiosa, exploradora” (Entrevista, C2, 2024). Define-se como uma pessoa imaginativa, com gosto pela escrita e por aquilo que é místico. Acredita que todos os objetos possuem um aspecto místico — e é justamente isso que o atrai.

Colecionar sempre foi um fascínio para mim [...] pessoa de colecionar tudo [...] fui mordido pelo bicho do colecionismo na mais tenra infância e... Minha mãe me chamava de acumulador [...]. Então, [o] colecionismo, muito presente na minha personalidade, na minha história e na minha vida profissional. (Entrevista C2, 2024)

Este é Òṣoosì⁵¹, o segundo interlocutor desta pesquisa. Formado em Turismo, com especialização em museus, história e arte contemporânea. Ao relatar sua primeira visita a um museu, aos 12 anos, descreve a experiência como encantadora:

[...] o museu de Açucena tem uma arquitetura de castelo, tem um monte de coisa[s] de armas, armaduras, então ele proporciona um encantamento. Fica no meio da floresta, um castelo no meio da floresta [...]. Era tipo, no meu estado, tinha muita identidade, tinha as primeiras imagens sobre o Brasil, essa identidade brasileira [... ,] uma coleção de Frans Posts⁵². Então, proporcionou muito encantamento. O museu conseguiu se tornar símbolo, uma instituição símbolo da minha personalidade, reunia tudo, tanto arte, o gosto pelo desenho, pela representação, a... Tudo que a gente vê nos livros de história e nos livros de príncipes e princesas que são encantados e desencantados. Então, foi um deslumbramento. É amor à primeira vista. E o colecionismo, né? Um colecionador. Tudo era de um cara só, né? Que era chocante, assim, pensar sobre isso.
[...]
Foi quando eu falei com minha mãe: “Mãe, o que que é a pessoa que trabalha no museu?” Ela falou: “É o curador”. É isso aí que eu quero ser. E 10 anos depois, eu com 22 anos, estagiei nesse museu. (Entrevista C2, 2024)

Essa visita foi a inspiração que impulsionou sua trajetória profissional na área de museus. Para Òṣoosì, o museu representa encanto, imaginação, pertencimento, legado, orgulho e sangue. Ele afirma que há “uma gota de sangue em cada museu”, fazendo referência à obra de Mario Chagas (2015).

Durante a conversa, foram solicitadas mais informações sobre a estrutura organizacional do museu em que trabalha. Ele então relatou que:

⁵¹ A grafia em yorubá é Òṣoosì, mas no decorrer do texto adotarei também Oxóssi. Este orixá estimula a busca pelo conhecimento de modo a expandir os sentidos da vida (Vinícius, 2018).

⁵² No período em que esteve no Brasil, entre 1637 e 1644, Frans Post reproduziu fielmente tudo o que via, como um pintor-repórter. Ao chegar ao Brasil, aos 25 anos, o primeiro grande contraste notado por ele foi a luz tropical e os temas. O olhar de Post incorporou nova informação à técnica, provavelmente influenciado por paisagistas holandeses de prestígio como Salomon van Ruysdael (c.1602-1670) e Pieter Molijn (1595-1661), entre outros (Zappi, 2004, s.p.).

Dentro da Secretaria de Cultura, a gente tem a Superintendência, né? [...] abaixo da Superintendência, a gente tem a gerência. [...] Essa gerência abriga diversas instituições [...]. Abriga o arquivo público, abriga o museu, abriga o setor de patrimônio do município [...]. Então, a gente trabalha mais ou menos nesse guarda-chuva maior da gerência, nessas três linhas, sendo uma dessas o museu. [...]

Eu sou ligado, mais especialmente, à parte de museu e exposições. Então a gente tem uma outra servidora, que cuida da parte de patrimônio, e a gente tem um outro servidor, que cuida da parte de arquivo. Então, funciona mais ou menos como “eu-quipês”. (Entrevista C2, 2024)

Ele afirmou estar vinculado especialmente às demandas do museu e das exposições. Outros dois responsáveis atuam, respectivamente, nas áreas de patrimônio e arquivo da municipalidade, e também podem ser considerados “eu-quipês” nesses departamentos, todos vinculados à gerência. Dessa forma, todas as questões relacionadas aos museus acabam recaindo sob sua responsabilidade:

Inclusive a função social. Então, sou eu que vou fazer o termo de doação, a recepção de novos acervos, a documentação, a catalogação, a triagem, a higienização, a documentação, a inserção dele no Sistema Pergamum. Eu sou a pessoa que vai fazer a curadoria das exposições. Então, é... Eu sou o curador residente. Eu monto todas as exposições da casa e as exposições externas à casa, mais [em todas as ações] que o município precisa.

[...] porque como o tema é museu municipal, a gente pesquisa muito sobre a história do município. Os historiadores da casa me ajudam muitíssimo, né? (Entrevista C2, 2024)

Õsoosì acaba sendo responsável técnico por todas as demandas relacionadas aos acervos. Em algumas ocasiões, também precisa auxiliar outros museus, especialmente quando há solicitações da prefeitura para a realização de exposições vinculadas a eventos na cidade. Para dar conta de tantas atividades, ele conta com o apoio e a colaboração de estagiários(as) de outros departamentos, que o auxiliam nessas tarefas.

Ao ser perguntado sobre alguma situação inusitada que presenciou nestes anos, ele comentou:

[... no museu] uma das nossas exposições de longa duração é a Galeria dos Prefeitos.

E a gente tem o quadro do segundo prefeito de Orquídea, o Antúrio da Silva. O Antúrio foi um prefeito que ficou escondido, porque ele tem uma história meio complexa, meio trágica. Ele mata um cara e fica 14 anos preso. E ele mata por um desentendimento. Ele era dono de uma concessionária de carros [... ,] mandava carros de São Paulo pra ele vender.

E aí, um dia, ele briga com o gerente [... ,] chegou menos carros, eles têm um desentendimento. E ele dá um tiro no cara dentro do escritório dele. Esquentado. Perde a cabeça. Ele mesmo chama a polícia, ele mesmo se entrega e ele passa 14 anos preso. Aí tem uma publicação da casa, que [se] chama Cadernos Crista de Galo, onde a gente reúne os documentos que tem no acervo em relação a cada prefeito. E aí tem uma entrevista com esse cara. E a entrevista chama: “Antúrio, 5 mil dias sem sol”. E é uma entrevista muito emocionante. O bispo da cidade vai visitar ele na prisão,

sabe? E aí, ele tem um ótimo comportamento, trabalha fazendo comida na prisão, sabe? E ele tá, assim, arrasado com a situação. Conversando com o jornalista, ele diz: “Eu queria voltar com você. Eu queria voltar com você pra Orquídea”. Ele diz pro jornalista.

E ele diz: “Eu queria naquele dia ter puxado um cigarro pra oferecer pro amigo, e não um 38 pra matar o homem”. E a história, a entrevista é muito bem escrita, é extremamente emocionante. Então, eu me emocionei com a história desse cara.

E aí eu fui pra frente do quadro dele, na exposição na Galeria dos Prefeitos, olhar aquele quadro. Sabe, a importância que ele teve pra cidade... porque ele foi o segundo prefeito, a companhia que era colonizadora tinha muito poder político na época, então o governo, o poder público tava tentando se firmar. Então é esse segundo prefeito que, junto com o bispo que chega durante o primeiro ano do mandato dele, que vão consolidar o poder público em Orquídea, mas que ele vai ser apagado da história por essa tragédia. Ele leva uma surra também, no primeiro mandato dele em uma barbearia, é uma figura complexa. Ele tira uma concessão de um matadouro [...]. E aí a pessoa que tinha concessão antes manda dar uma surra. E o capataz pega ele no dia 24 de dezembro dentro de uma barbearia e dá uma surra nele em praça pública. No primeiro ano de governo. Então ele tinha uma razão pra ser esquentado. [...]

Eu rezei, eu acho, pra alma desse cara, entende? Pra agradecer dele ter consolidado essa cidade que viria me acolher 50, 60 anos depois.

Então, foi uma relação profunda com a realidade desse cenário. Dois dias depois... Aparece uma mulher no setor, uma senhora, uma velha, aleatória, vamos dizer assim. E ela diz: “Oi, eu sou Fulana da Silva. Eu sou filha do Antúrio. Eu vim visitar o espaço.” Eu surtei. Eu surtei. É porque, assim, eu vim do interior, tem 500 anos de história.

Qualquer personagem tá morto, entende? [...]

Então toda a história dessa cidade tá muito fresca, vamos dizer assim. Então eu, eu tive uma síncope, assim, sabe?

Que eu tava vendo e eu queria dizer tudo que eu tinha visto do pai dela, sabe? Mas ela não tem a imagem do pai dela de 14 anos preso, entende?

Ela já superou isso, era uma mulher de 60 anos, mas estava viva em mim aquela dor que eu tinha sentido, sabe? (Entrevista C2, 2024).

Para este ex-prefeito, não foi erguida nenhuma estátua ou monumento em praça pública em celebração aos seus feitos. Apesar de alguns imprevistos, sua memória não foi enaltecida como “um modo de ser da memória que tem a pretensão de diminuir a falta de memória, mas nunca consegue realizar essa ambição, pois o vazio não pode preencher outro vazio” (Ramos, 2004, p. 122). Canclini (2019) reflete que:

Os monumentos apresentam a coleção de heróis, cenas e objetos fundadores. São colocados numa praça, num território público que não é de ninguém em particular, mas de “todos”, de um conjunto social claramente delimitado, os que habitam o bairro, a cidade ou a nação. O território da praça ou do museu torna-se cerimonial pelo fato de conter os símbolos da identidade, objetos e lembranças dos melhores heróis e batalhas, algo que já não existe, mas que é resguardado porque alude à origem e à essência. Ali se conserva o modelo da identidade, a versão *autêntica*. (p. 191)

A importância de Antúrio foi esvaziada, com o intuito de que sua memória fosse apagada da história do município. Mesmo tendo contribuído de forma significativa para a constituição e formação da cidade, foi “apagado” para que

ninguém desse conjunto social se recordasse de sua trajetória. Seus feitos tornaram-se irrelevantes diante de um crime, negando-lhe até mesmo o “direito” a um monumento.

A partir desse relato, é possível perceber a relação e o vínculo que Ôsoosi estabeleceu com as histórias dessas personalidades que atravessam Orquídea, bem como sua gratidão por viver em um município que o acolheu. Podemos pensar sobre essa relação a partir da seguinte reflexão de Canclini (2019):

Por isso as coleções patrimoniais são necessárias, as comemorações renovam a solidariedade afetiva, os monumentos e museus se justificam como lugares onde se reproduz o sentido que encontramos ao viver juntos. É necessário reconhecer que os tradicionalistas serviram para preservar o patrimônio, democratizar o acesso e o uso dos bens culturais. (p. 191)

Entretanto, alguns desses testemunhos salvaguardados acabam dissimulando narrativas de dominação e, no fundo, registram situações marcadas pela violência, apresentadas de maneira que não condiz com o que de fato ocorreu.

Durante a conversa, Ôsoosi compartilhou outra situação bastante inusitada ocorrida durante a coleta de um acervo para a realização de uma exposição. Relatou que sua equipe estava devidamente paramentada, utilizando máscaras e luvas para o manuseio do acervo, quando, em determinado momento, perceberam que:

[...] tinha um sapato que tava indo pra exposição e ele estava rasgado. E eu quis mostrar: “Olha, o sapato está rasgado, né, pra não danificar. [...]” Então, eu quis me certificar de que o objeto saísse com essa informação. Aí o padre que tava me acompanhando chamou o outro padre pra, tipo, mais uma testemunha, vamos dizer assim. E aí ele disse assim: “Ah, ele morreu de insuficiência renal, o corpo inchou muito, aí rasgou o sapato. Esse é o sapato [com] que ele foi velado.” Eu ainda tava com o sapato na mão, entende? Então... Foi assim... Ah!!! ((grito)) Sabe? [...] Ainda bem que eu tava de luva, porque se eles tivessem me convencido a ficar sem a luva, eu teria dado uma sapatada no próprio padre. (Entrevista C2, 2024)

Embora este relato seja inusitado, conforme aponta Ramos (2004, p. 114), “o objeto biográfico é uma testemunha significativa da vida de alguém e, no espaço do museu, pode assumir os mais variados sentidos. [...] ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfose”, tornando-se dependente das construções históricas forjadas por meio das memórias. Ainda, é importante considerar que a “construção da memória por meio de objetos biográficos [...] a partir de perguntas historicamente situadas [, ... é uma] indagação que entende a constituição da memória no campo de desafios e desabafos do presente” (p. 99).

O museu municipal acaba salvaguardando muitos objetos biográficos, sendo de competência da equipe a construção desses possíveis diálogos nas exposições a serem realizadas.

Quando questionado sobre quais palavras associa ao museu em que trabalha, Ôşoosì mencionou: pioneirismo, identidade, memória do tempo presente, pertencimento e sangue. Ele afirmou saber o sangue de quem foi “dado” para que o museu existisse e relatou que a instituição foi criada por lei, na qual consta “que todos os livros produzidos pelos escritores, o trabalho dos pintores, dos poetas. As biografias dos filhos de luxo, tudo é relevante para o acervo desse museu” (Entrevista C2, 2024). O museu, contudo, só funcionaria anos depois, pois a pessoa que elaborou a lei faleceu antes do início das atividades da instituição.

Após diversas etapas voltadas à estruturação organizacional, foi criado o “[...] departamento. E depois as coisas, como existe a lei do arquivo, a lei do museu, a gente vai organizando essas instituições dentro da própria gerência, dentro desse guarda chuva maior.” (Entrevista C2, 2024). Conforme aponta Chagas (2015, p. 33), “a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos, e representa os interesses de determinados segmentos sociais.” Apesar do hiato de anos entre a criação legal do museu e o início de seu funcionamento efetivo, provavelmente a motivação para sua criação e manutenção esteja relacionada à intenção de resguardar a memória e as “biografias dos filhos de luxo.”

A partir da conversa com Ôşoosì, compreendi que são três núcleos que dialogam entre si e se auxiliam mutuamente, sendo constituídos por “eu-quipes” e contando, praticamente, com apenas um(a) servidor(a); os(as) demais integrantes são estagiários(as), que muitas vezes são compartilhados entre os três departamentos para atender às diversas demandas. Durante o relato, percebe-se que essas equipes partilham suas dificuldades. Ao descrever a participação de uma colega de trabalho, afirma:

[...] é uma pessoa que, como é mãe e tem dois filhos, sabe da importância da parte educativa dos museus. Então, quando tem oficina de férias, tarde no museu, blá-blá-blá, é a pessoa que está muito próxima do museu, na parte do educativo e tal. E que me cede muitos dos estagiários dela, quando a gente precisa fazer montagem de exposição, quem vai fazer as elevações e tal. (Entrevista C2, 2024).

Observa-se que há entre as “eu-quipes” colaboração e, de certo modo, integração, a fim de se ajudarem e para que exista uma cooperação em vista da realização do trabalho previsto:

[...] parte de lidar com o objeto, a parte de higienização, documentação, de pesquisa, eu gosto muito também. Porque é um trabalho quase mediúnico, você segurar um objeto em museu, olhar os documentos e tentar sentir a história daquele objeto, assim, ou então sentir o contexto. E os objetos falam com a gente, né? Cada risco, cada marca, cada entalhe, cada coisa vai contando a história do objeto. Então, é uma experiência extremamente gratificante [...]. (Entrevista C2, 2024)

Conforme Ramos (2004, p. 152), a poética dos objetos está presente nas marcas do tempo, no uso ou não uso e inclusive nas marcas de utilização excessiva, porque muitas histórias são feitas a partir de um mesmo objeto.

Dentre as práticas desenvolvidas no museu, Òsoosì afirmou que já realizou curadoria em diversas exposições e que, estando nesse museu, tem:

[...] a oportunidade de ser o curador e o educador. Então, né? É de um privilégio enorme. [...] É uma experiência incrível tá conversando com o público numa exposição que você idealizou. É fantástico. Privilégios do meu trabalho. Cruzamentos que não aconteceriam em qualquer outra instituição, com mais equipe. ((risos))
 [...] Essa coisa, esse cruzamento de você fazer curadoria e educativo, ao mesmo tempo, na mesma instituição, é uma coisa que me marcou muito, porque ela me marca do ponto de vista criativo, ela me marca do ponto de vista intelectual e ela também me marca do ponto de vista de mão de obra, sabe? De mão na massa. Em outra instituição, eu acho que eu não teria toda essa oportunidade, vamos dizer assim. Ah... É uma particularidade. (Entrevista C2, 2024)

Pela perspectiva de Òsoosì, essa oportunidade e o acúmulo de funções oportuniza algumas experiências que não seriam vivenciadas em outras circunstâncias, principalmente a situação de atuar no setor educativo:

Eu gosto muito do educativo, estar em contato com o público e conversar e ser esse elemento que triangula, que aproxima a pessoa do objeto pra que ela perceba a relação profunda que se estabelece entre o homem e a realidade a partir do objeto. Assistir isso acontecer pra mim é maravilhoso. Foi ouvindo o educador de museu que eu decidi que eu queria ser isso. (Entrevista C2, 2024)

Òsoosì também atua como curador de boa parte das exposições realizadas no museu e acaba compreendendo:

[... a] curadoria como um elemento artístico, entende? Curadoria também é arte. É quando o museu entra em si mesmo e forma a sua própria Megazord⁵³. A curadoria é arte. E eu tenho a oportunidade de ser muito

⁵³ Megazord, o robô da série Power Rangers, é formado pela união dos cinco Dinozords: Triceratops (azul), Mastodonte (preto), Pterodáctilo (rosa), Tigre Dentes de Sabre (amarelo) e Tiranossauro Rex (vermelho) (Tamashii Nations, s.d., s.p.).

artista. E como temos carência, vamos dizer, de equipe. Eu tenho a oportunidade de fazer isso também. (Entrevista C2, 2024)

Essas oportunidades de atuar na curadoria e, posteriormente, na mediação são momentos que Ôsoosi busca aproveitar ao máximo. No entanto, ao mesmo tempo, ele evidencia a insuficiência do corpo técnico do museu:

[...] aqui eu tenho a oportunidade de ser o curador e o educador. É de um privilégio enorme.
De uma exploração GIGANTESCA também, né? Claro! ((risos))
De uma desvirtuação de função, acúmulo, sobrecarga de serviço público [...] Ah... Então eu faço de um tudo. Eu sou o macaco gordo do museu. Se o museu adquire, guarda, documenta, pesquisa, interpreta e comunica, é isso aí que eu faço. ((risos)) (Entrevista C2, 2024)

Neste trecho, percebe-se nitidamente a coexistência de percepções opostas sobre suas atividades e práticas desenvolvidas no museu, que transitam entre uma “exploração gigantesca” e um “privilégio enorme”. Sensações que oscilam entre:

[...] É caótico, mas muito criativo. ((risos)) [...] Mas é desesperador. ((risos))
[...] É, aí, tipo assim, tudo é extremamente necessário, tudo é urgente, tudo é prioridade, entende? Então é sempre correndo, correndo atrás da vida, arrancando os cabelos, sabe? Então, montagem e desmontagem: a “equipe” ((levantando a mão)).
Ah... Então a gente às vezes tem que desmontar uma exposição enquanto a gente está terminando um texto curatorial. Aham... Enquanto a gente está higienizando as peças que vão pra exposição. É sempre uma loucurinha.
Esses dias a turma me pergunta se eu não queria pegar, tirar licença pra poder dirigir os carros da prefeitura. Eu falei: “Não, eu não quero virar também motorista.” ((risos)) Porque, às vezes, eu peço o motorista pra ele levar o material e se eu pego o carro ((risos)), eu vou ter que ir sozinho ((risos)). (Entrevista C2, 2024)

Mais uma vez, evidencia-se a sobrecarga e o acúmulo de funções atribuídas a Ôsoosi, que, além de se responsabilizar pelos processos necessários à organização, montagem e desmontagem das exposições, ainda é questionado se gostaria de realizar o transporte dos objetos.

O local onde funciona o museu é compartilhado com o Lírio, o que acaba gerando alguns atravessamentos, afinal, embora Ôsoosi seja o responsável pelo museu, ainda assim, se:

[...] por exemplo, se vem um grupo visitar o museu, a gente tem agendamento com esse grupo, blá, blá, blá. Mas se vem um grupo, às vezes, é uma escola de Lírio, eles não querem visitar o museu, eles querem visitar o Lírio. Acaba na nossa mão, porque a gente é a única equipe [de] educativo, né? Ah, vai vir um grupo de arquitetos que quer estudar a acústica do Lírio ((risos)). (Entrevista C2, 2024)

Em mais um momento da conversa foi relatada a situação de sobrecarga a que Ôsoosi é submetido:

A gente acaba fazendo tudo, tudo. Por exemplo, teve a Feira do Livro aqui, a festa literária nossa. Então, todos os departamentos da Secretaria de Cultura param pra festa literária, porque ela consome todos nós. Do mesmo jeito, quando vai ter... Ah, vai ter o Natal, a Orquídea Encantada. Então todo mundo faz hora extra pra ir trabalhar no Natal, né?
 Aí vai ter o desfile de 7 de setembro, precisamos produzir alguma coisa, né?
 A gente acaba produzindo tudo.
 [...] Não é um privilégio nosso. Todo mundo entra na dança. (Entrevista C2, 2024).

No relato, é evidenciado que “todo mundo” acaba envolvido nos eventos e festividades promovidos pela prefeitura. Todas as “eu-quipes” ficam sobrecarregadas, a depender das demandas do município, que extrapolam as atribuições de seus respectivos departamentos, somando-se ainda “todos aqueles atendimentos que a gente tem no serviço público também” (Entrevista C2, 2024). Em instituições museológicas, há muitas barreiras estruturais, “como a recorrente insuficiência de recursos humanos e financeiros [...] poucos museus são aquilo que deveriam ser [...] um centro de conhecimento que faz pesquisa sobre o acervo, as formas de expor e as possibilidades educativas” (Ramos, 2004, p. 150). No museu em que Ôsoosi atua, todas essas ações e responsabilidades acabam recaindo exclusivamente sobre ele.

Apesar de algumas práticas junto ao museu satisfazerem Ôsoosi criativamente, foi também possível observar ao longo da conversa que existem alguns desafios, como quando comentou:

[... se] eu pudesse mudar algo [...] Como tem essas “eu-quipes”, e eu sou o primeiro, vamos dizer, servidor de concurso que tá ligado à área de museu, porque eu sofri um deslocamento da minha secretaria de origem, o museu tem uma outra oportunidade, porque o museu ficava refém de cargos comissionados, que vinham, ficavam um período de tempo e iam embora. E aí não tem uma transição. Então, por exemplo, o nosso processo de catalogação, ele foi reiniciado cinco vezes e nunca concluído. Então tem um monte de catalogação que se sobrepõe com informações divergentes e tem um monte de coisa que nunca foi catalogada. Porque cada pessoa que tentou fazer começou e fez do seu jeito; a outra chegou ou não soube continuar ou continuou de uma forma diferente. Então, por exemplo, a outra pessoa chegou a... E zerou os números de tombo e registro. Então se eu procuro por tombo e registro, às vezes eu acho dois objetos e isso vai acontecer com os 10 mil primeiros documentos [...], a continuidade no serviço. [...]
 E a profissionalização do museu. Porque museu e arte, né? É... Todo mundo acha que pode dar pitaco. Todo mundo acha que tem uma opinião. Ninguém vai dar opinião no trabalho de neurocirurgião, né? Ninguém vai dar pitaco no trabalho do cozinheiro-chefe, mas porque é arte, as pessoas acham que podem dar pitaco, [que] a opinião delas é válida, como de uma pessoa que estudou essa ciência. (Entrevista C2, 2024)

A instabilidade e a inconsistência na permanência de trabalhadores(as), somadas à insuficiência de servidores(as) públicos(as) de carreira, são indícios de

fragilidades na gestão cultural do município — especialmente nos museus, onde há processos que demandam continuidade. Ôsoosi atua neste museu há mais de cinco anos e comentou que ainda há pessoas no próprio município que desconhecem a existência da instituição. Afirmou que:

Aqui, o orquidaense continua afirmando que Orquídea não tem museu. [...] É difícil fazer enfiar as pessoas, porque o museu fica dentro do Lírio, ou seja, do maior Lírio da região. [...] a Secretaria de Cultura funciona dentro do lírio. As unidades externas são as bibliotecas [...]. A gente tá tentando fazer com que a população compreenda.

Em Orquídea tem 10 museus registrados no Visite Museus⁵⁴ [...], mas a população continua repetindo que não tem museu na cidade. Mesmo aquelas pessoas que visitam. Então a gente tenta sempre reforçar. Mesmo quando a própria gestão do município não compreende o museu. Então a gente coloca lá: “evento do museu”.

Eles colocam “evento do lírio”. A gente fica... ((barulho de raiva)) ou evento da gerência. Então é difícil fazer com que a gente não reproduza o nome do museu, a ideia de museu. As pessoas também acham que eu tô mentindo quando eu digo que eu trabalho no museu. “Que museu?” ((risos)). (Entrevista C2, 2024)

Há uma necessidade constante de reafirmar e posicionar a existência do museu, inclusive junto à assessoria de comunicação, responsável pela divulgação dos eventos da gestão municipal. Embora esse setor tenha a função de encaminhar os releases para os diferentes meios de comunicação, conforme relatado, a indicação do local onde os eventos acontecem é feita conforme o entendimento da própria equipe — quase nunca mencionando corretamente o nome do museu.

Já que desconhecem a existência do museu, como será criado o sentimento de pertencimento? O trabalhador problematiza:

[...] Pertencimento é uma coisa que Orquídea está tentando construir enquanto cidade. A gente tá na tentativa de construção desse pertencimento, não necessariamente atingindo.

[...] Hoje a gente trabalha com a ideia de museu municipal, pra que as pessoas saibam o que é municipal, né? Ah... Pra dizer que Orquídea tem um museu. O museu do município. (Entrevista C2, 2024)

Apesar da realização de um concurso para transformar o antigo aeroporto em museu, essa iniciativa parece insuficiente para garantir a divulgação adequada e o reconhecimento da existência do museu municipal.

A partir da conversa com Ôsoosi, percebe-se que ele se admira, se encanta e gosta de trabalhar e estar neste museu, apesar dos desafios relacionados à escassez de recursos humanos, que o sobrecarregam com diversas tarefas a serem

⁵⁴ Visite Museus desde 2024 é uma plataforma *online* de eventos da Semana Nacional de Museus e da Primavera dos Museus, criada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) (Visite Museus, s.d., s.p.).

cumpridas. Entre as práticas que o motivam e os desafios que vai enfrentando gradualmente, em um processo complexo, identificamos:

[...] a gota de sangue, o sinal de historicidade, a coragem de ser indivíduo e ser social. Gota de sangue que não pode secar, que mesmo quando não é visível ali está desafiando os “espiões da vida”. Gota que pulsa como veia viva, como rua viva ou como rio que flui. (Chagas, 2015, p. 124)

4.3 Terceiro Ato: Leitura do mundo precede a leitura do museu

Os museus não valem nada como depósitos de cultura ou experiência acumuladas, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação de cultura.

Carlos Drummond de Andrade
(1975, p. 5)

Era uma manhã de segunda-feira ensolarada. Ao se aproximar da praça onde está localizado o museu, local combinado para a realização da conversa, percebeu-se que diversas pessoas ocupavam o espaço, seja passando por ali, seja sentadas nos bancos ao redor, alimentando os pombos ou “dando um dedo de prosa”. O entorno estava repleto de comércios de variados segmentos. Por se tratar de uma segunda-feira, já se esperava que a porta do museu estivesse fechada. Observou-se que as escadas e a rampa de acesso estavam molhadas, provavelmente por terem acabado de ser lavadas.

Foi feito contato para avisar sobre a chegada, já que não foi possível localizar nenhuma campanha. Ìbeji⁵⁵ recebeu a visita e mencionou que havia acabado de lavar a parte externa, aproveitando que não havia feirinha, o que tornava aquele o melhor dia para realizar a limpeza. Informou também que a equipe de zeladoria estava ausente e que a funcionária cedida pela prefeitura comparecia ao museu apenas às segundas-feiras à tarde. Ìbeji comentou que havia esquecido da conversa marcada e perguntou se a entrevista seria gravada. Foi confirmado que sim, justificando que seria necessária a transcrição da conversa. Ìbeji solicitou alguns minutos para se preparar, ao que foi respondido que não havia pressa e que a espera não seria problema, iniciando-se a conversa quando estivesse pronto.

Enquanto se arrumava, a conversa versou sobre trivialidades, e foi compartilhado brevemente como haviam ocorrido os eventos na semana da

⁵⁵ A grafia em yorubá é Ìbejì, mas no decorrer do texto adotarei também Ibeji, grafia em português. Orixá protetor das crianças, Ibeji simboliza o nascimento e a vida (Vinicius, 2018, s.p.).

Primavera dos Museus. Paralelamente, os equipamentos foram organizados e as anotações foram preparadas para o início da entrevista. A expectativa era de que se tratasse de mais uma conversa informal; contudo, percebeu-se que ele demonstrava muita preocupação com a gravação. No início, mostrou-se bastante envergonhado e sem graça, mas, ao longo do tempo, deu a impressão de ir se acalmando e ficando mais confortável. Estando a sós no museu, ele relatou que naquele local funcionou:

[... o] Grupo Escolar Crisântemo, né? Ele foi inaugurado em 1911, né? Eu sempre conto essa história [...] não sabem mesmo. Acabam vindo aqui, nossa, era o grupo, né? Aí eu falo que eram salas grandes, divididas por meninos e meninas, sabe? [...] Conto que meu sogro estudou aqui, né? Tipo assim, ele é vivo ainda, ele tem noventa e seis anos, né? Então, a gente tem uma certa ligação com o museu, né? Não deixa de ter [...]. Então em 1942 o fórum, o quanto que aqui eram feitos os casamentos, eram feitas as questões das eleições, tudo era aqui. Mostro também a cadeia né, tem uma salinha que era a cadeia. Então na parte pedagógica os alunos ADORAM saber tudo isso. E saem daqui meio que contando a história [...]. Depois passou a ser Secretaria de Educação e Biblioteca, junto. Depois, 2003, que passa a ser o museu. (Entrevista C3, 2024)

Finalizou comentando que sempre faz um breve relato aos visitantes sobre a história do prédio, por muitos desconhecerem. Segundo Francisco Régis Lopes Ramos (2004), é importante:

[...] pensar sobre as próprias razões do edifício, perguntar-se sobre sua história, suas intenções originais... Indagar-se sobre os usos da construção no decorrer do tempo. Aí, o acasalamento do fascínio com a reflexão vai fertilizando o conhecimento sobre a nossa própria historicidade. Isso se faz em uma pedagogia pedestre, percepção do andarilho que tem generosidade para perceber o tanto de tempo que há no espaço. [...] transformaria a cidade em um museu de novidades a céu aberto, exposição de paisagens que fala sobre a nossa diversidade cultural. (p. 46)

O prédio é notado pelos transeuntes da cidade, tanto é que alguns visitantes compartilharam que achavam que naquele local funcionava uma igreja, conforme narrado durante a conversa. A situação mais inusitada que ele presenciou desde que está trabalhando no museu é:

[...] Do pessoal chegar e pensar que é uma igreja, não saber que é um museu, né? Pessoas também que moram há, tipo, 20 anos na cidade e nunca vieram. Então a responsabilidade da gente passar um pouco da história pra eles. Então, isso às vezes causa um pouco de impacto, né? Poxa, 20 anos, [...] não conhece, né? Ou pensar que é uma igreja e também nunca chegou, né? (Entrevista C3, 2024)

O pensamento de que poderia ser uma igreja se contrapõe à existência de uma placa identificando “Museu Histórico”. Conforme Chagas (2015, p. 35), “não é mera coincidência o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada às estruturas de

poder com alta visibilidade”. Dessa forma, percebe-se que o prédio não foi construído para ser um museu, tratando-se de mais um edifício entre tantos que abrigaram diversas instituições, sendo o museu a quarta instituição a ocupar o local.

Ìbejì é formado em Pedagogia e possui pós-graduação em Administração Escolar, tendo afirmado que sempre esteve vinculado à questão pedagógica na educação especial. Durante o magistério, teve a primeira experiência de visitar e conhecer alguns museus:

[...] no magistério a gente esteve em alguns museus em Curitiba, né? E, na verdade, eu olhei esse museu mais pelos quadros, né? Não pela antiguidade de objetos. E, com o tempo, fui visitando outros, né? No caso, o Museu Estadual também. Nossa, fiquei admirado com as peças. (Entrevista C3, 2024)

Interessante observar que, ao descrever brevemente a experiência em museu, associa as palavras “quadro” e “antiguidade”, remetendo o museu a um local que abriga objetos antigos ou pinturas. Quando perguntado sobre colecionar, relatou:

[...] sempre colecionei alguma coisa na minha vida, né? Ou eram umas pedrinhas, ou eram chaveiros, então sempre tive essa questão de colecionador. Meu avô também tinha alguns instrumentos antigos, que ele foi sapateiro, na verdade ele é padraço da minha mãe, ele era sapateiro. E ele tinha objetos que eu já olhava com OUTRO olhar, né? Olhar mesmo de antiguidade, né? E um violino também, bem antigo. Sempre tô fazendo pesquisa pra saber se esse objeto é de qual importância, qual ano. Então sempre tenho na minha mente [...] essa questão de colecionar. (Entrevista C3, 2024)

Novamente, observa-se a assimilação do museu ao “antigo” e à “antiguidade”, além do interesse em buscar e investigar informações sobre os objetos. A pesquisa constitui uma ação fundamental no contexto museológico, pois contribui para a identificação, classificação, catalogação e documentação dos objetos que, após o processo de musealização, tornam-se museália. Caso essas informações sejam apresentadas “[...] sem relação dialética com o presente – emerge um passado morto” ao visitante do museu (Ramos, 2004, p. 25). Assim, os objetos musealizados perdem sua funcionalidade original, seu valor de uso, e passam a adquirir outros valores que necessitam ser discutidos por meio de:

[...] reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta “neutralidade científica”, agora devem ser interpretados. Mudam, portanto, os “argumentos museais”, e entra em voga a discussão sobre as tensões entre o “museu-templo” e o “museu-fórum” (Ramos, 2004, p. 20)

Conforme Ramos (2004), é fundamental defender a “História dos objetos: o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu” (Ramos, 2004, p. 22). Nesse sentido, torna-se importante estimular o aguçamento da percepção sobre os objetos expostos, por meio de atividades de caráter educativo que incentivem o questionamento e o desenvolvimento de argumentos críticos. O museu, então, se configura como um espaço propício para o estabelecimento de relações entre objetos antigos e contemporâneos, associação essa que contribui significativamente para a compreensão histórica.

Chama atenção a frase “avô era sapateiro” e, ao retomar a fala anterior sobre o espaço dividido em “salas grandes, divididas por meninos e meninas”, nota-se a associação entre a profissão e o gênero masculino, além da separação de turmas escolares por gênero, característica comum no século XX.

Durante a conversa sobre visitação, atendimento e funcionamento do museu, foi mencionado que o espaço não abre aos sábados e domingos, pois se trata de uma “[...] cidade mais quieta final de semana, o pessoal gosta de ficar mais em casa” (Entrevista C3, 2024). Há municípios considerados cidades-dormitório, nos quais há a possibilidade de que os moradores realizem atividades culturais nos finais de semana em municípios vizinhos, assim como mant m vínculos de trabalho fora do local de residência. O servidor conta:

[...] Sábado e domingo é fechado, n ? Até porque não tem grande visita o final de semana, n ? [...] Já tentamos abrir, mas daí acaba que a gente abre mais pra questão de sanitários, de água, não pra visita o. Então, nós fizemos essa experiência e não vou dizer que eu não possa abrir. De repente, mais tarde, ano que vem [...] Porque às vezes muda, n ? O perfil do visitante. (Entrevista C3, 2024)

O ingresso de indivíduos no museu, mesmo que seja unicamente para utilizar o sanitário ou beber água, não é observado por l beji como um potencial público visitante. Tal percep o pode indicar uma ausência de compreensão quanto às especificidades do público que circula pelo espaço aos finais de semana, momento em que seriam necessárias outras abordagens e estratégias para atrair e converter esses frequentadores em visitantes do museu. Apesar de o museu estar fechado aos finais de semana ou acharem que é uma igreja, ele compartilhou que  s vezes acaba participando de reportagens para algum programa ou:

[...] reportagem de uma TV que vem pedir para fazer, pra mostrar o trabalho de um artista, alguma coisa assim.

[...] que o pessoal vem de fora e fala: “eu vi você na TV”. ((risos)) Mas assim, a gente faz uma coisa bem prática e que eles viram: “Ah, eu queria saber o que é a ‘jorna’⁵⁶, né, que você falou lá”. Daí a gente vai e mostra. (Entrevista C3, 2024)

Alguns visitantes vão ao museu motivados pela entrevista que assistiram, porém Ìbeji comentou que no período eleitoral fica complicada a realização de divulgação das exposições e eventos, porque as redes sociais são suspensas, sendo proibido fazer divulgação sobre a programação. Ainda, comentou que é organizado e previsto anualmente o orçamento para aquisição de materiais a fim de participar e realizar eventos durante a Semana Nacional de Museus (maio) e a Primavera dos Museus (setembro). A temática da 18.^a Primavera dos Museus, em 2024, foi “Museus, acessibilidade e inclusão”. Ele comentou:

[... o] que mais me marcou foi esse ano, de setembro, inclusão e acessibilidade. É que a gente luta por isso. Não que os outros não tenham sido [...] são eventos diferentes, né? Todo ano, mas esse que mais me marcou. Trazer meus ex-alunos, [com] que[m] eu trabalhei na escola, que já são adultos [...]. Que tiveram [...] capacitação com outros professores, né? Já sabem ler, escrever e vieram aqui, participaram, foi muito bacana, foi muito, muito bom, essa experiência, assim, acho que vai ficar pra mim pra sempre. Então, a gente fez aqui um dia só para entrega de currículo e apresentação de algum trabalho pra eles, né? [...] Fizemos também [...] apresentação de livros em braille. Que o pessoal não conhecia, né? A maioria não sabia... [...] nesse dia os livros ficaram à disposição do público e dos visitantes, acharam muito bacana. Fizemos algumas ampliações do braille, para as crianças por[em] a mão, né, os que vieram e os que estavam. Que são da Escola Girassol que a gente fala, né, a Associação Girassol. Eu fiz um treinamento uma semana antes, eles já pegaram o jeito, assim, e ficaram na recepção, ficaram como atendentes na visita. O pessoal amou e acompanhava eles, elogiava. Então acho que isso me marcou bastante, foi uma coisa bem boa. (Entrevista C3, 2024)

Neste momento foi nítida sua alegria e satisfação em compartilhar essa prática. A possibilidade de retomar o contato com antigos alunos revelou o quanto é viável promover iniciativas que integrem diferentes públicos, contribuindo para tornar o museu um espaço mais diverso e acessível. Em outra ocasião, relatou sua experiência em sala de aula, quando lecionava para:

[...] educação regular, que a gente fala, eu vi que as crianças precisavam desse olhar diferente pra, pra museu, que falta um pouco da gente passar essa experiência pra eles, né? E como aqui também tive essa oportunidade, comecei a trabalhar mais nessa área, de trazer as crianças, os alunos das escolas pra essa nova experiência. [...] trabalhei pouco tempo com a regular, mas eu vi que a especial também deve ser valorizada nesse sentido. (Entrevista C3, 2024)

⁵⁶ Moinho manual utilizado por imigrantes poloneses do município.

Essa foi a motivação que o fez querer trabalhar no museu: favorecer que as crianças tenham mais acesso a uma experiência museal. O museu é um espaço que possibilita uma renovação pedagógica, mas “a responsabilidade maior é a do próprio museu: o compromisso de se colocar como instituição educativa” (Ramos, 2004, p. 16). Considerar a “ideia de fazer do museu uma ‘casa de experiências’” (Arantes, 1995 *apud* Ramos, 2004, p. 28).

A fim de fortalecer a instituição, Ìbejì conseguiu realizar o tombamento do museu como patrimônio histórico e cultural do município:

[...] eu consegui, aqui, foi a questão do tombamento, né?
O museu agora tá tombado, pelo nosso... pelo decreto do município, então foi uma coisa assim que, tipo, o meu objetivo aqui, né? Em tempos, se a gente acabar deixando para outras pessoas, então esse foi um sonho ((risos)) que foi realizado. ((emoção felicidade)) (Entrevista C3, 2024)

Conforme o Decreto-Lei n.º 25/1937, em seu artigo 17, está assegurado que os bens tombados “[...] não poderão, em caso nenhum ser destruíd[o]s, demolid[o]s ou mutilad[o]s [...] sem prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” (Brasil, 1937, n.p.). Conforme Chagas (2015),

o tombamento é uma forma de preservação, mas a preservação não se esgota no tombamento. A preservação, como se sabe, tem um caráter seletivo e opera com atribuição de valores de sentidos. (Chagas, 2015, p. 112)

Compreende-se que o objetivo da preservação cultural é a prolongação do bem para fins de uso social, representando memórias de diferentes origens sociais. Trata-se de um referencial de memória, um recurso educacional, de conhecimento ou lazer. Assim, o uso social está intrinsecamente ligado à democratização do acesso e à produção cultural (Chagas, 2015, p. 117).

Ele conseguiu, ao menos legalmente, assegurar a manutenção do prédio que no momento abriga o museu; porém, para sua efetivação, é necessário que existam políticas municipais em defesa do patrimônio.

Ìbejì comentou que considera a acessibilidade uma fragilidade e um desafio no museu. Apesar de terem rampa e banheiro adaptado, sente que poderiam melhorar e disponibilizar aos visitantes:

[...] braille, questão da Libra[s], ter alguém, né, que é mais difícil. Mas, nesse sentido, assim que eu, às vezes, né, penso mais, que eu não sou um especialista, por exemplo, para atender um deficiente visual ou auditivo, né? Eu não sou. De repente ter um especialista nesse setor, alguma coisa assim. Mas como ele não é tão, não é um museu tão, assim, não visitado, é uma questão de visita, mas não é grandiosamente grande, né? Como outros museus, né? (Entrevista C3, 2024)

Embora o museu tenha recebido, em 2023, seis mil visitantes, o servidor não considera que a instituição possua visibilidade suficiente para justificar a disponibilização de verba para a contratação de um(a) tradutor(a) de Libras que atue como mediador(a) no espaço. Contudo, afirmou que há um planejamento e uma programação orçamentária voltados à aquisição de materiais que atendam às demandas e necessidades do museu. Declarou contar com o apoio do secretário e do prefeito, afirmando que “[...] eu não posso reclamar que a gente tá sempre sendo valorizado e apoiado por esse setor do município” (Entrevista C3, 2024).

Embora reconheça a necessidade de um(a) tradutor(a) de Libras, de mais dispositivos voltados à acessibilidade e da presença de um(a) servidor(a) responsável pela zeladoria, durante a conversa demonstrou que muitas atividades transcorriam de forma fluida e que não via problemas em assumir determinadas tarefas:

Eu nunca digo assim: “Ah, não...” Que nem quando você chegou, tipo, né? Ah... Que se tiver que limpar, tiver que arrumar, tem dia que a gente tem que tirar todas as peças, organizar.

[...] eu gosto de estar fazendo as coisas.

Eu, pra mim, não importa, assim, se eu vou lavar, se eu vou enxugar, se eu vou arrumar uma peça, se eu vou tirar o pó. Tipo, assim, eu não faço essa divisão de trabalho. O que tiver pra fazer, me dê. Só se eu não puder mesmo, se é uma coisa muito pesada, alguma coisa, eu sempre peço ajuda. Mas no que eu posso, eu tô sempre mudando. ((risos)) Eu sou conhecido como a pessoa que muda o tempo inteiro.

[...] Coloca uma decoração diferente. Então, eu gosto disso. Eu acho que o professor, o pedagogo, na verdade, ele gosta de fazer isso. (Entrevista C3, 2024)

Neste trecho, mencionou que antes da conversa havia lavado a calçada, exemplificando que não se incomodaria em desempenhar determinadas tarefas, pois, aquilo que precisasse ser feito, ele realizaria. Demonstrou que não via problema e que estava tudo certo com essa condição. Contudo, em determinado momento, relatou que precisou acionar:

[...] um parceiro [...]. Eu faço bastante parcerias também, né? Porque às vezes sozinho mesmo, a gente às vezes não consegue tudo, né? E às vezes dá para dividir esse tipo de trabalho. (Entrevista C3, 2024)

É fundamental o estabelecimento de laços e contatos interinstitucionais no ambiente de trabalho, porém foi enfático ao afirmar que “sozinho” não dá. Durante a conversa, mencionou que no museu há servidores(as) e:

[...] os dois são administrativos. Um cuida mais da área de agendamento, tudo... Dá uma dividida e outros ficam com fotos [...] Todo mundo faz de tudo. A gente se divide assim... (Entrevista C3, 2024)

Apresenta certa contradição ao afirmar, em determinado momento, que realiza tudo “sozinho” e, em outro, alegar que as tarefas seriam divididas. É interessante observar que, ao longo da conversa, utilizou com frequência a expressão “eu faço”, em vez de “nós fazemos”. Além disso, comentou ser responsável por acompanhar as avaliações no Google, bem como por realizar as postagens e o gerenciamento da página do museu no Facebook:

[...] a parte da limpeza de algumas peças e algumas reuniões, alguma coisa para colocar em prática o que vai acontecer durante a semana. É isso que eu faço. [...]

[...] tem a página do Facebook, Museu e as pessoas curtem bastante, avaliam as visitas pelo Google, estou sempre meio que acompanhando [...]. Daí eu coloco: “Não, nosso horário é esse, de terça a sexta, aguardo sua visita”. Pra dar um respaldo, assim, né? Eu gosto de tá aí no Museu [...]. Eu que sou responsável pelo Facebook, pelas postagens. Sempre estou postando coisas novas [...]. Tudo bem bacana, assim... (Entrevista C3, 2024)

Ainda, mencionou a instabilidade de servidores(as) no museu devido a muitas substituições:

Tem a catalogação [... ,] tem 300 peças catalogadas. Infelizmente, esse ano a gente teve muita troca de funcionário. Então, a gente não teve ainda um processo assim para alguém só cuidar disso, só fazer isso, né? (Entrevista C3, 2024)

Entretanto, em razão do concurso público realizado pela municipalidade para a contratação de um(a) museólogo(a), há expectativa de que, em breve, a pessoa convocada assuma o cargo e integre a equipe do museu. Em que pese mencionar a presença de mais dois funcionários atuando na instituição, Ibeji ainda realiza diversas atividades no museu, inclusive aquelas relacionadas à limpeza.

Deste modo, torna-se possível compreender algumas das práticas que são escolhidas para serem realizadas na instituição, como as ações desenvolvidas durante a semana da Primavera dos Museus. O restabelecimento de contato com antigos alunos e a iniciativa de trazê-los ao museu visam proporcionar uma compreensão mais ampla da dinâmica desse espaço. Essa aproximação permite uma nova percepção do ambiente museológico, favorecendo outras formas de reflexão sobre a “cultura material” a partir de vivências e experiências — conforme mencionado no relato, há o desejo de oferecer essas possibilidades às crianças.

Os desafios observados são a instabilidade na permanência de servidores(as) no museu, ausência de pessoas capacitadas para realizar o atendimento em Libras e falta de apoio frequente para as atividades de zeladoria.

Não foi mencionado, mas é “[...] responsabilidade do museu histórico manter estratégias de orientação para professores” (Ramos, 2004, p. 24-25), problematizando que a história contada por meio dos objetos, de forma reflexiva, instiga diversas possibilidades de interpretação. Também pode ser uma forma de estudar história e não somente de visitar o passado. Realizar uma visita a um museu histórico é o momento de estabelecer relações que ampliam a percepção entre o objeto e o mundo que é vivido. Como discute Ramos (2004):

[...] Objeto de museu é sempre objeto recolocado: não pode nem deve ter a condição anterior. Que o transporta da vivência no cotidiano para o espaço da pesquisa histórica, com recortes problemáticos. [...]
Não se trata, portanto, de restituir a vida ao objeto, mas dar-lhe nova existência: dentro da exposição, a partir de pesquisas específicas e programas educativos. Nesse sentido, o desafio é exatamente pensar sobre outras possibilidades de trabalho, já sabendo que estaremos lidando com uma “historicidade letal”, tradição exibicionista que é parte constitutiva da história dos museus e sobretudo da própria história da nossa sensibilidade, da forma pela qual certa maneira de olhar legitimou determinado campo de visibilidade, tornando-se desejável e funcional. (Ramos, 2004, p. 140-141)

O capítulo se encerra com a reflexão de que o estudo se dedicou à análise de três museus inseridos em contextos e ambientações distintas, mas que compartilham uma característica: são museus históricos cujas equipes técnicas, têm a responsabilidade de promover, possibilitar e criar recortes críticos dos objetos musealizados a partir de pesquisas e ações educativas, além de realizar boas práticas e iniciativas para atender os seus visitantes.

5 ATO FINAL | RE-FLEXÕES

Esta dissertação “não termina com sua conclusão, mas com uma conjectura” (Canclini, 2019, p. 372), afinal uma pesquisa acadêmica pode desencadear novos questionamentos. Intencionalmente, ao longo da pesquisa, utilizou-se o prefixo “re” para associar ações como “fazer de novo”, “novamente”, “acontecer outra vez” ou “voltar a acontecer”. Exemplos incluem as re-aproximações, que explicitam uma retomada do tema museologia e museu; a re-existência/re-existir, que busca invocar a palavra existência, a qual precisa ser constantemente comprovada para garantir sua sobrevivência; e o re-flexionar, que aponta para o tensionamento necessário à elaboração da reflexão. De certo modo, o prefixo “re” está associado às tentativas constantes e à persistência.

Nesta pesquisa, buscou-se articular ideias que permitissem estabelecer um diálogo fluido, contribuindo para a construção de uma reflexão voltada à compreensão e a identificação das boas práticas, iniciativas, desafios e disputas presentes nas instituições museológicas municipais. Guarnieri (1977) analisa:

[...] os museus não possuem pessoal com alta qualificação técnica, nem mesmo a de nível universitário. O formalismo implica, ainda, em normas que devem ser cumpridas para que a organização se mantenha (não se desestruture); essas normas devem ser objetivas e impessoais, prevendo relacionamento entre cargos e desempenho de funções atribuídas a cargos tendo em vista fins específicos. (p. 116)

Não é possível afirmar se os(as) três interlocutores(as) desta pesquisa possuem “alta qualificação técnica” para atuarem nos museus, porém demonstram grande disposição em contribuir com o bom funcionamento das instituições nas quais trabalham. Dentro de suas possibilidades, promovem boas práticas e iniciativas, enfrentando com resistência os desafios e disputas do cotidiano. A descontinuidade do corpo técnico (trocas constantes de equipes) nas instituições museológicas, quando presente, raramente conta com normatização que preveja funções e, menos ainda, atribuições específicas, o que fragiliza o ambiente institucional.

O acesso à cultura é um direito constitucional para o qual são previstas políticas públicas, a fim de garantir sua efetivação e execução no âmbito da administração pública. Conforme a autora Mayer (2015, p. 45), “as instituições museológicas estão inseridas em um campo próprio, marcado pela disputa de um

capital cultural, capital intelectual e também um capital econômico”. Segundo a mesma pesquisadora, é necessário que o “Estado intervenha para a construção de novos horizontes e novas possibilidades” (p. 109), porque, “enquanto os museus estiverem vulneráveis às vontades e interesses políticos pessoais, sem a consolidação das políticas públicas culturais, estes espaços terão dificuldades em cumprir sua função social” (p. 110).

Canclini (2019), ao discutir a situação de um dos países da América Latina com maior riqueza histórica e arqueológica, o Peru, menciona que a pesquisa de Alfonso Castrillón, realizada em 1983, indicou que:

[...] apenas quatro [museus] contam com museógrafos e seis oferecem visitas monitoradas diárias. Só sete museus asseguram suas coleções e apenas um tem controle de umidade em seus depósitos. [Há] falta de disposição dos órgãos governamentais para corrigir essa situação, ou ao menos [para] tomar consciência de sua gravidade. (Canclini, 2019, p. 171)

Conforme Canclini (2019, p. 171), Castrillón não teve apoio financeiro na época porque sua pesquisa foi considerada indiscreta. Realizando uma comparação com o contexto da presente pesquisa, dentre os três museus, nenhum possui museólogo(a) (citado em Canclini como “museógrafo”) em seu corpo técnico. Do mesmo modo, nenhum possui controle de umidade, iluminância (lux) e temperatura em sua reserva técnica (“depósito”), itens considerados importantes para manutenção e controle ambiental dos acervos museológicos salvaguardados nos museus. As situações são, portanto, semelhantes àquelas descritas no Peru. Isso seria um indicativo de que nem no Peru nem no Brasil o acervo é reconhecido como algo que precisa ser cuidado e preservado e para o qual haveria necessidade de investimento, não estando os órgãos governamentais preocupados em encontrar soluções para esse cenário.

Desde 1977, Waldisa Rússio já indicava que eram necessárias:

Estruturas ajustadas à realidade social – da qual emergem e sobre a qual devem atuar – recursos financeiros flexíveis, equipamentos adequados, pessoal formado, atualizado e, principalmente, vocacionado, eis algumas exigências atuais dos museus brasileiros [...] sobretudo, [falta] uma sólida base de consciência histórica e imaginação sociológica. (Guarnieri, 1977, p. 135)

A afirmação de Guarnieri (1977) permanece pertinente na contemporaneidade. No mínimo, os museus brasileiros deveriam contar com acesso a recursos financeiros de forma mais flexível, sem o excesso de burocracia que dificulta a aquisição de equipamentos adequados. Para tanto, é essencial que esse

processo esteja alinhado aos princípios constitucionais que regem a administração pública: legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência⁵⁷. Do mesmo modo, é importante uma equipe atualizada, com conhecimento interdisciplinar e adequado para trabalhar em um museu.

Retomando a Lei n.º 11.904/2009:

Art. 4º O poder público estabelecerá mecanismos de fomento e incentivo visando à sustentabilidade dos museus brasileiros.

[...]

Art. 17º Os museus manterão funcionários devidamente qualificados, observada a legislação vigente.

Parágrafo único. A entidade gestora do museu público garantirá a disponibilidade de funcionários qualificados e em número suficiente para o cumprimento de suas finalidades. (Brasil, 2009, n.p.)

Ao menos em Lei, está previsto que o poder público crie mecanismos de fomento, incentivo e manutenção de profissionais devidamente qualificados. Entre 2011 e 2023⁵⁸, o MINC e o IBRAM promoveram alguns editais voltados a essas finalidades, sendo os mais recorrentes no período: Modernização de Museus⁵⁹ (7 edições); Prêmio Darcy Ribeiro⁶⁰ (6 edições); e Pontos de Memória⁶¹ (4 edições). No que se refere à qualificação e formação técnica na área museal, destaca-se, desde 2019, o Programa Saber Museus — uma parceria entre o IBRAM e a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) — que se consolidou como referência na "política de difusão de conhecimento para o setor museal, sendo reconhecido, pelo campo, como polo de excelência nessa área" (IBRAM, 2023, n.p.). A tentativa de orientação profissional por parte do Governo Federal existe, mas há necessidade de garantir a contratação e a manutenção desses profissionais nas instituições museológicas, independentemente de sua esfera administrativa, seja ela federal, estadual ou municipal.

Neste contexto, e a partir das conversas com os(as) interlocutores(as), torna-se evidente o descumprimento da legislação vigente, uma vez que os museus

⁵⁷ Previsto no Artigo 37 da Constituição Brasileira (Brasil, 1988, s.p.).

⁵⁸ Ano e quantidade de editais: 2011 – 12; 2012 – 7; 2013 – 2; 2014 – 2; 2015 – 3; 2016 – 1; 2018 – 1; 2019 – 1; 2021 – 2 e 2023 – 5 (IBRAM, s.d., n.p.).

⁵⁹ O edital é voltado para modernização e preservação do patrimônio museológico, sendo executado por instituições museológicas ou por mantenedores de museus (IBRAM, s.d., n.p.).

⁶⁰ Seleção e premiação de práticas e ações de educação museal que, por meio das diversas relações de mediação com os públicos, convidam à apropriação, em sentido amplo, do patrimônio cultural, valorizando e promovendo a preservação (IBRAM, s.d., n.p.).

⁶¹ O edital tem como finalidade reconhecer e premiar práticas em museologia social e processos museais comunitários que tenham contribuído para identificação, registro, pesquisa e promoção do patrimônio material e imaterial de grupos, povos e comunidades representativos da diversidade cultural brasileira (IBRAM, s.d., n.p.).

nos quais atuam não contam com número suficiente de profissionais para atender às demandas previstas e necessárias ao pleno funcionamento de uma instituição museológica. Ainda que a legislação não seja integralmente observada, o que se verifica nas gestões municipais é a presença de lacunas e tentativas de apagamento. Ausência de recursos financeiros. Ausência de recursos humanos. Ausência de equipamentos. Ausência de materiais de consumo. Ausência de valorização institucional.

As falas dos(as) três interlocutores(as) revelam uma série de desafios, disputas e ausências: dificuldades na comunicação interna e na articulação colaborativa; inexistência de equipes completas; desinteresse político pelas ações realizadas no e pelo museu; pouca visibilidade institucional; ausência de autonomia; inexistência de redes sociais ativas para divulgação. Soma-se a isso o fato de que, muitas vezes, as chefias designadas não possuem familiaridade com o campo artístico-cultural. Há, ainda, obstáculos recorrentes, como a dificuldade de atrair novos públicos, o desconhecimento da população local sobre a existência do museu, a sobrecarga de trabalho e de atribuições, exploração caótica, acúmulo e desespero, bem como falta de profissionalização, descontinuidade e instabilidade de servidores(as) nos museus.

Em resumo, todos(as) estão sobrecarregados(as) com desafios que perpassam gestões, decisões e regramentos, legislações museológicas e que, por vezes, são difíceis de serem cumpridos pelos(as) servidores(as) dos museus, os quais provavelmente, em alguns momentos, precisam adotar práticas que facilitem suas rotinas diárias.

Entre tantas perspectivas pessimistas, negativas ou realistas presentes nas práticas dos(as) trabalhadores(as) abordados(as) nesta pesquisa, cada experiência apresenta suas peculiaridades, o que tornou possível identificar algumas boas práticas e iniciativas, como a realização e promoção de eventos com adoção de ações diferentes para estimular e ampliar a participação da comunidade — ainda que, em certos casos, os(as) participantes sejam os(as) mesmos(as) de sempre. Destacam-se também o acolhimento aos(às) visitantes, a escuta atenta e a mediação das visitas ao museu; o uso de recursos próprios para viabilizar aquisições de itens de baixo custo; o apoio e a colaboração entre membros da equipe; a valorização da possibilidade de exercer múltiplas funções, mesmo em

contextos de sobrecarga, como uma oportunidade de exercitar a criatividade em diferentes “frentes” de atuação.

Além disso, observa-se o empenho na pesquisa dos objetos do acervo, a priorização de ações que garantam a acessibilidade, e a tentativa contínua de conciliar, da melhor forma possível, as múltiplas atividades e demandas do cotidiano museal, considerando suas limitações e realidades específicas.

A gestão museológica tende a tornar-se instável, pois “os museus ainda são muito vulneráveis às oscilações políticas, à falta de estrutura técnica” (Bruno, 2006, p. 7), sobretudo diante da descontinuidade e das mudanças políticas que afetam diretamente o desenvolvimento de práticas e iniciativas nos museus públicos municipais. Nesse cenário, é significativo “refletir sobre o pessoal de museu ideal e suas práticas [como algo que] pode ser fundamental para o trabalho de construção da identidade profissional” (Hakamies, 2017 *apud* Vilhena, 2022, p. 34) dos(as) trabalhadores(as) de museus. É necessário buscar mecanismos que promovam sua profissionalização, bem como criar, garantir e manter um corpo técnico qualificado por meio da contratação, valorização e reconhecimento dos(as) trabalhadores(as) de museus.

As adversidades são encontradas e detectadas no fazer diário e, por vezes, não são oferecidas formas para evitar ou diminuir tais situações, a fim de que o dia a dia seja menos árduo para esses servidores(as). Entre essas dificuldades, destaca-se a inexistência de um espaço apropriado, adaptado e devidamente equipado para o funcionamento do museu, além das diversas ausências já mencionadas.

As diretrizes legislativas e normativas que definem o papel dos museus na preservação e promoção da cultura, na educação pública e na salvaguarda do patrimônio cultural evidenciam a responsabilidade atribuída a essas instituições e a seus(as) servidores(as) como mediadores(as) de objetos carregados de conhecimento. No entanto, ao se observar a realidade dos museus analisados, nota-se o desafio de efetivar e cumprir tais normativas. A comparação com a pesquisa de Guarnieri (1977), realizada há quarenta e oito anos, revela a persistência de problemáticas semelhantes, que seguem sem resolução ou superação no contexto paranaense delineado nesta investigação. Diante desse cenário, infelizmente não há perspectivas para otimismo e muito menos romantismo, considerando os desafios que precisam ser administrados e/ou contornados pelos trabalhadores(as) dos museus.

As legislações podem servir como importantes norteadoras; contudo, diante das diversas situações relatadas, observa-se que ações consideradas básicas acabam sendo atravessadas por outras prioridades, de naturezas variadas, tornando-se mais um desafio enfrentado pelas equipes dos museus. As práticas desenvolvidas por esses(as) servidores(as), muitas vezes, por estarem imersos(as) na rotina institucional, talvez não sejam percebidas em sua real dimensão. No entanto, mesmo ações modestas e iniciativas pontuais podem ser significativas para aqueles(as) que participam, gerando impacto, despertando reflexões ou até mesmo servindo de inspiração.

O importante é não esquecer que, para aquelas pessoas que estiveram no museu, que participaram das ações e atividades ou que frequentam as exposições, esse espaço pode adquirir um significado especial e fazer diferença em suas vidas e rotinas.

Também é compreensível que, de acordo com Guarnieri (1977, p. 141), em:

Um mundo em que um terço da população permanece em estado de miséria e quase-inanição não tem condições para fazer da beleza um valor e do patrimônio cultural uma herança de todos os homens [sic].

Um país preocupado ainda com as profundas e sensíveis desigualdades regionais, com problemas de emprego e fome, de transporte e saneamento básico, não pode transformar a Cultura em meta prioritária. Embora tenha sua História, por não preservá-la, por não fazê-la presente através do seu documentário em objetos, tal país viverá às voltas com a ausência de uma consciência história [sic] e nacional.” (Guarnieri, 1977, p. 141)

A função social do museu e sua atuação junto à comunidade são de suma importância, sendo essencial que a instituição esteja atenta às demandas e pautas locais, além de disposta a requalificar seu acervo, exposições e práticas. Alinhar-se às necessidades da sociedade, bem como às práticas e processos museais, é fundamental, de modo que, conforme Guarnieri (1977, p. 146):

Será preciso, na prática, a construção de uma política museológica, calcada na realidade nacional e nas várias realidades regionais, para que os museus possam se viabilizar como preservadores da memória e inspiradores da mudança.” (Guarnieri, 1977, p. 146, grifo no original)

Uma das circunstâncias relatadas pela interlocutora Yánsàn poderia ter sido evitada caso houvesse normas claras sobre a utilização do espaço compartilhado: a presença de roupas no ambiente expositivo não ocorreria. Seria importante que o museu adotasse como premissa o envolvimento com a comunidade, de modo que esta se sentisse pertencente e parte integrante da instituição.

O que impede o museu de ser um local para doação e recepção de roupas? Nada o impede, desde que essa prática esteja sinalizada e normatizada para todos(as) os(as) servidores(as) que atuam no espaço, com atividades previamente alinhadas e acordadas. Para quem realiza a gestão do espaço expositivo, tal situação pode se tornar complexa e configurar um desafio para o planejamento e o funcionamento da instituição — especialmente em casos de visitas previamente agendadas, por exemplo. No entanto, é possível pensar e estruturar ações que envolvam essa prática, como estratégias de conscientização sobre sustentabilidade e moda sustentável, considerando que a sustentabilidade é, inclusive, prevista como um dos programas de um plano museológico.

Como propor fugir desse simulacro petrificado e sugerir outras ações, se mal conseguem realizar o básico?

Não se trata de uma justificativa, mas uma reflexão a respeito de que, no processo de aprendizagem, qualquer lição é avançada gradativamente. O contraponto é que, em algumas instituições museais, para avançar em suas exposições e reflexões, seria necessário, minimamente, uma continuidade e constância em suas práticas, para que suas ações possam, de fato, avançar em suas reflexões no fazer museal — além do despreparo e da constante troca ou substituição de profissionais. A descontinuidade configura-se como um modo de enfraquecimento das práticas, inibe os questionamentos e impede reflexões aprofundadas, demonstrando que alguns museus históricos são apenas simulacros de um passado não tão distante.

Esses trabalhadores e trabalhadoras, atrizes e atores que tiveram seus relatos, histórias de vida e testemunhos apresentados, o foram com o intuito de documentar, em um campo “legítimo”, suas práticas, desafios e disputas no palco do poder político na gestão pública municipal.

Ao contextualizar as situações, ações e atividades subalternizadas às tecnologias legislativas e às gestões municipais, tornou-se evidente que as práticas desenvolvidas nos museus, realizadas pelos trabalhadores(as) de museus, transcendem os artefatos tecnológicos legislativos. Isso possibilita a descoberta de que alguns saberes, interações e mediações permitem uma nova perspectiva sobre essas práticas que, independentemente do que seria exigido, colocam a atuação junto à comunidade como mais importante e essencial para a instituição museológica.

A mesma gestão que gera desigualdade no funcionamento dos museus está refletida na ausência de comunicação e no acesso aos museus. Talvez seja necessário rever não somente a requalificação desses profissionais, desses museus, e até mesmo da legislação, como também realizar ações voltadas ao fortalecimento deste local: o museu. Esse deveria ser um compromisso dos órgãos governamentais: gerir um museu público, gratuito e acessível à comunidade. Cabe a esses órgãos fornecer e manter plenamente as condições de funcionamento dos museus, principalmente no que se refere a recursos humanos e financeiros, bem como implementar políticas públicas contínuas. Esse deveria ser um compromisso e uma responsabilidade do Estado, que não poderia ser transferida para empresas de terceirização e tampouco compartilhada⁶² com organizações sociais autônomas. Afinal, a administração pública deveria possibilitar a construção de novos horizontes e perspectivas para os museus públicos municipais e para os servidores(as) e trabalhadores(as) de museus.

⁶² Menção ao modelo de gestão compartilhada ou parceria público-privada não lucrativa.

6 REFERÊNCIAS

ACERVO MARINGÁ HISTÓRICA. **Projeto memória**. Maringá: Paraná, s.d., n.p. Disponível em: <https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/1412/divulgacao-projeto-memoria-1988> Acesso em: 11 fev. 2025.

ALMADA, Agesilay Neiva. **Incêndios em museus: os problemas gerados nos acervos a partir do caso do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais**. Revista Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico, Belo Horizonte, v. 30, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mhnpj/article/view/46861> Acesso em: 14 nov. 2024.

ANDRADE, C. D. A doutora Nise. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 5, 4 jan. 1975. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lqIVAAAAIBAJ&lpg=PA32&dq=a%20doutora%20nise&hl=pt-BR&pg=PA32#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 8 jun. 2025.

ARAUCÁRIA CULTURAL. **Museu Tingüi-Cuera**. s.d., n.p.. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/robsonluan/museu.html> Acesso em: 05 abr. 2025.

ARAUCARIA ONLINE. **Museu Tingui-Cuera**, 2023, n.p. Disponível em <https://www.araucariaonline.com.br/noticia/106/araucaria/passeios/museu-tingui-cuera.html> Acesso em: 28 jun 2024.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Constituição do Estado do Paraná 1947**. s.d., n.p. Disponível em: https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/constituicao_do_parana_1947_0.pdf Acesso em: 11 fev. 2025.

ÁVILA, A. C. X. **Museus Históricos e Pedagógicos no Século XXI: processo de municipalização e novas perspectivas**. São Paulo, 2014. 198 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação Interunidades, Universidade de São Paulo. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-15012015-103050/pt-br.php> Acesso em: 26 jul. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 05 out. 1988. n.p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 26 fev. 2025.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**: Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. 1937, n.p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm Acesso em: 17 fev 2025.

BRASIL. **Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder

Legislativo, Brasília, DF, 15 jan. 2009. p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018.** Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) (Redação dada pela Lei nº13853/2019). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 20 dez. 2019. p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos2015-2018/2018/Lei/L13709.htm Acesso em: 26 jun. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 7287, de 18 de dezembro de 1984.** Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 19 dez. 1984. n.p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7287.htm Acesso em: 07 jul. 2024.

BRUNO, M. C. O. **Museologia e museus:** os inevitáveis caminhos entrelaçados. IN: Cadernos de Sociomuseologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 25, 2006. p. 5-20. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419> Acesso em: 03 jul. 2024.

BRUNO, M. C. O. **Museologia:** algumas ideias para a sua organização disciplinar. IN: Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, n. 9, 1996. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/291>. Acesso em: 14 out. 2023.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARNEIRO JR., R. A. (Coord.); CARNEIRO, C. M. S. B.; CARVALHO, J. L. de; SBRAVATI, M. **Catálogo de Equipamentos Culturais do Paraná.** Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CARNEIRO, J. L. **Religiões afro-brasileiras:** uma construção teológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS. Sobre. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.cjap.pr.gov.br/> Acesso em: 23 jun. 2024.

CHAGAS, M. de S. (Coord.). Museu: coisa velha, coisa antiga. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, p. 1-20, 1987. Disponível em: <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/05/39coisavelha.pdf> Acesso em: 12 fev. 2025.

CHAGAS, M. de S. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. 2 ed. Chapecó: Argos, 2015.

CHAGAS, M. de S. Seminário 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas (a partir da museologia social) para os museus no Brasil contemporâneo. In: IBRAM. **Anais 200 anos de museus no Brasil:** desafios e perspectivas. Organização de Ana Lourdes de Aguiar Costa; Eneida Braga Rocha

de Lemos. Brasília, DF: Ibram, 2018. Disponível em: <https://mariochaqas.com/wp-content/uploads/2020/01/1seminario200anos.pdf> Acesso em: 18 mai. 2025.

CHAGAS, M. de S.; NASCIMENTO JUNIOR, J. do (Orgs.). **Subsídios para a criação de Museus Municipais**. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/subsidios-para-criacao-de-museus-municipais> Acesso em: 23 jun. 2024.

CONSIDERA, A. F. **Uma história dos fazeres museais no Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX**: Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paranaense e Museu Paulista. 2015. 274 f. Tese – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/18474>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CONSTRUIR NOTÍCIAS. **História de Oxóssi**. Distrito Federal, s.d., n.p. Lá vem a História. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/historia-de-oxossi/> Acesso em: 05 fev. 2025.

CORRÊA, R. de O. **Narrativas sobre o processo de modernizar-se**: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR. 2008. 305 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas PPGICH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90959> Acesso em: 06 nov. 2023.

COSTA, C. M. **Uma arca das tradições**: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio. 2011. 324 f. Tese – Programa de Pós-Graduação em História, Políticas e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/0aa53953-8faa-44d1-9e15-4ecb0a8d66f1>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CPDOC-FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **O que é História Oral**. s.d., n.p. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> Acesso em: 18 jul. 2023.

DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Organizadora). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2002. 21ª Edição.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 98 pp.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro/FUNARJ, 2014.

FACEBOOK. **Museu Municipal Cristòforo Colombo**, 2022. n.p. Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=585122003418797&set=a.498479305416401&locale=pt_BR Acesso em: 28 jun 2024.

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia?** TOKYO: KOMABA, 2003. APAZA, Agustín (Trad.); RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; SOARES, Franco Nero Antunes (Rev.). [Título original: "What is Philosophy of Technology?"]. Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf Acesso em: 05 fev. 2025.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins (Org.). **Manual de Transcrição**. Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, Florianópolis: UFSC, 2008.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). **Apresentação**. IN: Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRASI, Penha; LEVINDO, Ogan; TUCAL. As Flores na Umbanda. **Federação Espírita do Brasil**, Espírito Santo, s.d., n.p. Disponível em: <http://www.fedespbrasil-es.org.br/pg/24612/as-flores-na-umbanda> Acesso em: 05 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 46 ed., 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOOGLE STREET VIEW, 2024. n.p. Disponível em <https://www.google.com/maps/search/GOOGLE+MAPS> Acesso em: 28 jun 2024.

GRABOWSKI, Ariadne F. de S. **Museu de fotografia cidade de Curitiba – PR (MFCC)**: o processo de produção, circulação e consumo do acervo (1996-2020). 2021. 246 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba 2021. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26149> Acesso em: 27 jun. 2024.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento**. 1977. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Escola Pós-graduada de Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1977. Disponível em: <https://fespsp.pergamum.com.br/acervo/283> Acesso em: 15 ago. 2024.

IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). **Conheça o Programa Saber Museu**. Brasília. 2023. n.p.. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e>

atividades/programa-saber-museu/conheca-o-programa-saber-museu/conheca-o-programa-saber-museu Acesso em 21 de mai de 2025.

IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). **Editais de Fomentos e Financiamento**. Brasília. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/fomento-e-financiamento/editais-de-fomentos-e-financiamento> Acesso em: 01 mai. 2025.

IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. n.p. Disponível em <https://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/05/guiadosmuseusbrasileiros.pdf> Acesso em: 27 jun 2024.

IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). **Sistema Brasileiro de Museus – SBM**. Brasília, 2022. n.p. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/sistema-brasileiro-de-museus> Acesso em: 05 de abr. de 2025.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Mesa-redonda de Santiago do Chile**. IN: *Cadernos de Sociomuseologia*, 1999, v. 15, n. 15. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342> Acesso em: 26 mai. 2025.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Declaração de Quebec, princípios de base de uma nova museologia**, 1984. IN: *Cadernos de Sociomuseologia*, 1999, v. 15, n. 15. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342> Acesso em: 26 mai. 2025.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Código de Ética do ICOM para Museus**. Brasília: UNB, 2010. Disponível em: https://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf . Acesso em: 26 ago. 2023.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Nova Definição de Museu**, 2022. Disponível em https://www.icom.org.br/?page_id=2776 Acesso em: 26 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus e Turismo: Estratégias de Cooperação**. Brasília: IBRAM, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. IN: História e memória. Campinas: Unicamp, 1990.

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo (Org.). **Cultura nas Capitais 2025 – Downloads capitais**. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2025, p. 7. Disponível em: <https://culturanascapitais.com.br/wp-content/uploads/2025/02/Capitais-%E2%80%94-Curitiba.pdf> Acesso em: 12 fev. 2025.

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo (Org.). **Cultura nas Capitais 2025: Acesso a Atividades Culturais**. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2025. n.p. Disponível em: <https://culturanascapitais.com.br/acao-a-atividades-culturais/> Acesso em: 12 fev. 2025.

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo (Org.). **Cultura nas Capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte.** Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018, p. 28, 132-133. Disponível em: https://static.poder360.com.br/2018/07/10810_Livro_Web.pdf Acesso em: 12 fev. 2025.

MARAVALHAS, Flora Brochado. **Fatores relacionados à criação de museus em municípios brasileiros.** Brasília, 2018. 65 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública, Universidade de Brasília. Disponível em <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/32671> Acesso em: 26 jul. 2024.

MARINGÁ HISTÓRICA. **Pioneiro: Dr. Hélenton Borba Cortes.** Maringá. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.maringahistorica.com.br/pioneiros/20/helenton-borba-cortes> Acesso em: 05 abr. 2025.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Educação, mutualismo e nacionalização: aspectos de uma escola étnica italiana no Paraná (1905-1918).** Roteiro, Joaçaba, v. 32, n. 2, p. 167-182, jul./dez. 2007. Disponível em <https://www.aacademica.org/elaine.catia.falcade.maschio/3.pdf> Acesso em: 26 jul. 2024.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces.** IN: Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf Acesso em: 18 jul. 2023.

MAYER, Milena Santos. **Políticas Públicas e Museus: uma análise sobre as instituições dos Campos Gerais-PR.** Ponta Grossa, 2015. 136f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Entrevistas em história oral.** IN: Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011, p. 100-114.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **A História, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. IN: Rev. Inst. Est. Bras., SP, 34, 9-24, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Unesco.** Brasília, s.d., n.p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco> Acesso em: 04 ago. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19.** s.d., n.p. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19> Acesso em: 14 jul 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO PARANÁ. **Memorial – Edmundo Mercer Júnior**. s.d., n.p. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/memorial/Pagina/Edmundo-Mercer-Junior> Acesso em: 05 abr. 2025.

MOTA, Rafael Santos. **ÈKỌ ATI ÍŞE ỌRỌ SÌŞỌ- EDUCAÇÃO E ORALIDADE: O DITO E O NÃO DITO NO EDUCAR SOBRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO CANDOMBLÉ**. Dissertação Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia. 2020.

MUSEOLOGIA DIGITAL. **DEMU - Departamento de Museus e Centros Culturais**. Brasília: CENEDOM, s.d., n.p. Disponível em: <https://museologiadigital.museus.gov.br/palavras-chave/departamento-de-museus-e-centros-culturais> Acesso em: 05 abr. 2025.

MUSEU CASA ALFREDO ANDERSEN. **Sobre**. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.mcaa.pr.gov.br/Pagina/Sobre> Acesso em: 23 jun. 2024.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO PARANÁ. **Apresentação**. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.mis.pr.gov.br/Pagina/Apresentacao> Acesso em: 23 jun. 2024.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **História**. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Historia> Acesso em: 23 jun. 2024.

MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO. **Sobre**. s.d., n.p. Disponível em: <https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/> Acesso em: 23 jun. 2024.

MUSEU OSCAR NIEMEYER. **História do Museu**, s.d., n.p.. Disponível em: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/sobre/historia> Acesso em: 14 fev 2025.

MUSEU PARANAENSE. **Apresentação**. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Apresentacao> Acesso em: 23 jun. 2024.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Sobre as Nações Unidas no Brasil**. Brasília, s.d., n.p. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/about/about-the-un> Acesso em: 04 ago. 2024.

NASCIMENTO, Ellen Cunha do; CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. O processo de informatização e catalogação de acervos museológicos dos museus vinculados à Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 11, n. Especial, p. 170–188, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/42141> Acesso em: 23 jun. 2024.

NASCIMENTO, Ellen Cunha do; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. **Encontros de Museus do Paraná (1988-2018)**. II Congresso Internacional e Multidisciplinar Arte & Cultura: Arte em Contextos Políticos Polarizados. GT01. Acervos, Museus e Memória. Anais Eletrônicos - ISBN: 978-65-982138-4-8, 2024. Disponível em: <https://www.artecultura2024.laboratoriosocial.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=16> Acesso em: 26 fev. de 2025.

NASCIMENTO, Ellen Cunha. **Museu Paranaense: a comunicação e o uso das redes sociais pela perspectiva de um Museu Histórico.** Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 80-99, dez. 2019. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/10-Relato-Allen.pdf> Acesso em: 23 jun. 2024.

NUNES, Naidea Nunes. **Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil, O Princípio da Nona Ilha dos Madeirenses: Brasil.** Actas do Colóquio As Mobilidades no Espaço e no Tempo, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura, 2017, pp. 215-254.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: A ideologia do espaço da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PARANÁ – SEEC. **Apresentação - Cosem.** Curitiba, s.d., n.p.. Disponível em: <https://www.cultura.pr.gov.br/COSEM/Pagina/Apresentacao> Acesso em: 05 abr. 2025.

PARANÁ. **Carta de Guarapuava - 1º Encontro de Museus no Paraná.** Guarapuava, 1988.

PARANÁ. **Casa Civil: Sistema Estadual de Legislação.** Curitiba: Paraná, s.d., n.p. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/entradaSite.do?action=iniciarProcesso> Acesso em: 11 fev. 2025.

PARANÁ. **Constituição do Estado do Paraná.** Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, PR, 05 out. 1989. n.p. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=iniciarProcesso&tipoAto=10&orgaoUnidade=1100&retiraLista=true&site=1> Acesso em: 10 jun. 2024.

PARANÁ. **Lei 8485 - 03 de Junho de 1987,** Dispõe sobre a reorganização da estrutura básica do Poder Executivo no Sistema de Administração Pública do Estado do Paraná. Curitiba. 1987. n.p. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=8360&indice=1&totalRegistros=822&dt=18.4.2025.19.10.26.870> Acesso em: 18 mai. 2025.

PARANÁ. **Lei 19848 de 03 de Maio de 2019,** Dispõe a Organização administrativa básica do Poder Executivo Estadual. Curitiba. 2019. n.p. Disponível em: https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-03/1_Lei_19848.2019_-_reforma_administrativa_-_adm._direta.pdf Acesso em: 05 abr. 2025.

PARANÁ. **Lei 21352 de 01 de janeiro de 2023,** Dispõe a Organização administrativa básica do Poder Executivo Estadual. Curitiba. 2023. n.p. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=2>

78128&indice=11&totalRegistros=522&anoSpan=2025&anoSelecionado=2023&mesSelecionado=0&isPaginado=true Acesso em: 05 abr. 2025.

PARANÁ. **Lei 9.375 de 24 de Setembro de 1990** que Institui o Sistema Estadual de Museus do Paraná e adota outras providências. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, PR, 24 set. 1990. n.p. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=7181&indice=1&totalRegistros=1> Acesso em: 18 jul. 2023.

PEREIRA, Rodrigo Mateus. **Histórias da Luteria de Guitarras Elétricas: Memória e Trabalho nos anos 1960 em São Paulo**. 2019. 262 f. Tese (Doutorado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/62470> Acesso em: 03 jun. 2023.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTAL GELEDÉS. **O que você sabe sobre Mitologia Africana?** São Paulo, 12 de out. 2013. n.p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-voce-sabe-sobre-mitologia-africana/> Acesso em: 05 fev. 2025.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, 14, fev. 1997. p. 25-39.

PPGTE (Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade). **Mediações e Culturas**. Curitiba: UTFPR, 2024. n.p. Disponível em: <https://www.utfpr.edu.br/cursos/programas-de-pos-graduacao/ppgte-ct/sobre/mediacoes-e-cultura-1/> Acesso em: 22 jun. 2024.

PPGTE (Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade). **Sobre**. Curitiba: UTFPR, 2024. n.p. Disponível em: <https://www.utfpr.edu.br/cursos/programas-de-pos-graduacao/ppgte-ct/sobre/> Acesso em: 10 set. 2024.

PREFEITURA DE MARINGÁ. **Secretaria de Cultura – Patrimônio Histórico**, s.d., n.p. Disponível em <http://www3.maringa.pr.gov.br/cultura/?cod=patrimonio/20> Acesso em: 28 jun 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA. **Museu Tingui-Cuera**, 2023. n.p. Disponível em <https://www.araucariaonline.com.br/noticia/106/araucaria/passeios/museu-tingui-cuera.html> Acesso em: 23 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANACÁ. **Edital de abertura nº 001/2023 – retificado**. Disponível em <https://www.fundacaofafipa.org.br> Acesso em: 14 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. **Patrimônio Histórico: Museu Municipal Dr. Hélenton Borba Cortes.** s.d., n.p. Disponível em <http://www3.maringa.pr.gov.br/cultura/?cod=patrimonio/20> Acesso em: 23 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAQUARA. **Casa de Memória Manoel Alves Pereira,** Piraquara. s.d., n.p. Disponível em <https://www.piraquara.pr.gov.br/a-prefeitura/secretarias/paginas/juventude-esporte-recreacao/39> Acesso em: 23 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. **O Museu.** 2021. n.p. Disponível em <https://telemacoborba.pr.gov.br/imprensa/noticias/smcer/cultura/museu-historico> Acesso em: 23 jun. 2024.

RÁDIO MARINGÁ. **Teatro Calil Haddad de Maringá abre as portas aos fins de semana,** 2019. n.p. Disponível em <https://radiomaringa.com.br/noticia/488254/teatro-calil-haddad-de-maringa-abre-as-portas-aos-fins-de-semana> Acesso em: 28 jun 2024.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004.

RODEGHERO, C. S. (Coord.). **Manual de Procedimentos do Repositório de Entrevistas de História Oral – REPHO/UFRGS.** UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/repho/wp-content/uploads/2020/11/Manual-do-Repositorio-de-Entrevistas-de-Historia-Oral-versao-novembro-2020.pdf> Acesso em: 28 jun. 2024.

SALLES, P. G. **Tom Caderno de Ensaios da Universidade Federal do Paraná (2015-2019):** Projeto de Extensão Permeado por Arte, Cultura, Encontros, Práticas e Significados. 2023. 219 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba 2023. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/33011> Acesso em: 22 set. 2023.

SANTOS, M. R. **Gênero e Cultura Material: a dimensão política dos artefatos cotidianos.** Revista de Estudos Feministas-REF. V.26 n1 (2018). (ISSN 1806-9584). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37361> Acesso em: 01 mar. 2023.

SECRETARIA DA CULTURA DO PARANA. **Sic Cultura.** s.d., n.p. Disponível em <https://www.sic.cultura.pr.gov.br> Acesso em: 17 mai. 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Casa da Memória,** 2023. n.p. Disponível em <https://cultura.pontagrossa.pr.gov.br/casa-da-memoria/> Acesso em: 28 jun. 2024.

SIC CULTURA. **Equipamentos Culturais:** Museu Municipal Cristóforo Colombo, 2016. n.p. Disponível em <https://www.sic.cultura.pr.gov.br/> Acesso em: 23 jun. 2024.

SIGNIFICADOS. **Yánsàn: quem** é a deusa dos ventos das religiões afro-brasileiras. Significados. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.significados.com.br/iansa-quem-e-a-deusa-dos-ventos-das-religioes-afro-brasileiras/> Acesso em: 04 mar. 2025.

SILVA, Heloísa de Puppi. **Proposição metodológica interativa da “tecnologia social” como alternativa pró-sustentabilidade:** pesquisa-ação com a COOCAT-MEL em Telêmaco Borba-PR. 305 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2014/1/CT_PPGTE_D_Silva%2C%20Heloisa%20de%20Puppi%20e%202015.pdf?utm Acesso em: 26 mar. 2025.

SOUZA, Luciana Christina Cruz. **Você tem fome de quê?** Uma reflexão sobre patrimônio, legitimidade e novas perspectivas analíticas. IN: Revista Mosaico: Patrimônio e Museu, Brasília, v. 8, nº 12, 2017. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/65490> Acesso em: 26 jul. 2024.

SOUZA, Talita de. **Incêndio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, completa três anos;** relembre. Correio Braziliense. 2021. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/09/4947344-incendio-no-museu-nacional-no-rio-de-janeiro-completa-tres-anos-relembre.html> Acesso em: 01 nov. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA GERAL DA CULTURA. **Sistema Estadual de Cultura do Paraná:** Sistema de Informação da Cultura, 2020. n.p. Disponível em https://www.cultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-07/V7_sistema%20de%20indicadores%20de%20cultura.pdf Acesso em: 21 mai. 2024.

TAMASHII NATIONS. **Estátua Megazord - Power rangers** - Tamashii Buddies – Bandai. s.d., n.p. Disponível em: <https://www.tamashii.com.br/megazord-power-rangers-tamashii-buddies-128019/p> Acesso em: 22 fev. 2025.

UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). **Casa da Memória Paraná.** 2020. n.p. Disponível em: https://www2.uepg.br/dicion/casa-da-memoria-parana/?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 05 abr. 2025.

UFG (Universidade de Goiás). **Instituições culturais e seus respectivos âmbitos de ação.** Goiás: CIAR/UFG. s.d., n.p. Disponível <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1/cnt/modulo4/cnt/cntnt/1-2-3.html> Acesso em: 05 abr. 2025.

UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná). **Bacharelado em Museologia,** s.d., n.p. Disponível: <https://embap.curitiba1.unespar.edu.br/menu-ensino/graduacao/bacharelado-em-museologia> Acesso em: 23 jun. 2024.

VAZ, Adriana. **O Museu Oscar Niemeyer e seu público:** articulações entre culto, o massivo e o popular. Curitiba, 2011. 377 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26916> Acesso em: 18 ago. 2024.

VECHI, Tiago. **Iansã (Oyá) Brasil Escola**. s.d., n.p. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/iansa.htm>. Acesso em: 04 mar. 2025.

VIANA, Cintia Teixeira de Souza; BENICASA, Miria. **Maternidade Atípica: Termo e Conceito**. Revista Acadêmica Online. Volume 9, nº 46, 2023. Disponível em <https://www.sumarios.org/artigo/maternidade-at%C3%ADpica-termo-e-conceito> Acesso em: 13 set. 2024.

VIANA, Karina Muniz. **Sistema Estadual de Museus do Paraná**. Memória e Informação, v. 2, n. 1, p. 93-112, 11 out. 2018. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcbr/article/view/49> Acesso em: 05 abr. 2025.

VIEIRA, Ana Flávia Braun. **Histórico de Telêmaco Borba**. Telêmaco Borba, 2017. n.p. Disponível em: https://telemacoborba.pr.gov.br/index.php/a-cidade/historico#_ftn6 Acesso em: 05 abr. 2025.

VILAS BOAS, Jessica; TREVISAN, Mariana Bonat. História e Memória: **A Importância das Casas de Memória para o Reconhecimento da História**. 2024, p. 143-168. Local. IN: CESAR, Thays Carvalho; CRUZ, Danielle Fracaro da; VALLI, Eduardo Santana. (orgs.) Histórias narrativas e sociabilidades: diálogos e tensões. Curitiba: Escolha Certa Editora, 2024. Disponível em https://editoraescolhacerta.com.br/livros2024/Historianarrativas_sociabilidades_dialo_gostensoes.pdf Acesso em: 27 fev. 2025.

VILHENA, Claudia Maria Alves. **Competência em informação dos profissionais que atuam em museus: contribuição com os fazeres museológicos em inter-relação com a aprendizagem e a comunidade de prática**. Belo Horizonte, 2022. 280 f. Tese – Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/46314> Acesso em: 26 jul. 2024.

VINICIUS, Raul. **As características do Orixá Ibeji** – Saiba quem são essas divindades infantis. Astrocentro, São Paulo, 2018, n.p. Disponível em: <https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/ibeji/> Acesso em: 16 fev. 2025.

VINICIUS, Raul. **Oxóssi** – O Orixá da natureza que pode te proporcionar felicidade! Astrocentro, São Paulo, 2018, n.p. Disponível em: <https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/oxossi/> Acesso em: 05 fev. 2025.

VISITE MUSEUS. **Museu Histórico de Campo Largo**. s.d., n.p. Disponível em: <https://visite.museus.gov.br/instituicoes/museu-historico-de-campo-largo/> Acesso em: 23 jun. 2024.

VISITE MUSEUS. **Sobre**. s.d., n.p. Disponível em <https://visite.museus.gov.br/sobre/> Acesso em: 12 abr. 2025.

WIKIPEDIA. **Telêmaco Borba**. s.d., n.p.. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Tel%C3%AAmaco_Borba Acesso em: 05 abr. 2025.

ZAPPI, Lucrecia. **Frans Post**: Pintor holandês ganha enfim seu espaço junto aos mestres flamengos. Pesquisa Fapesp: São Paulo. Ed. 100, junho 2004. N.p.
Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/frans-post-2/> Acesso em: 22 fev. 2025.

APÊNDICE A - Protocolo de transcrição de entrevista



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Nome do(a) entrevistado(a)	
Data da entrevista	
Local da entrevista	
Horário de início	Horário de término
Entrevistadora	
Transcritor(a)	
Data da transcrição	
Formato da gravação	Identificação:
Tempo da gravação	

Fonte: Autoria própria (2023), adaptado de Corrêa (2008).

MINUTAGEM	TRANSCRIÇÃO
00:00:01	E:
00:00:02	C:
00:00:03	E:
00:00:04	C:
((FINAL DA GRAVAÇÃO ou CONCLUSÃO DA ENTREVISTA))	

Fonte: Autoria própria (2023), adaptado de Corrêa (2008).

APÊNDICE B - Norma de transcrição da entrevista

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

OCORRÊNCIA	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Antes da fala da entrevistadora	E:	E:
Antes da fala do colaborador/a	C:	C:
Qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o colaborador/a ou a entrevistadora não terminam a frase.	...	É...
Comentários descritivos do transcritor	((<i>minúscula</i>))	((<i>tosse</i>)) ((<i>ruído</i>)) ((<i>risos</i>)) ((<i>emoção</i>)) ((<i>choro</i>)) etc.
Transcrição inaudível, entre colchetes quando for uma palavra ou trecho.	[]	[palavra inaudível] ou [trecho inaudível]
Interrupções ou finalizações devem ser sinalizadas em caixa alta centralizada no corpo do texto.	((FINAL DA GRAVAÇÃO ou CONCLUSÃO DA ENTREVISTA))	((FINAL DA GRAVAÇÃO)) ou ((CONCLUSÃO DA ENTREVISTA))
Entonação enfática	MAÍUSCULAS	PÉSSIMO
Discurso direto ou citações, como a reconstituição de um diálogo por parte do/a colaborador/a	“entre aspas”	Falei: “gente do céu!”
Manter erros gramaticais e vícios de linguagem		“então”, “daí”, “não é”, “né”, “sabe?”
Em uma sobreposição ou simultaneidade de falas/vozes	[C- No dia que ele foi... E- [Quando? C- [para a Venezuela...
Palavras em língua estrangeira	<i>itálico</i>	<i>Passe-partout</i>

Fonte: Autoria própria (2025), adaptado de Nunes (2017) e Rodeghero (2020).

APÊNDICE C - Ficha de acompanhamento



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA

Título da Pesquisa: “Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e pelo patrimônio cultural”
Pesquisadora: Ellen Cunha do Nascimento
Vínculo Institucional: Mestranda do PPGTE UTFPR
Tipo de entrevista: História oral temática – Entrevista semiestruturada
Data de atualização da ficha:

DADOS DA(O) COLABORADOR(A)

Nome completo:
Data e local de nascimento:
Local de trabalho atual:
Vínculo empregatício:
Local de trabalho anteriores:
Contato:
Observação:

DADOS DA ENTREVISTA

Data do contato/convite:
Data(s) da(s) entrevista(s):
Local da(s) entrevista(s):
Duração da entrevista:
Identificação:

ANDAMENTO DAS ETAPAS

Transcrição:
Conferência da transcrição:
Envio ao(a) colaborador(a):
Retorno do(a) colaborador(a):
Autorização do(a) colaborador(a)
Termo de uso da entrevista/imagem:
Análise:

DOCUMENTOS

Data de autorização da versão final da transcrição:
Data do Termo de uso da entrevista/imagem:
Data de envio do agradecimento:
Envio da dissertação após defesa e entrega da versão final:

Fonte: Autoria própria (2025), adaptado de Meihy e Holanda (2015).

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

Explicar ao entrevistado sobre a pesquisa e o objetivo da entrevista. Avisar que a conversa será gravada, solicitar assinatura do termo de ciência/autorização e avisar o tempo aproximado que levará a entrevista.

Anotar: data, horário e local da entrevista.

IDENTIFICAÇÃO		
	Questões	Objetivos
01	Gostaria que contasse como foi sua infância e se e se tem memórias sobre colecionar e guardar objetos?	Objetivo identificar o interesse pela área.
02	Você lembra sobre a primeira experiência em um museu? Conseguiria descrever?	Se o(a) colaborador(a) teve incentivo para se interessar pela área de museu/patrimônio.
03	Você conseguiria dizer por que escolheu a área de museus/ patrimônio cultural?	Verificar se a pessoa tem consciência que escolheu sua área para atuação profissional.
VIVÊNCIA PROFISSIONAL		
	Questões	Objetivos
04	Como é sua experiência trabalhando neste museu? Suas práticas e afazeres?	Início de compartilhamento da experiência profissional.
05	Qual situação mais inusitada presenciou?	Conhecer as histórias interessantes que o(a) entrevistado(a) presenciou.
06	Se pudesse mudar algo o que seria?	Quais ações o(a) entrevistado(a) realizaria para mudar o local em que trabalha/ indicativo de possíveis desafios e disputas.

Fonte: Autoria própria (2023), adaptado de Pereira (2019).

Agradecimento ao entrevistado por colaborar e disponibilizar o seu tempo para participar da entrevista e informar que terá o acesso a transcrição e será consultado do que poderá ou não ser utilizado na pesquisa.

Anotar: horário de encerramento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

Explicar ao entrevistado sobre a pesquisa e o objetivo da entrevista. Avisar que a conversa será gravada, solicitar assinatura do termo de ciência/autorização e avisar o tempo aproximado que levará a entrevista.

Anotar: data, horário e local da entrevista.

IDENTIFICAÇÃO		
	Questões	Objetivos
01	Gostaria que contasse como foi sua infância e se e se tem memórias sobre colecionar e guardar objetos?	Objetivo identificar o interesse pela área.
02	Você lembra da primeira experiência em um museu? Conseguiria descrever?	Se o(a) colaborador(a) teve incentivo para se interessar pela área de museu/patrimônio.
03	Você conseguiria dizer por que escolheu a área de museus/ patrimônio cultural para trabalhar?	Verificar se a pessoa tem consciência que escolheu sua área para atuação profissional.
VIVÊNCIA PROFISSIONAL		
	Questões	Objetivos
04	Como é sua experiência trabalhando neste museu? Suas práticas e afazeres? (Como é a sua rotina de trabalho?)	Início de compartilhamento da experiência profissional.
05	Quais atividades, ações ou eventos que realizou no museu ou para o museu que você considera importante, interessante e que te marcou de alguma forma.	Identificar as boas práticas e iniciativas realizadas no museu.
06	Qual situação mais inusitada presenciou?	Conhecer as histórias interessantes que o(a) entrevistado(a) presenciou.
07	Me diga 5 palavras que associa a museu.	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).
08	Me diga 5 palavras que associa ao museu em que trabalha.	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).
09	O que pensa ou sente quando te perguntam sobre o museu em que trabalha.	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).
10	Se pudesse mudar algo o que seria?	Quais ações o(a) entrevistado(a) realizaria para mudar o local em que trabalha/ indicativo de possíveis desafios e disputas.

Fonte: Autoria própria (2024), adaptado de Pereira (2019).

Agradecimento ao entrevistado por colaborar e disponibilizar o seu tempo para participar da entrevista e informar que terá o acesso a transcrição e será consultado do que poderá ou não ser utilizado na pesquisa.

Anotar: horário de encerramento.

APÊNDICE E - Convite



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Curitiba, xxxx de 2024.

Prezada(o) Xxxxx Xxxxx,

Gostaria de convidá-la(o) para participar da pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR).

A pesquisa até o presente momento está intitulada “Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural”, a investigação tem como objetivo conhecer os museus municipais e as suas boas práticas, boas iniciativas, os desafios e as disputas na prática profissional.

Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de entrevista, com gravação de áudio e captura de imagem para fins acadêmicos (presencial ou virtual).

Coloco-me à disposição para quaisquer informações e antecipadamente agradeço pelo seu tempo.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Mestranda do PPGTE | UTFPR

E-mail: ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br |

ellencunhadonascimento@yahoo.com.br

Orientador: Profº Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

E-mail: olive.ronaldo@gmail.com



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Curitiba, 07 de agosto de 2024.

Prezada [REDACTED]

Gostaria de convidá-la para participar da pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR).

A pesquisa até o presente momento está intitulada "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a investigação tem como objetivo conhecer os museus municipais e as suas boas práticas, boas iniciativas, os desafios e as disputas na prática profissional.

Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de entrevista, com gravação de áudio e captura de imagem para fins acadêmicos (presencial ou virtual).

Coloco-me à disposição para quaisquer informações e antecipadamente agradeço pelo seu tempo.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Mestranda do PPGTE | UTFPR

E-mail: ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br | ellencunhadonascimento@yahoo.com.br

Orientador: Prof^o Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

E-mail: olive.ronaldo@gmail.com



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Curitiba, 07 de agosto de 2024.

Prezado [REDACTED]

Gostaria de convidá-lo para participar da pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR).

A pesquisa até o presente momento está intitulada "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a investigação tem como objetivo conhecer os museus municipais e as suas boas práticas, boas iniciativas, os desafios e as disputas na prática profissional.

Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de entrevista, com gravação de áudio e captura de imagem para fins acadêmicos (presencial ou virtual).

Coloco-me à disposição para quaisquer informações e antecipadamente agradeço pelo seu tempo.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Mestranda do PPGTE | UTFPR

E-mail: ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br | ellencunhadonascimento@yahoo.com.br

Orientador: Prof^o Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

E-mail: olive.ronaldo@gmail.com



ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO <ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br>

Convite

1 mensagem

ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO <ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br>

7 de agosto de 2024 às 07:48

Para: [REDACTED]

Bom dia, [REDACTED] tudo bem?
Sinceramente espero que este e-mail a encontre bem.

[REDACTED]ncamento em anexo convite para participação de pesquisa de mestrado.
Agradeço imensamente pela atenção e estou à disposição para quaisquer informações.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Convite [REDACTED].pdf
160K



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Colombo, 07 de agosto de 2024.

Prezado [REDACTED],

Gostaria de convidá-lo para participar da pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR).

A pesquisa até o presente momento está intitulada "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a investigação tem como objetivo conhecer os museus municipais e as suas boas práticas, boas iniciativas, os desafios e as disputas na prática profissional.

Em caso de aceite, sua participação se dará por meio de entrevista, com gravação de áudio e captura de imagem para fins acadêmicos (presencial ou virtual).

Coloco-me à disposição para quaisquer informações e antecipadamente agradeço pelo seu tempo.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Mestranda do PPGTE | UTFPR

E-mail: ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br | ellencunhadonascimento@yahoo.com.br

Orientador: Prof^o Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

E-mail: olive.ronaldo@gmail.com



ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO <ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br>

Convite

1 mensagem

ELLEN CUNHA DO NASCIMENTO <ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br>

7 de agosto de 2024 às 07:45

Para

Bom dia [REDACTED] tudo bem?
Sinceramente espero que este e-mail o encontre bem.

[REDACTED] encaminho em anexo convite para participação de pesquisa de mestrado.
Agradeço imensamente pela atenção e estou à disposição para quaisquer informações.
Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Convite [REDACTED].pdf
100K

APÊNDICE F - Termo de autorização de uso de entrevista



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, _____, RG _____, declaro estar ciente do uso da minha entrevista e AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Ellen Cunha do Nascimento, da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) intitulado “Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural”, a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes e cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizo utilizá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações.

Desde que obedeça ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº8069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei nº 10741/2003), das pessoas com deficiência (Decreto nº 3298/1999, alterado pelo Decreto nº 5296/2004), e da Proteção de Dados (LGPD - Lei Federal nº 13.709/2018).

Autoriza a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?	Sim ()	Não ()
Concorda que a sua identidade seja revelada?	Sim ()	Não ()
Autoriza o uso de imagem, fotografia cedida durante a entrevista e pesquisa para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?	Sim ()	Não ()

Cidade, xx de xxx de 202X.

 Autor(a) da entrevista
 Nome Completo



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, [REDACTED] nascida em [REDACTED], RG [REDACTED]

declaro estar ciente do uso da minha entrevista e AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Ellen Cunha do Nascimento, da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) intitulado "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes e cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizo utilizá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações.

Desde que obedeça ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº8069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei nº 10741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº 3298/1999, alterado pelo Decreto nº 5296/2004), e da Proteção de Dados (LGPD - Lei Federal nº 13.709/2018).

Autoriza a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?

Sim () Não ()

Concorda que a sua identidade seja revelada?

Sim () Não ()

Autoriza o uso de imagem, fotografia cedida durante a entrevista e pesquisa para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?

Sim () Não ()

[REDACTED] 06 de agosto de 2024.

[REDACTED]
Colaborador(a) da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, [REDACTED] nascida em [REDACTED] RG [REDACTED]

declaro estar ciente do uso da minha entrevista e AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Ellen Cunha do Nascimento, da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) intitulado "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes e cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizo utilizá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações.

Desde que obedeça ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº8069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei nº 10741/2003), das pessoas com deficiência (Decreto nº 3298/1999, alterado pelo Decreto nº 5296/2004), e da Proteção de Dados (LGPD - Lei Federal nº 13.709/2018).

Autoriza a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada? Sim (X) Não ()

Concorda que a sua identidade seja revelada? Sim (X) Não ()

Autoriza o uso de imagem, fotografia cedida durante a entrevista e pesquisa para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada? Sim (X) Não ()

[REDACTED], 24 de janeiro de 2025.

[REDACTED]
Colaboradora na entrevista
[REDACTED]

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, [REDACTED] nascido em [REDACTED] RG [REDACTED] declaro estar ciente do uso da minha entrevista e AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Ellen Cunha do Nascimento, da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) intitulado "Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural", a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes e cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizo utilizá-la integralmente ou em partes sem restrições de prazos e limites de citações.

Desde que obedeça ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei nº 10741/2003), das pessoas com deficiência (Decreto nº 3298/1999, alterado pelo Decreto nº 5296/2004), e da Proteção de Dados (LGPD - Lei Federal nº 13.709/2018).

Autoriza a utilização da entrevista para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?

Sim (x) Não ()

Concorda que a sua identidade seja revelada?

Sim (x) Não ()

Autoriza o uso de imagem, fotografia cedida durante a entrevista e pesquisa para fins científicos e de estudos (dissertações, tese, livros, capítulos de livros, artigos científicos e de divulgação, slides, apresentações e citações), em favor da pesquisa acima especificada?

Sim (x) Não ()

[REDACTED] 14 de fevereiro de 2025.

[REDACTED]
Colaborador na entrevista
[REDACTED]

APÊNDICE G - Quadro de temas

QUADRO DE TEMAS

TEMA	Localização por página		
	C1	C2	C3
Narrativa pessoal	1-2, 2, 3, 4, 5	1, 2,	1, 3
Emoção	12, 17-18, 18		1, 2,
Estudo	3, 4, 5, 8	7,	2, 4
Museu	2, 3, 4, 5, 6-7, 14	1, 2, 7,	2
Colecionismo	2, 3	1, 2,	2
Gestão Municipal	7, 8, 10, 10-11, 12, 13, 14	2, 3, 8, 10-11	6-7, 7
Trabalho	5, 6, 7-8, 8, 8-9, 10, 11-12, 12-13, 13, 14-16, 16-17, 18, 18-20	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Boas práticas e iniciativas		3, 4,	4, 5
Desafios e disputas		3, 8, 9, 10, 12	4-5, 6,

Fonte: Autoria própria (2025), adaptado de Pereira (2019).

DESCRIÇÃO DOS TEMAS

Narrativa pessoal	Memórias e situações particulares, assuntos associados à vida particular que envolve família, lembranças da infância e demais memórias afetivas
Emoção	Sentimentos, emoções e opiniões
Estudo	Vivências relacionadas a estudo e capacitação (curso de curta duração, curso de extensão, graduação, etc.)
Museu	Relatos e memórias relacionadas à área de museu, exposição, patrimônio e cultura
Colecionismo	Lembranças sobre o ato de colecionar
Gestão Municipal	Situações relacionadas à gestão pública municipal e questões políticas
Trabalho	Atuação profissional - vinculado como estagiário(a), instituição privada ou pública [servidor público (concursado), CLT ou cargo comissionado]
Boas práticas e iniciativas	Ações e atividades realizadas junto a comunidade/ visitantes. Pode sobrepor a questões de trabalho.
Desafios e disputas	Situações que fragilizam a realização de alguma ação e ou atividade na instituição museal que trabalha. Pode sobrepor a questões de trabalho.

Fonte: Autoria própria (2025).

APÊNDICE H - Identificação



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

IDENTIFICAÇÃO DOS(AS) COLABORADORES(AS)

Identificação Documental	Identificação na dissertação (Iorùba Português)		
	Óriṣà Orixá*	Características	Ìtàn História/Conto
C1	Yánsàn Iansã	Possui o poder de controlar e direcionar os ventos, trazendo mudanças e transformações. Suas tempestades representam sua capacidade de purificar e renovar.	Ogum foi derrotado pela arte da guerra que ele havia ensinado a Iansã e aprendeu que homem nenhum pode segurar o vento, por mais poderoso que seja.
C2	Óṣoosì Oxóssi	Caçador, associado à natureza, à fartura, à prosperidade, às artes. Oxóssi estimula a busca pelo conhecimento, de modo a expandir os sentidos da vida.	Caçador de uma só flecha.
C3	Ìbejì Ibeji	Protetor das crianças, simboliza o nascimento e a vida.	Conseguiram enganar a morte.

Fonte: Autoria própria (2025).

APÊNDICE I - Ficha de Identificação dos Museus



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS

[FOTO]			
Instituição			
Tipologia			
Município		Criação	
Gestão			
Horário			
Ingresso			
Contato			
Redes sociais			
Corpo técnico - Quantidade			
Corpo técnico - Formação			
Quantidade de Acervos			
Reserva técnica		Auditório	
Sala de exposição de longa		Sala de exposição de curta duração	
Setor educativo		Agendamento para grupo de visitantes	
Participa da Semana nacional de Museus		Participa da Primavera dos Museus	
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa			
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração			
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.			

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS



Fonte: Araucária Online (2023).

Instituição	Museu Tingüi-Cuera		
Tipologia	Museu Histórico		
Município	Araucária	Criação	1982
Gestão	Secretaria Municipal de Cultura e Turismo		
Horário	Terça a sexta das 08h às 12h e das 13h às 17h e aos domingos das 13h às 17h		
Ingresso	Gratuito		
Contato	(41) 3614-7633 museutinguicuera@araucaria.pr.gov.br		
Redes sociais/Site	Não possui		
Corpo técnico - Quantidade	03		
Corpo técnico - Formação	02 servidoras e 1 estagiário		
Quantidade de Acervos	532		
Reserva técnica	Sim	Auditório	Sim, 50 lugares
Sala de exposição de longa	Sim	Sala de exposição de curta duração	Sim
Setor educativo	Não	Agendamento para grupo de visitantes	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Não	Participa da Primavera dos Museus	Não
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Sim		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Não foi informado.		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Não foi informado.		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS


Fonte: Google Street View (2024).

Instituição	Museu Histórico de Campo Largo		
Tipologia	Museu histórico		
Município	Campo Largo	Criação	2004
Gestão	Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Cultura		
Horário	Terça a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h		
Ingresso	Gratuita		
Contato	(41) 3291-5096 museu.decult@gmail.com		
Redes sociais/site	https://www.facebook.com/museucampolargo		
Corpo técnico - Quantidade	03 servidores(as)		
Corpo técnico - Formação	Pedagogia e 02 administrativos.		
Quantidade de Acervos	2 mil peças, entre acervos arqueológicos, artes visuais, fotográfico, numismática e tridimensionais		
Reserva técnica	Sim	Auditório	Não
Sala de exposição de longa	Sim	Sala de exposição de curta duração	Não
Setor educativo	Não	Agendamento para grupo de visitantes	Não
Participa da Semana nacional de Museus	Sim	Participa da Primavera dos Museus	Sim
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Não		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Não foi informado.		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Através de visitas guiadas e participação em eventos culturais da Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura.		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS


Fonte: Facebook (2022).

Instituição	Museu Municipal Cristóforo Colombo		
Tipologia	Histórico e Etnográfico		
Município	Colombo	Município	Colombo
Gestão	Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Lazer		
Horário	segunda a sexta das 08h 12h e das 13h às 17h, sábados e domingos das 13h às 17h		
Ingresso	Gratuito		
Contato	(41) 3656-6612 3656-8639 museucristoforocolombo@gmail.com		
Redes sociais/site	@museucristoforocolombo https://www.facebook.com/museucristoforocolombo		
Corpo técnico - Quantidade	06		
Corpo técnico - Formação	História e Artes		
Quantidade de Acervos	6.000		
Reserva técnica	sim	Reserva técnica	sim
Sala de exposição de longa	sim	Sala de exposição de longa	sim
Setor educativo	Sim	Setor educativo	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Não	Participa da Semana nacional de Museus	Não
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	sim	Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	sim
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Não possui espaço.		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Realizam aulas de campo com turmas do ensino médio.		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS

			
Fonte: Prefeitura de Maringá (s.d.).			
Instituição	Museu de História e Arte Hélenon Borba Côrtes		
Tipologia	Museu Histórico e Arte		
Município	Maringá	Criação	1964
Gestão	Secretaria Municipal de Cultura		
Horário	Segunda à sexta das 08h às 17h		
Ingresso	Gratuita		
Contato	44 3221-2509, 3218-6121 semuc_acervo@maringa.pr.gov.br		
Redes sociais/site	http://www3.maringa.pr.gov.br/turismo/?cod=atrativos-turisticos/50		
Corpo técnico - Quantidade	06 servidores(as) e 03 estagiários(as)		
Corpo técnico - Formação	Turismo, Artes, Arquitetura, Geografia, Historiador.		
Quantidade de Acervos	4 mil (aproximadamente)		
Reserva técnica	Sim	Auditório	Sim
Sala de exposição de longa	Sim	Sala de exposição de curta duração	Sim
Setor educativo	Não possui setor dedicado	Agendamento para grupo de visitantes	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Sim	Participa da Primavera dos Museus	Sim
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Sim		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Necessidades da instituição e demanda externa		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Semana de férias, oficinas, formações, educação patrimonial		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS



Fonte: Google Street View (2024).

Instituição	Casa da Memória Manoel Alves Pereira		
Tipologia	Museu histórico		
Município	Piraquara	Criação	2015
Gestão	Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer		
Horário	Segunda a sexta das 09h às 12h e das 13h às 17h		
Ingresso	Gratuita		
Contato	41 359-3605 casa.memoria@piraquara.pr.gov.br		
Redes sociais/site	http://casadamemoria.piraquara.pr.gov.br/index.php/casa-da-memoria/ https://www.facebook.com/p/Casa-da-Mem%C3%B3ria-Manoel-Alves-Pereira-100039807322908/		
Corpo técnico - Quantidade	02 servidoras e 02 estagiários(as)		
Corpo técnico - Formação	Museóloga e Historiadora		
Quantidade de Acervos	323 acervos		
Reserva técnica	Sim	Auditório	Não
Sala de exposição de longa	Sim	Sala de exposição de curta duração	Sim
Setor educativo	Sim	Agendamento para grupo de visitantes	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Sim	Participa da Primavera dos Museus	Sim
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Sim, consulta local.		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	As exposições resultam do trabalho de pesquisa para alimentação do banco de informações a respeito da memória e da		

	história do município. A comunicação dessas pesquisas ocorrem através da ferramenta expositiva. Ainda é garantido espaço para exposição de comunicação de trabalhos de pesquisadores colaboradores.
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Atividades de Educação Patrimonial com públicos específicos, Roda Poética em parceria com a Biblioteca Municipal e a realização do Projeto Chá com Memória.

Fonte: Autoria própria (2025).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS


Fonte: Secretaria Municipal de Cultura (2023).

Instituição	Casa da Memória Paraná		
Tipologia	Histórico		
Município	Ponta Grossa	Município	Ponta Grossa
Gestão	Secretaria de Cultura		
Horário	segunda a sexta das 9h às 17h		
Ingresso	gratuita		
Contato	(42) 984333431, 3220-1000 – ramal 2096 casadamemoria_pg@hotmail.com		
Redes sociais/site	@casadamemoriaparana		
Corpo técnico - Quantidade	03		
Corpo técnico - Formação	História		
Quantidade de Acervos	60 mil itens (negativos em vidro 45mil, películas, fotográfico, acervo diverso) - aproximadamente		
Reserva técnica	Sim	Reserva técnica	Sim
Sala de exposição de longa	sim	Sala de exposição de longa	sim
Setor educativo	sim	Setor educativo	sim
Participa da Semana nacional de Museus	Às vezes	Participa da Semana nacional de Museus	Às vezes
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Sim	Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Sim
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Dependendo da temática aceitam propostas expositivas.		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Existe o projeto da sala de patrimônio, coral 50+, realizam eventos e o dia da cultura.		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS


Instituição	Museu Histórico Municipal de Telêmaco Borba		
Tipologia	Museu histórico		
Município	Telêmaco Borba	Criação	1975
Gestão	Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Recreação		
Horário	Segunda a sexta das 08h às 11h e das 13h às 17h30		
Ingresso	Gratuita		
Contato	(42) 31278708 museuhistorico@telemacoborba.pr.gov.br		
Redes sociais/site	https://www.telemacoborba.pr.gov.br/imprensa/noticias/smcer/cultura/museu-historico.html		
Corpo técnico - Quantidade	01 servidora		
Corpo técnico - Formação	Artes		
Quantidade de Acervos	2.500 (estimativa)		
Reserva técnica	Sim	Auditório	Não
Sala de exposição de longa	Sim	Sala de exposição de curta duração	Sim
Setor educativo	Não	Agendamento para grupo de visitantes	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Sim	Participa da Primavera dos Museus	Sim
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	Não		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Não foi informado.		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Não foi informado.		

Fonte: Autoria própria (2024).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS MUSEUS MUNICIPAIS


Fonte: Google Street View (2024).

Instituição	Museu Histórico Desembargador Edmundo Mercer Júnior		
Tipologia	Museu histórico		
Município	Tibagi	Criação	1986
Gestão	Secretaria Municipal de Educação e Cultura		
Horário	terça a domingo das 09h às 11h30 e das 13h30 às 17h		
Ingresso	Gratuita		
Contato	42-3916-2189 museu@tibagi.pr.gov.br		
Redes sociais/site	https://www.facebook.com/museudetibagi		
Corpo técnico - Quantidade	02		
Corpo técnico - Formação	01 Historiador, 01 ensino médio		
Quantidade de Acervos	4 mil		
Reserva técnica	01	Auditório	não
Sala de exposição de longa	09 salas	Sala de exposição de curta duração	01 sala
Setor educativo	sim	Agendamento para grupo de visitantes	Sim
Participa da Semana nacional de Museus	Sim	Participa da Primavera dos Museus	Sim
Biblioteca ou centro de documentação e pesquisa	01		
Como é realizada a seleção de exposições de curta duração	Através de temas e sugestões da comunidade		
Quais são as ações e atividades culturais promovidas pelo museu.	Visitas monitoradas , teatros infantis, conhecendo patrimonio		

Fonte: Autoria própria (2024).

APÊNDICE J - Agradecimento



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

AGRADECIMENTO PELA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Curitiba, **xxxx** de 2025.

Gostaria de agradecer por participar da pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), vinculada à Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) intitulado “Museu de uma pessoa só: a (re)existência pela memória e patrimônio cultural”, a pesquisa tem como intuito conhecer as instituições e as práticas dos museus em que a gestão é realizada pelo município.

Após a defesa encaminharei por e-mail a versão final da dissertação e informo que posteriormente estará disponível no Repositório Institucional da Universidade Tecnológica do Paraná (RIUT)⁶³.

Mais uma vez agradeço pelo seu tempo e pela importante contribuição para o desenvolvimento da pesquisa.

Cordialmente,

Ellen Cunha do Nascimento

Mestranda do PPGTE | UTFPR

E-mail: ellencunhanascimento@alunos.utfpr.edu.br |

ellencunhadonascimento@yahoo.com.br

Orientador: Profº Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

E-mail: olive.ronaldo@gmail.com

⁶³ <https://repositorio.utfpr.edu.br>

APÊNDICE K - Roteiro de Entrevista x Transcrição



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

ROTEIRO DE ENTREVISTA x TRANSCRIÇÃO

Questões	Quais atividades, ações ou eventos que realizou no museu ou para o museu que você considera importante, interessante e que te marcou de alguma forma.	Me diga 5 palavras que associa a museu.	Me diga 5 palavras que associa ao museu em que trabalha.	O que pensa ou sente quando te perguntam sobre o museu em que trabalha.	Se pudesse mudar algo o que seria?
Objetivos	Identificar as boas práticas e iniciativas realizadas no museu.	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).	Identificação de possíveis palavras-chave/tema comum entre os(as) entrevistados(as).	Quais ações o(a) entrevistado(a) realizaria para mudar o local em que trabalha/ indicativo de possíveis desafios e disputas.
C1	Essa pergunta não foi realizada.	Essa pergunta não foi realizada.	Essa pergunta não foi realizada.	Essa pergunta não foi realizada.	Tentar concentrar em ações que possam ser promovidas “sozinha” sem depender muito de recursos e da gestão (p.18)
C2	A possibilidade de realizar a curadoria e a mediação da exposição, a experiência de troca com os visitantes. (p. 4)	Encanto Imaginação Pertencimento Legado/orgulho Sangue	Pioneirismo Identidade memória do tempo presente pertencimento Sangue	Reforçar constantemente a existência do museu (p. 8-9)	Reconhecimento e valorização do trabalho realizado pelo museu (P. 12)
C3	Última ação que recorda foi ter possibilitado o acesso a pessoas com deficiências a compartilhar experiências no museu	História Passado Presente futuro	Modernização Divulgação Conhecimento valorização	Valoriza o trabalho que faz	Mais acessibilidade (braille, libras, etc.)